

Julie Cristiane Teixeira Davet

**ESTUDO DA CONCORDÂNCIA VERBAL DE SEGUNDA
PESSOA DO SINGULAR EM FLORIANÓPOLIS-SC:
ALGUMAS IMPLICAÇÕES IDENTITÁRIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística, área de concentração em Sociolinguística e Dialetologia.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edair Maria Görski

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Davet, Julie Cristiane Teixeira

Estudo da concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis: algumas implicações identitárias / Julie Cristiane Teixeira Davet ; orientadora, Edair Maria Görski - Florianópolis, SC, 2013.

p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Variação linguística. 3. Formas pronominais de referência a P2. 4. Concordância verbal. 5. Amostra Floripa. I. , Edair Maria Görski. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Julie Cristiane Teixeira Davet

ESTUDO DA CONCORDÂNCIA VERBAL DE SEGUNDA PESSOA
DO SINGULAR EM FLORIANÓPOLIS-SC: algumas
implicações identitárias

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Linguística”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Linguística.

Florianópolis, 23 de maio de 2013.

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr.^a Edair Maria Görski (Orientadora)
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Prof. Dr. Luís Isaías Centeno do Amaral
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

Profa. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Profa. Dra. Leandra Cristina de Oliveira
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Profa. Dra. Cristine Görski Severo (suplente interno)
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Dedico esta dissertação a minha avó,
Idalina Oliveira Teixeira (*in
memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A Edair Görski, minha orientadora, pelo exemplo de profissionalismo e dedicação, fundamentais para a execução desta pesquisa;

À professora Izete Coelho, pelas sugestões e pelo acolhimento no Mestrado;

Aos colegas da pós-graduação em Linguística da UFSC: Carla Valle, Carlos Eduardo Lara, Christiane Nunes de Souza, Fernanda Lima Jardim, Hilda Leonor, João Paulo Prilla, Letícia Muza, Maria Helena Fávaro, Mariane Antero, Natália Resende, Paula Campos-Antoniassi, Raquel Chaves e Wagner Dantas, pelas contribuições;

Aos colegas do Instituto Federal de Santa Catarina, em especial, Alexandre Sardá, Antônio Galdino, Deise Mazera, Flávia Maia, Gustavo Gaciba, Leone do Carmo, Maria Lúcia Cidade de Souza, Marilene Vilhena, Karine Pereira e Sueli Costa, pelo incentivo;

A minha família, pelo afeto;

Ao Instituto Federal de Santa Catarina, pela concessão do meu afastamento.

“Se tu qués, qués; se não qués, diz!”

“...Temos rendeiras ainda, temos pessoas que sabem fazer tarrafas, temos alguns remanescentes que fazem artesanatos, sobreviventes dessas permanências culturais; eu acho que isso tem que ser valorizado, porque é coisa nossa, é coisa de ilhéu, de Santa Catarina, do Brasil.”

(Informantes da amostra Floripa)

RESUMO

A presente dissertação trata da variação na concordância verbal de segunda pessoa do singular na fala de florianopolitanos residentes nas comunidades da Costa da Lagoa, Ribeirão da Ilha, Ingleses e Região Central (amostra Floripa – coletada ao final da primeira década de 2000). A partir da sociolinguística variacionista, i) verificamos a produtividade de uso das formas pronominais *tu* vs. *ocê*; ii) analisamos fatores linguísticos, estilístico-discursivos, sociais e geográficos que podem condicionar a variação com o pronome *tu*, considerando-se duas variáveis: 'presença vs. ausência de marcas de concordância' e 'concordância canônica (*tu cantaste*) vs. canônica modificada' (*tu cantasse*); iii) comparamos os resultados com os obtidos em outros estudos, especialmente o de Loregian (1996) e Loregian-Penkal (2004) para a amostra Varsul coletada em Florianópolis no início da década de 1990; e iv) discutimos alguns aspectos relacionados à questão da identidade do florianopolitano. Os resultados apontam para: larga preferência dos informantes pelo uso do pronome *tu* em relação a *ocê*; baixa produtividade da regra variável de concordância (14% de marcas) em relação à amostra Varsul (50% de marcas); aplicação da regra de concordância condicionada por fatores linguísticos (explicitação do pronome, determinação do referente e classe gramatical), estilístico-discursivos (discurso reportado de terceiros e relações simétricas); sociais (informantes com menor escolaridade, mais velhos e do sexo masculino); e geográfico (zona urbana). Em relação a possíveis traços identitários, informantes que avaliam positivamente o termo *manezinho* favorecem a marcação de concordância de P2; a forma assimilada é mais frequente em marcadores discursivos do que em verbos, e na fala dos homens, dos mais velhos e dos menos escolarizados.

Palavras-chave: Variação linguística. Formas pronominais de referência a P2. Concordância verbal. Amostra Floripa.

ABSTRACT

This dissertation deals with the variation in the verbal concordance of the second person of singular in the speech of florianopolitanos residents in the communities of Costa da Lagoa, Ribeirão da Ilha, Ingleses and Central Region (sample Floripa - collected at the end of the 2000s). Based on the variationist sociolinguistics, i) we check the productivity use of the pronoun forms 'tu' vs. 'você'; ii) we analyze linguistic factors, stylistic-discursive, social and geographic factors that determine the variation in the verbal concordance of the second person of singular, considering two variables: 'presence vs. absence of marks' of 'concordance and canonical concordance (*tu cantaste*) vs. canonical modified' (*tu cantasse*); iii) we compare the results with those obtained in other studies, especially the Loregian (1996) and Loregian-Penkal (2004) for the sample collected in Florianópolis to sample Varsul in the early 1990s; and iv) we discuss some aspects related to the issue of florianopolitano identity. The results show: large choice of informants by the use of the pronoun 'tu', low productivity variable rule of concordance (14% marks) in relation to the sample Varsul (50% marks); application of the rule of concordance conditioned by linguistic (omission of the pronoun, determining the referent and gramatical class), stylistic-discursive (speech reported of others and symmetrical relations), social (informants less educated, older and sex male) and geographic (urban area) factors. In relation to possible identity marks, informants who positively evaluate the term '*manezinho*' promote the concordance of P2; assimilated form is more common in discourse markers than verbs, and speech of men, older and less educated.

Keywords: Linguistic Variation. Pronominal forms of reference to P2. Verbal concordance. Database Floripa.

LISTA DE FIGURAS/QUADROS/GRÁFICOS/TABELAS

	Página
Figura 1: Comunidades urbanas da nossa amostra	67
Figura 2: Comunidades não urbanas da nossa amostra	67
Quadro 1: Células sociais dos informantes consideradas na nossa amostra	68
Quadro 2: Células sociais dos informantes que apresentaram dados de P2 (<i>tu</i>) em nossa amostra	98
Gráfico 1: Distribuição do uso dos pronomes de P2 (<i>tu</i> e <i>você</i>) na amostra Floripa, por informante	89
Gráfico 2: Distribuição do uso dos pronomes de P2 (<i>tu</i> e <i>você</i>) na amostra Varsul (Florianópolis e Ribeirão da Ilha), por informante	91
Gráfico 3: Ocorrências dos pronomes de P2 (<i>tu</i> e <i>você</i>) na amostra Floripa	92
Gráfico 4: Distribuição da concordância verbal com o pronome <i>tu</i> na amostra Floripa	93
Gráfico 5: Distribuição da concordância verbal com o pronome <i>tu</i> na amostra Floripa (só com verbos)	95
Tabela 1: Distribuição da concordância verbal com o pronome <i>tu</i> na amostra Varsul (Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha)	26
Tabela 2: Concordância com o <i>tu</i> por localidade na amostra Varsul: Flores da Cunha, Panambi, Porto Alegre, São Borja, Florianópolis e Ribeirão da Ilha	30
Tabela 3: Frequência e probabilidade de uso de marca de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo a <i>Escolaridade</i> do informante	99
Tabela 4: Frequência e probabilidade de uso de marca de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo a <i>Avaliação do termo manezinho</i>	102
Tabela 5: Frequência e probabilidade de uso de marcas de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo a <i>Idade</i> do informante	104
Tabela 6: Frequência e probabilidade de uso de marcas	

Tabela 7:	de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo o <i>Sexo/Gênero</i> do informante Frequência e probabilidade de uso das variantes ‘ <i>concordância canônica</i> ’ vs. ‘ <i>concordância canônica modificada</i> ’ vs. ‘ <i>sem marca de concordância</i> ’ de P2 na amostra Floripa, segundo o <i>Sexo/Gênero</i> do informante	105
Tabela 8:	Presença vs. ausência de marca de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo o cruzamento entre <i>Avaliação do termo manezinho</i> e <i>Idade</i> do informante	106
Tabela 9:	Presença vs. ausência de marca de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo o cruzamento entre <i>Avaliação do termo manezinho</i> e <i>Sexo/Gênero</i> do informante	107
Tabela 10:	Frequência e probabilidade de uso de marcas de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo a <i>Pessoa do Discurso Reportado</i>	108
Tabela 11:	Frequência e probabilidade de uso de marcas de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo <i>Relações (As)simétricas entre os interlocutores</i>	110
Tabela 12:	Frequência e probabilidade de uso de marcas de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo a <i>Diazonalidade</i>	113
Tabela 13:	Frequência e probabilidade de uso de marcas de concordância verbal de P2 nos verbos da amostra Floripa, segundo os três grupos de fatores significativos	114
Tabela 14:	Frequência e probabilidade de uso de <i>concordância canônica modificada</i> vs. <i>concordância canônica</i> de P2 na amostra Floripa, segundo a <i>Classe gramatical</i>	116
Tabela 15:	Frequência e probabilidade de uso de <i>concordância canônica modificada</i> vs. <i>concordância canônica</i> de P2 na amostra Floripa, segundo a <i>Determinação do Referente</i>	119
Tabela 16:	Frequência e probabilidade de uso de <i>concordância canônica modificada</i> vs.	121

	<i>concordância canônica</i> de P2 na amostra Floripa, segundo a <i>Escolaridade</i>	123
Tabela 17:	Uso de <i>concordância canônica modificada vs. concordância canônica</i> de P2 na amostra Floripa, segundo o cruzamento entre <i>Escolaridade</i> do informante e <i>Classe gramatical</i>	123
Tabela 18:	Uso de <i>concordância canônica modificada vs. concordância canônica</i> de P2 na amostra Floripa, segundo o cruzamento entre <i>Sexo/Gênero</i> do informante e <i>Classe gramatical</i>	124
Tabela 19:	Uso de <i>concordância canônica modificada vs. concordância canônica</i> de P2 na amostra Floripa, segundo o cruzamento entre <i>Idade</i> do informante e <i>Classe gramatical</i>	125
Tabela 20:	Uso de <i>concordância canônica modificada vs. concordância canônica</i> de P2 na amostra Floripa, segundo o cruzamento entre <i>Avaliação do termo manezinho</i> e <i>Classe gramatical</i>	125
Tabela 21:	Frequência e probabilidade de uso de <i>concordância canônica modificada vs. concordância canônica</i> de P2 na amostra Floripa, segundo a <i>Diazonalidade</i>	127
Tabela 22:	Frequência e probabilidade de uso de marcas de concordância canônica modificada nos verbos da amostra Floripa, segundo os três grupos de fatores significativos	128

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 OBJETO DE ESTUDO	21
1.1 Revisão da Literatura: estudos sobre uso pronominal e concordância verbal de segunda pessoa do singular na Região Sul e questões sobre identidade em Florianópolis-SC	21
1.1.1 Estudos sobre formas de tratamento e concordância verbal de segunda pessoa	22
1.1.2 Estudos sobre identidade em Florianópolis-SC	37
1.2 Delimitação do objeto, objetivos, questões e hipóteses da pesquisa	41
1.2.1 Objetivo geral	42
1.2.2 Objetivos específicos	42
1.2.3 Principais questões e hipóteses	42
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	48
2.1 Pressupostos básicos da Teoria da Variação e Mudança	48
2.2 A noção de comunidade de fala	51
2.3 A questão da identidade	53
2.3.1 Perfil sócio-histórico de Florianópolis-SC	53
2.3.2 Variação linguística e identidade	56
3 METODOLOGIA	65
3.1 Caracterização da amostra	66
3.1.2 Zona urbana	69
3.1.2.1 Região Central/Trindade	69
3.1.2.2 Coqueiros	70
3.1.2.3 Ingleses	71
3.1.3 Zona não urbana	72
3.1.3.1 Costa da Lagoa	72
3.1.3.2 Ribeirão da Ilha	72
3.2 Análise quantitativa	75
3.2.1 A variável dependente	75
3.2.2 Variáveis independentes linguísticas	76
3.2.2.1 Explicitação do pronome	76
3.2.2.2 Classe gramatical	77
3.2.2.3 Determinação do referente	77
3.2.3 Variáveis independentes estilístico-discursivas	78

3.2.3.1	Tipo de discurso	78
3.2.3.2	Pessoa do discurso reportado	79
3.2.3.3	Relações (as)simétricas entre os interlocutores	80
3.2.3.4	Interlocução entre as pessoas do discurso reportado	80
3.2.4	Variáveis independentes sociais	81
3.2.4.1	Sexo/gênero	81
3.2.4.2	Avaliação do termo <i>manezinho</i>	83
3.2.4.3	Idade	83
3.2.4.4	Escolaridade	84
3.2.5	Variáveis independentes geográficas	85
3.2.5.1	Diazonalidade	85
3.2.5.2	Localidade	85
3.2.5.3	Localismo	85
3.2.5.4	Mobilidade	86
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	88
4.1	Distribuição geral dos dados de P2 (<i>tu</i> e <i>você</i>) e de concordância verbal com o pronome <i>tu</i>	89
4.2	Resultados para a variável ‘presença de marca de concordância’ vs. ‘ausência de marca de concordância’ com o pronome <i>tu</i>	96
4.2.1	Grupos de fatores sociais	97
4.2.1.1	Escolaridade	98
4.2.1.2	Avaliação do termo <i>manezinho</i>	102
4.2.1.3	Idade	103
4.2.1.4	Sexo/gênero	105
4.2.1.5	Cruzamento entre os grupos de fatores Avaliação do termo <i>manezinho</i> , idade, sexo/gênero do informante	107
4.2.2	Grupos de fatores estilístico-discursivos	109
4.2.2.1	Pessoa do discurso reportado	109
4.2.2.2	Relações (as)simétricas entre os interlocutores	112
4.2.3	Grupo de fatores geográficos	113
4.2.3.1	Diazonalidade	113
4.2.4	Resultados para verbos e MDs separadamente	115
4.3	Resultados para a variável ‘concordância canônica’ vs. ‘concordância canônica modificada’ com o pronome <i>tu</i>	117
4.3.1	Grupo de fatores linguísticos	118
4.3.1.1	Classe gramatical	118
4.3.1.2	Determinação do referente	121

4.3.2	Grupo de fatores sociais	122
4.3.2.1	Escolaridade	122
4.3.2.2	Cruzamento entre grupos de fatores sociais e classe gramatical	123
4.3.3	Grupo de fatores geográficos	126
4.3.3.1	Diazonalidade	126
4.3.4	Resultados para verbos e MDs separadamente	128
4.4	Considerações sobre grupos de fatores não significativos	129
4.5	Considerações finais do capítulo	131
CONCLUSÃO		134
REFERÊNCIAS		140
ANEXOS		144

INTRODUÇÃO

Analisar a variação na concordância verbal de segunda pessoa do singular, no sul do Brasil, tem sido objeto de estudo para alguns pesquisadores, entre eles: i) Loregian (1996); Loregian-Penkal (2004) – estudou a fala de informantes em cidades de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, incluindo Florianópolis-SC e, para tanto, utilizou dados do banco VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), coletados no início da década de 1990; ii) Amaral (2003) – analisou a variação na concordância verbal de segunda pessoa do singular na cidade de Pelotas-RS, a partir dos dados do banco VarX (Banco de Dados Sociolinguísticos Variáveis por Classe Social), coletados em 2000 e 2001. Os registros desses pesquisadores apontaram que o fenômeno da concordância verbal de segunda pessoa do singular é sistematicamente variável nas comunidades estudadas e que existe uma diferença regional bastante acentuada entre cidades de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, tanto no que diz respeito ao uso dos pronomes *tu* e *você* como em relação à concordância verbal com *tu*.

A fim de buscar evidências mais recentes a respeito do fenômeno da concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis-SC – e também, subsidiariamente, acerca do uso dos pronomes *tu* e *você* como sujeito –, o presente trabalho analisa amostras sincrônicas, coletadas na última década, por pesquisadores ligados à Universidade Federal de Santa Catarina. Os dados analisados fazem parte de duas amostras: Floripa e Monguilhott. A amostra Floripa é formada por entrevistas realizadas por alunos da pós-graduação em Linguística da UFSC, para a disciplina de Sociolinguística e Dialectologia, nos anos de 2009 e 2012. Já a amostra Monguilhott é formada por entrevistas coletadas pela pesquisadora cujo sobrenome nomeia a amostra, no ano de 2006¹. Neste trabalho, como não controlamos diferentemente essas duas amostras uma vez que as entrevistas seguem uma mesma linha metodológica de coleta e não se distanciam no tempo, identificaremos a amostra analisada simplesmente como *Floripa*. É importante salientar que o intervalo de tempo entre as coletas da amostra VARSUL e da amostra Floripa é de aproximadamente duas décadas, o que nos permitirá testar hipóteses de mudança em tempo real.

¹ As entrevistas da amostra Monguilhott fizeram parte de sua tese de doutoramento (2009), a qual aborda o fenômeno da variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural em Florianópolis-SC e Lisboa, Portugal.

O corp us de fala analisado   constituído a partir de entrevistas com informantes de Florianópolis-SC, de áreas urbanas (região Central² e Ingleses) e não urbanas (Ribeirão da Ilha e Costa da Lagoa), cada comunidade com sua cultura e história, objetivando levantar (i) possíveis traços linguísticos identitários – que podem ser considerados de prestígio ou estigma –, em rela o ao fenômeno da concordância verbal de segunda pessoa do singular; bem como (ii) fatores linguísticos, estilístico-discursivos, sociais e geográficos que estejam (des)favorecendo determinadas marcas de concordância verbal de segunda pessoa do singular, com o pronome *tu*.

Cabe ressaltar, neste momento do trabalho, que o interesse por esta pesquisa surgiu, há quase dez anos, quando aqui cheguei, vinda do Rio Grande do Sul, e percebi o complexo jogo da heterogeneidade linguística local, em especial do fenômeno da concordância verbal com o pronome *tu*, o qual, na minha percep o, envolvia questões ligadas à identidade.

Esta disserta o está assim organizada: o primeiro capítulo destina-se   contextualiza o do objeto de estudo, por meio de uma breve revisão de trabalhos já realizados sobre uso de *tu* e *você* e concordância verbal de segunda pessoa do singular na Região Sul do Brasil, bem como sobre identidade do florianopolitano;   delimita o do fenômeno a ser estudado; e   formula o do objetivo geral e específicos, além das hipóteses gerais da pesquisa. O segundo capítulo é reservado   exposi o de pressupostos teóricos da Teoria de Varia o e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, (2006 [1968]); LABOV, (2008 [1972])), que darão sustenta o ao trabalho. O terceiro capítulo trata da metodologia, apresentando: o perfil sócio-histórico de Florianópolis, a amostra da pesquisa, o programa estatístico utilizado, as variáveis estudadas ('presença vs. ausência de marcas de concordância' e 'concordância canônica vs. canônica modificada') e os grupos de fatores testados. Convém destacar que, apesar de nos referirmos ao fenômeno estudado como varia o na concordância verbal de segunda pessoa do singular, os dados analisados envolvem tanto verbos como marcadores discursivos de origem verbal, conforme detalhado na Metodologia. No quarto capítulo, apresentamos e discutimos os resultados obtidos nas rodadas estatísticas, comparando nossos resultados aos de outras pesquisas. Fechando o trabalho, tecemos nossas considera es finais, listamos as referências bibliográficas e incluímos os anexos.

² A região Central envolve também os bairros de Coqueiros (localizado no continente) e Trindade.

1 OBJETO DE ESTUDO

Neste capítulo, é delimitado o fenômeno em estudo, com base em estudos já realizados sobre uso pronominal de P2³ (como sujeito) e concordância verbal de segunda pessoa do singular na Região Sul e sobre aspectos identitários, particularmente associados à Ilha de Santa Catarina. Elencamos, também, o objetivo geral e os objetivos específicos; bem como apresentamos as hipóteses gerais a serem postas a prova em nossa pesquisa.

1.1 Revisão da Literatura: estudos sobre uso pronominal e concordância verbal de segunda pessoa do singular na Região Sul e questões sobre identidade em Florianópolis-SC

A partir da teoria sociolinguística variacionista, pesquisas envolvendo pronomes de segunda pessoa do singular, concordância verbal de P2 assim como questões ligadas à identidade em Florianópolis-SC e no sul do Brasil, vêm sendo elaboradas por determinados autores, tais como: Ramos (1989), Loregian (1996), Hausen (2000), Loregian-Penkak (2004), Amaral (2003), Rocha (2012) – sobre P2; Pagotto (2001), Severo (2004) – sobre aspectos identitários⁴. Resumidamente: Ramos (1989) e Rocha (2012) abordam o uso dos pronomes de tratamento na capital catarinense; Loregian (1996) e Loregian-Penkak (2004) tratam da concordância verbal de P2 em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul; Hausen (2000) estuda a concordância verbal com *tu* no interior do Estado de Santa Catarina; Amaral (2003) investiga a concordância verbal de P2 em Pelotas-RS. Já os trabalhos que abordam a questão da identidade em Florianópolis focalizam tanto fenômenos variáveis específicos, como a palatalização, quanto aspectos identitários em geral.

³ Adotaremos essa nomenclatura para fazer referência à concordância verbal de segunda pessoa do singular, cf. Mattoso Câmara Jr. (1987 [1970]).

⁴ Encontram-se em andamento, na área da Sociolinguística, dois trabalhos que discutem a questão da identidade em Florianópolis: a tese de doutorado de Carla Valle, que analisa o comportamento de marcadores discursivos de natureza interacional, e a dissertação de mestrado de Lucas Lacerda, que estuda aspectos identitários envolvidos na comédia *stand up* na Ilha de Santa Catarina.

1.1.1 Estudos sobre formas de tratamento e concordância verbal de segunda pessoa

Ramos (1989) foi pioneira no estudo de pronomes de segunda pessoa na capital catarinense. Nesse estudo, a autora analisou: i) a fala de 36 informantes florianopolitanos; ii) dois textos da literatura catarinense: *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*, de Franklin Cascaes, e *Arca Açoriana*, de Almiro Caldeira; além de iii) um questionário de atitudes.

Para obter as informações do questionário de atitudes, a autora utilizou dez fotografias, as quais retratavam pessoas de diferentes classes sociais, sexo e faixa etária em seus locais de trabalho ou sendo surpreendidas na rua. O objetivo de Ramos (1989), a partir das fotos, era permitir que o informante escolhesse uma forma de tratamento, recaindo, principalmente, sobre o TU ou sobre o VOCÊ.

A partir das perguntas formuladas, tais como: “*pergunte a este rapaz se ele sabe a que horas o banco fecha?*” (p. 86) ou “*pergunte a esta farmacêutica se ela pode indicar um bom remédio para dor de garganta?*” (p. 87), foi constatado que há quatro maneiras de se referir à segunda pessoa: *tu*, *você*, *o(a) senhor(a)* e o *grau zero* da forma de tratamento. Os resultados apontaram, em primeiro lugar, para uma preferência pelo *grau zero* da forma de tratamento – 40% dos dados; em segundo lugar, a preferência foi pelo pronome *você* – 31% dos dados; em terceiro, a preferência foi pelo pronome *tu* – 20% dos dados; e, por último, preferiu-se a forma *o senhor*, com 9% dos dados. Segundo Ramos (1989), a alta porcentagem do grau zero foi obtida em razão de o informante tentar evitar outras formas de tratamento que possam comprometê-lo, considerando a semântica do poder e da solidariedade⁵. A explicação de Ramos (1989), em relação aos baixos índices de *o senhor*, é a de que as fotografias não propiciaram o seu uso.

Dos 427 dados, 89 foram produzidos com o pronome TU; desses 89, 18 foram produzidos “com flexão verbal”, totalizando 4% dos dados; 27 foram produzidos “sem flexão verbal”, totalizando 6% dos dados; 44 foram produzidos a partir da “flexão verbal sozinha”, totalizando 10% dos dados (RAMOS, 1989, p. 49).

No estudo de Ramos (1989), ao final de cada entrevista, era pedida a opinião dos informantes sobre o uso das duas formas de

⁵ Para Brown e Gilman (1960), quando o falante identifica o seu pólo de poder, começa a selecionar formas de tratamento possíveis, manifestando sua superioridade (+ poder) ou inferioridade (-poder).

tratamento – *tu* e *você*: que diferenças existiam entre os pronomes e qual era o mais usado por eles e por quê. Abaixo, encontram-se algumas das respostas:

Geralmente a gente usa mais o pronome de tratamento TU. Acho que por cultura mesmo porque todo mundo fala assim. A maior parte do pessoal. É costume aqui da Ilha. Geralmente cidade mais serrana usa um jeito de falar mais correto, eu acho: VOCÊ. O pessoal do litoral é mais aberto. VOCÊ é um negócio muito formal. É mais educado também, eu diria. Depende de quanto tempo conhece a pessoa. Com pessoal de fora fica meio rude, informal demais usar o TU. Em casa, a gente tá falando todo dia; a gente conhece melhor e não precisaria usar um jeito mais refinado. É mais informal, bem íntimo. Eu até diria que usar o TU as pessoas ficam mais soltas pra conversar do que VOCÊ. (RAMOS, 1989, p. 44)

Quando eu estudei minha professora deu os pronomes de tratamento, né? Então, ela disse que eu podia usar o TU ou o VOCÊ. Na minha casa, geralmente, a gente usa TU. Se um ilhéu usa VOCÊ comigo, não estranho porque uso o VOCÊ também. As pessoas que vêm de fora usam muito o VOCÊ. Nós aqui usamos VOCÊ, mas não assim. Como tem muito turista: São Paulo, Rio, Porto Alegre e outros Estados, então a gente começa a conversar com essas pessoas e começa a pegar o mesmo termo deles; usando as influências deles a gente começa a falar VOCÊ, sem querer; senão, eu acho que a gente só usaria o TU mesmo. (RAMOS, 1989, p. 45)

Para Ramos (1989), a partir das entrevistas, há uma diferença significativa entre os dois pronomes: o TU denota solidariedade ou intimidade e o VOCÊ denota maior formalidade, polidez no trato com o outro, com quem não se tem intimidade. A autora afirma que o dialeto florianopolitano possui um sistema ternário de tratamento: o TU, para a autora, evidentemente, é a forma mais usada pelo ilhéu; no entanto, a forma VOCÊ foi incorporada na região, obtendo o caráter aproximado da forma SENHOR.

Assim, as opiniões dos informantes convergem para o seguinte, conforme RAMOS (1989, p. 46):

	TU	VOCÊ
	íntimo	distante
	familiar	com estranhos
	em ambiente familiar	influência de fora
	dos ilhéus	bonito
+	rude	educado
	informal	formal
	coloquial	correto
	desrespeitoso	respeitoso

Os resultados de Ramos (1989) são de extrema relevância e serão importantes na nossa análise sobre concordância de P2; assim como na discussão de questões que envolvem identidade na capital catarinense.

Rocha (2012) também investigou o fenômeno da variação pronominal de segunda pessoa do singular, *tu/você/ o(a) senhor(a)*, na função de sujeito, correlacionando-o com as formas pronominais que atuam na função de complementos verbais e adjuntos (obliquos e possessivos) em Florianópolis. Para tanto, foram utilizados dados de 28 entrevistas, pertencentes a três cópulas: Varsul (meados da década de 1990), Monguilhott (coletados em 2006) e Floripa (amostra de 2009); além das entrevistas, testes de percepção e produção foram aplicados na capital catarinense.

A autora encontrou 573 ocorrências de pronomes de segunda pessoa (entre nulos e preenchidos); destes, 440 eram de *tu* (76%), 99 eram de *você* (17%) e 34 eram de *o senhor* (5%).

Foram 13 variáveis testadas: i) *preenchimento do sujeito* ii) *concordância com o verbo*, iii) *paralelismo sujeito e possessivo*; iv) *paralelismo sujeito e clítico*; v) *paralelismo sujeito e oblíquo tônico*; vi) *tipo de interlocução*; vii) *tipo de relação entre os interlocutores*; viii) *sexo*; ix) *escolaridade*; x) *faixa etária*; xi) *diatopia*; xii) *diazonalidade*; xiii) *indivíduo*.

O programa estatístico, Goldvarb (2001), selecionou sete grupos de fatores relevantes como favorecedores do uso do pronome *tu*; por ordem de importância, são eles: i) *sexo*; ii) *faixa etária*; iii) *diazonalidade*; iv) *tipo de relação entre os interlocutores*; v) *escolaridade*; vi) *paralelismo sujeito e clítico*; e vii) *paralelismo sujeito e possessivo*.

Todas as variáveis sociais foram consideradas relevantes estatisticamente. O sexo feminino favoreceu o uso do *tu*, com peso relativo de 0,72. Quanto à faixa etária (duas foram controladas – 15 a 33 anos e de 39 a 74 anos), os resultados indicaram que os mais jovens da amostra fazem mais uso do *tu* (PR 0,88). Em relação à escolaridade, informantes com maior escolaridade (Ensino Superior completo ou incompleto) tenderam a usar mais o *tu* (PR 0,71).

A única variável sociodiscursiva selecionada como significativa foi o *tipo de relação entre os interlocutores*. A *relação entrevistador e entrevistado* foi a que desfavoreceu o uso do *tu*, com PR de 0,23; as *relações simétricas e assimétricas descendentes* foram as que propiciaram o uso do *tu*, com PR de 0,87.

Rocha (2012) também obteve apenas uma variável geográfica selecionada como estatisticamente relevante: a *diazonalidade* – o percentual de *tu* mostrou-se maior nas regiões menos urbanas – 85%, contra 69% nas regiões mais urbanas; o percentual de *você* apresentou-se maior nas regiões mais urbanas (24%), contra 8% nas regiões menos urbanas.

A variável *concordância do verbo* não foi selecionada como estatisticamente relevante. Partindo de alguns estudos anteriores (LOREGIAN, 1996), a autora esperava encontrar um maior número de concordância verbal canônica de segunda pessoa com o *tu* (tanto nas formas canônicas, quanto modificadas) do que a não concordância. O esperado para essa variável não ocorreu, pois dos 437 casos de ocorrência de concordância com o verbo, 85 (19%) foram de concordância (canônica ou modificada) e 352 (80%) foram de não concordância. Os dados, segundo Rocha (2012), distanciam-se dos encontrados por Loregian (1996), a qual encontrou 45% de concordância (para Florianópolis/centro e Ribeirão da Ilha), e se aproximam dos de Rocha (2010) – que, ao estudar a alternância pronominal do *tu* e do *você* em Ratones e Santo Antônio de Lisboa (comunidades menos urbanas de Florianópolis), encontrou um índice de 11% de concordância a partir da amostra Floripa, coletada em 2009. Para a autora, há uma tendência, cada vez maior, do uso do *tu* sem marcas de concordância nos verbos de segunda pessoa do singular em Florianópolis.

Loregian (1996) analisou a concordância verbal com o pronome sujeito de segunda pessoa (pronome *tu*) na fala de informantes de Porto Alegre-RS, Florianópolis-SC (zona urbana) e Ribeirão da Ilha (comunidade não urbana pertencente ao município de Florianópolis).

Para compor o *cópus* do trabalho foram utilizadas entrevistas do Banco de Dados do Projeto Variação Linguística da Região Sul (VARSUL), referentes a Porto Alegre-RS e Florianópolis-SC; assim como entrevistas da amostra organizada por Cláudia Brescancini (1996), referentes ao Ribeirão da Ilha-SC. De Porto Alegre, foram analisadas as falas de 24 informantes; de Santa Catarina, foram analisadas entrevistas de 36 informantes de Florianópolis e 12 informantes do Ribeirão da Ilha – totalizando 72 informantes e 2.100 dados.

A variável dependente investigada foi binária: i) presença de flexão de segunda pessoa no verbo, como nos exemplos: “... **tu alimentas** o que **tu tens** dentro de ti durante oito meses...”, assim como, “... a partir do momento que **tu fugisse tu tens** que **ficá casada**...”; ii) ausência de flexão de segunda pessoa no verbo, como nos exemplos: “...pai, **tu sabe** que a professora fala em moral e cívica...”, assim como, “... **tu te arrependeu, tu ficô boazinha**...” (LOREGIAN, 1996, p. 29). Os resultados encontrados para as três localidades investigadas foram os seguintes:

Tabela 1: Distribuição da concordância verbal com o pronome *tu* na amostra Varsul (Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha)

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
Porto Alegre	30/470	4%	0,12
Florianópolis	371/935	40%	0,71
Ribeirão	240/425	57%	0,81

Fonte: Adaptado de Loregian (1996, p. 93)

As variáveis linguísticas independentes controladas no estudo de Loregian (1996), com os respectivos fatores e hipóteses, foram:

- i) *paralelismo formal*: verbo de uma sequência com todas as marcas de concordância, verbo de uma sequência sem marcas de concordância, primeiro de uma série, verbo em construção isolada, mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é marcado, mistura de marcas em que o elemento anterior ao elemento sob análise é não marcado. Hipótese: marcas conduzem a marcas e zeros a zeros;
- ii) *interação emissor/receptor*: o falante dirige-se ao entrevistador, o falante dirige-se a um interveniente, o falante repete a fala de outra pessoa, o falante dirige-se a um interlocutor

genérico, função fática. Hipótese: quando o falante se dirige ao entrevistador haverá mais marca de concordância;

iii) *explicitação do pronome*: pronome explícito imediatamente antes do verbo, pronome explícito com material interveniente, sem pronome explícito. Hipótese: quando o pronome não está explícito há mais concordância verbal;

iv) *tempo verbal*: presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo e infinitivo pessoal. Hipótese: o tempo em que se encontra o verbo influencia a concordância verbal com o pronome *tu*;

v) *saliência fônica*: nível 1 – acréscimo de -S, nível 2 – acréscimo de -ES, nível 3 – acréscimo de -STE/-SSE. Hipótese: as formas mais salientes são mais marcadas do que as menos salientes, ou seja, quanto maior for o material fonético-fonológico, maior será a concordância verbal de segunda pessoa do singular;

vi) *tonicidade do verbo*: oxítono, paroxítono. Hipótese: os verbos oxítonos são mais marcados do que os paroxítonos;

vii) *número de sílabas do verbo*: monossílabo, dissílabo, trissílabo, polissílabo. Hipótese: os itens de maior número de sílabas são os mais marcados quanto à concordância;

viii) *contexto fonológico seguinte*: pausa, consoante, vogal. Hipótese: havendo pausa após o verbo, a concordância será maior.

No estudo de Loregian (1996), as variáveis sociais analisadas foram:

i) *região*: Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha. Hipótese: os informantes do Ribeirão da Ilha são os que mais utilizam da concordância verbal, seguidos pelos informantes de Florianópolis; a concordância verbal, em Porto Alegre, é praticamente inexistente;

ii) *grau de escolarização*: primário, ginásial e colegial. Hipótese: quanto maior a escolaridade, maior a concordância verbal em estudo;

iii) *faixa etária*: de 15 a 24 anos, de 25 a 49 anos e mais de 50 anos. Hipótese: os informantes com mais de 50 anos fazem maior uso de concordância verbal que os demais;

iv) *sexo*: masculino e feminino. Hipótese: informantes do sexo

feminino fazem mais concordância verbal que o outro sexo.

Dentre as 12 variáveis testadas (oito linguísticas e quatro sociais), nove foram selecionadas pelo programa estatístico VARBRUL 2S na seguinte ordem: i) paralelismo formal; ii) região; iii) tempo verbal; iv) explicitação do pronome; v) interação emissor/receptor; vi) tonicidade do verbo; vii) número de sílabas do verbo; viii) grau de escolarização; e ix) faixa etária. Foram descartadas como estatisticamente não relevantes: contexto fonológico seguinte, saliência fônica e, por último, sexo.

Resumidamente, para os fatores linguísticos foram apontados os seguintes resultados relevantes:

- i) *paralelismo formal* – o estudo apontou que marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros;
- ii) *tempo verbal* – o tempo verbal, associado ao modo, contribui para a variável em estudo: foi constatado que nos casos de pretérito perfeito do indicativo a terminação -STE (*tu falaste*) está, praticamente, extinta da fala dos informantes; em Florianópolis e Ribeirão da Ilha, a concordância se dá, na maioria dos casos, com o acréscimo de -SSE (*tu falasse*);
- iii) *explicitação do pronome* – os resultados apontaram que quando o *tu* estiver implícito, há mais concordância do que quando estiver explícito;
- iv) *interação emissor/receptor* – há mais concordância verbal quando o informante se dirige ao entrevistador;
- v) *tonicidade do verbo* – os verbos oxítonos possibilitam mais marcação de concordância dos que os paroxítonos;
- vi) *número de sílabas do verbo* – itens com maior número de sílabas foram os mais marcados, entretanto a variável tonicidade alterava os resultados da variável número de sílabas, assim não se chegou a uma conclusão mais robusta.

Para os fatores sociais foram elencados os seguintes resultados relevantes:

- i) *região* – informantes do Ribeirão da Ilha e de Florianópolis lideram a manutenção da concordância verbal em relação a Porto Alegre;
- ii) *escolaridade* – quanto maior a escolaridade, maior a flexão de segunda pessoa com o *tu*;
- iii) *idade* – informantes com idade superior a 50 anos fazem mais concordância verbal quando usam o *tu* do que as outras

faixas etárias – 15 a 24 e 25 a 49.

Hausen (2000) deu prosseguimento ao estudo de Loregian (1996), ao pesquisar a distribuição dos pronomes *tu/você* e a concordância com o *tu* em três cidades do interior de Santa Catarina: Lages, Blumenau e Chapecó. A partir da teoria laboviana, foram analisadas 72 entrevistas (24 por cidade) do Varsul, obtendo 2.155 dados; destes, 561 eram de *tu* (26%) e 1.594 eram de *você* (74%).

A autora utilizou as mesmas hipóteses, variáveis e grupos de fatores de Loregian (1996), com exceção da variável contexto fonológico seguinte. O programa estatístico (Varbrul) selecionou quatro variáveis relevantes. Duas delas são linguísticas: *tempo verbal* e *explicitação do pronome*. Para o *tempo verbal*, o fator significativo foi o pretérito perfeito do indicativo, corroborando os resultados de Loregian (1996). Para a variável *explicitação do pronome*, a terceira variável selecionada, assim como em Loregian (1996), o *tu* ausente favoreceu a marcação da concordância estudada.

As variáveis extralinguísticas analisadas foram: *gênero*, *escolarização*, *faixa etária* e *região*. Para a variável *região*, a autora pressupôs que a cidade de Blumenau utilizaria mais a forma marcada, devido ao fato de estar localizada mais próxima às localidades de origem açoriana; sua hipótese pôde ser constatada, pois essa variável foi a primeira selecionada como estatisticamente relevante. As variáveis extralinguísticas consideradas significativas foram: *região* e *escolarização*.

Loregian-Penkal (2004) reanalisou a referência de segunda pessoa do singular na fala da Região Sul. Trata-se, assim, de um aprofundamento do que foi feito em 1996 nas localidades de Florianópolis, Ribeirão da Ilha e Porto Alegre. Além das localidades já analisadas, a autora estendeu o seu estudo para as localidades do interior de Santa Catarina: Blumenau, Chapecó e Lages, bem como para mais três cidades do interior do Rio Grande do Sul: Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Ademais, nesse estudo, outra regra variável foi analisada: a alternância pronominal *tu/você*.

Foram analisadas 24 entrevistas de cada cidade, pertencentes ao Banco Varsul, e 11 do Ribeirão da Ilha (córpus Brescancini), totalizando 203 informantes, distribuídos por duas faixas etárias (25 a 49 anos e mais de 50 anos), três níveis de escolaridade (primário, ginásio e colegial) e sexo (masculino e feminino). Além da análise das comunidades, o estudo também levou em consideração a análise dos

indivíduos. A metodologia utilizada foi a variacionista, objetivando analisar de que forma se processa a escolha do *tu* ou *você* como referência de segunda pessoa do singular, assim como, analisar de que forma se processa a concordância verbal com o pronome *tu* no sul do Brasil.

Duas hipóteses centrais nortearam o estudo de Loregian-Penkall (2004): a primeira foi a de que a marca de identidade e de valores regionais, através do *tu*, estaria sendo mantida em determinadas regiões, porém sem marcas de concordância de segunda pessoa no verbo, em decorrência de um maior preenchimento do pronome sujeito *tu*; a segunda foi a de que as comunidades de etnia açoriana, Ribeirão da Ilha e Florianópolis, fariam maior uso de concordância canônica, tendo como hipótese a de que, juntas, a forma canônica (*tu falaste*) e a canônica modificada do pretérito perfeito (*tu falasse*), e a não explicitação do pronome *tu*, seriam as marcas linguísticas de identificação do ilhéu. Os resultados encontrados corroboram as hipóteses da pesquisa, onde a autora constatou que o *tu*, juntamente com a forma não marcada do verbo, parecia se caracterizar como marca identitária do gaúcho e a forma canônica, juntamente com a canônica modificada, parecia se caracterizar como uma das marcas linguísticas identitárias do florianopolitano. Vejamos alguns resultados de quatro localidades do RS e duas de Santa Catarina (Florianópolis e Ribeirão da Ilha):

Tabela 2: Concordância com o *tu* por localidade na amostra Varsul: Flores da Cunha, Panambi, Porto Alegre, São Borja, Florianópolis e Ribeirão da Ilha

Fatores	Apl./Total	%	P.R.
Flores da Cunha	14/654	2%	0,20
Panambi	12/395	3%	0,34
Porto Alegre	54/764	7%	0,35
São Borja	30/663	5%	0,36
Florianópolis	251/585	43%	0,85
Ribeirão da Ilha	268/445	60%	0,91

Fonte: Adaptado de Loregian-Penkall (2004, p. 167)

As variáveis dependentes investigadas foram: i) alternância *tu/você*; ii) concordância verbal com o pronome *tu*. Não vamos detalhar os grupos de fatores investigados para a primeira variável dependente,

pois não é o foco do nosso trabalho; apresentamos apenas alguns resultados relacionados aos fatores sociais, que serão retomados, a título de comparação, em nosso capítulo de análise.

Em relação à primeira variável dependente – alternância *tu/você* –, os resultados apontaram que 8 (4%), dos 203 informantes, utilizaram o tratamento zero; 91 foram categóricos: 78 (38%), usaram somente o *tu* e apenas quinze (7%), utilizaram só o *você*; 104 (51%), utilizaram alternância do *tu/você*. Em síntese: na amostra analisada, 182 informantes (90%) têm em seu repertório apenas o *tu* mais a variação *tu/você* e 117 (58%) possuem apenas *você* mais a variação *tu/você*. Em Florianópolis + Ribeirão foram 35 informantes; destes, 20 casos fizeram uso só de *tu* (57%), 01 só de *você* (3%) e 14 alternavam o *tu* e o *você* (40%).

Para a variável concordância verbal com o pronome *tu*, os grupos de fatores (variáveis independentes) linguísticos testados foram:

- i) *tipo de interlocução*: discurso para o entrevistador, discurso para o interveniente, discurso genérico, discurso relatado de terceira pessoa, discurso relatado do próprio falante, marcador discursivo, marcador discursivo relatado. Hipótese: maior concordância canônica de segunda pessoa no discurso para o entrevistador;
- ii) *determinação do discurso*: determinado e indeterminado. Hipótese: as formas canônicas estariam mais associadas ao discurso determinado;
- iii) *gênero do discurso*: segmentos predominantemente narrativos, segmentos predominantemente argumentativos, explicações e receitas. Hipótese: as argumentações favoreceriam formas marcadas, as explicações favoreceriam formas não marcadas, assim como as receitas;
- iv) *explicitação do pronome*: com pronome explícito, sem pronome explícito. Hipótese: os casos em que o pronome encontra-se implícito favorecerão formas marcadas;
- v) *tempo verbal*: presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, infinitivo pessoal, futuro do subjuntivo, presente do subjuntivo, imperativo, imperativo mitigado, futuro do presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo e verbos: marcadores discursivos. Hipótese: os tempos mais salientes, com terminações *-ste/-sse* e *-es*, favoreceriam formas marcadas;
- vi) *paralelismo formal no nível discursivo*: primeiro de uma

série, verbo de uma sequência com todas as marcas de concordância, verbo de uma sequência sem marcas de concordância, verbo em construção isolada. Hipótese: marcas conduzirão a marcas e zeros conduzirão a zeros.

As variáveis sociais analisadas foram:

- i) *localidade*: em Santa Catarina – Florianópolis, Ribeirão da Ilha (pertencente a Florianópolis-SC), Chapecó, Blumenau, Lages; no Rio Grande do Sul – Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi, São Borja. Hipótese: as localidades de etnia açoriana (Florianópolis e Ribeirão da Ilha) farão maior uso de formas marcadas;
- ii) *faixa etária*: 25 a 49 anos, mais de 50 anos. Hipótese: a faixa etária com mais de 50 anos fará maior uso de marcas;
- iii) *grau de escolaridade*: primário (até 5 anos de escolaridade), ginásio (até 8 anos de escolaridade), colegial (até 11 anos de escolaridade). Hipótese: falantes com maior escolaridade farão uso de marcas;
- iv) *sexo*: masculino e feminino. Hipótese: mulheres farão maior uso das formas marcadas;
- v) *informantes*: esta variável objetivou testar a variação no indivíduo em relação aos fenômenos estudados.

Em relação à segunda regra variável dependente – concordância verbal com o pronome *tu*–, a partir da análise do indivíduo, Florianópolis não apresentou informantes categóricos, um informante do Ribeirão da Ilha apresentou 100% de marca canônica; em Porto Alegre, 11 informantes apresentaram 0% de flexão canônica. Os resultados também apontaram que Florianópolis e Ribeirão da Ilha são as localidades mais conservadoras no uso da flexão canônica, pois não houve informantes que não apresentaram, em algum momento, o uso das formas canônicas.

Foram várias as descobertas de Loregian-Penkal (2004), porém nos deteremos, nesse momento, nas variáveis independentes que mais contribuem para o nosso estudo, o qual investiga unicamente a cidade de Florianópolis, incluindo Ribeirão da Ilha. São elas:

- i) a variável *localidade*, nas rodadas gerais – rodadas em que as localidades eram agrupadas em três blocos (capitais + Ribeirão, interior de SC e interior do RS) –, foi considerada a mais relevante estatisticamente, sendo que as de etnia açoriana,

- como Ribeirão da Ilha e Florianópolis, apresentaram os maiores índices de flexão canônica e, juntamente com a flexão canônica modificada, no pretérito perfeito: *-sse*, confirmou a hipótese de Loregian-Penkál (2004) de que essa flexão, sem a explicitação do pronome *tu*, é uma das marcas linguísticas dos florianopolitanos;
- ii) a variável *explicitação do pronome* mostrou-se relevante em todas as rodadas de concordância com o pronome *tu*, cujos resultados indicaram que: quando o pronome não está explícito propicia o aparecimento da flexão canônica, e quando está explícito, propicia a não concordância, o que comprovou a hipótese da autora, em relação a esta variável: a de que a explicitação do pronome *tu* marca a referência de segunda pessoa e, e na falta desse pronome, há a necessidade de se marcar, a partir da flexão verbal;
- iii) em relação à variável *tempo verbal*, o modo indicativo propiciou mais marcas de concordância; o infinitivo pessoal, pouco recorrente no corpúsculo analisado, foi o que menos apresentou marcas de concordância, sendo quase inexistente neste caso.
- iv) juntamente ao modo, a *saliência fônica* da terminação verbal também influenciou as marcas de concordância com o *tu*: as formas mais salientes *-ste*, juntamente com sua variante *-sse*, formando o pretérito perfeito, apresentaram índices maiores de concordância verbal de segunda pessoa do singular.
- v) a variável *paralelismo* não foi considerada importante em Florianópolis e Ribeirão da Ilha, somente em Porto Alegre, Lages, Flores da Cunha e São Borja; porém em todas as localidades da amostra a autora percebeu a atuação do princípio de que *marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros*: “verbos de uma sequência com todas as marcas de concordância apresentaram 100% de aplicação da regra, enquanto verbos de uma sequência sem marcas de concordância apresentaram 0% de aplicação da regra.” (LOREGIAN-PENKÁL, 2004 p. 228).

Ao finalizar a tese, Loregian-Penkál (2004) descreve a regra variável de concordância com *tu* no sul do Brasil da seguinte forma: de um lado, o uso de *tu* + forma verbal sem flexão marcada, em quatro cidades do RS e também em Chapecó, marcando assim, a identidade gaúcha; do outro lado, o *tu* estaria sendo mantido através do uso da flexão verbal canônica (*-ste*) e não canônica (*-sse*), em Florianópolis e Ribeirão da Ilha, caracterizando-se, assim, como uma marca linguística de identificação do florianopolitano.

Amaral (2003) analisou a variação na concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas-RS, região apontada pelo ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil) como lugar de excelência de uso do pronome *tu*. O estudo foi feito nos anos de 2000 e 2001, com 90 entrevistas do VarX (Banco de Dados Sociolinguísticos Variáveis por Classe Social), utilizando a metodologia quantitativa com base na interface Windows para o Varbrul e em formulário para codificação de dados; além dos dados de fala do VarX, o autor utilizou, como fonte de pesquisa, o questionário social do VarX e os resultados do Censo 2000 do IBGE.

Para o estudo, Amaral (2003) abordou aspectos linguísticos e sociais, objetivando encontrar explicações para as diferentes aplicações do fenômeno em questão, principalmente para a forma pela qual a concordância verbal de segunda pessoa se correlaciona às estruturas sociais da cidade. Além disso, o autor buscou verificar se a expectativa de Guy (1987) era procedente: a de que o comportamento de classes sociais em sociedades industrializadas é provavelmente diferente do terceiro mundo, onde predominam atividades ligadas ao setor primário. Além da Teoria Variacionista, o autor procurou analisar outras possíveis influências e contextos de aplicação – inclui-se, aí, um estudo sistematizado da influência de classes sociais (sistematizadas por renda, patrimônio, zona de residência, escolaridade, profissão e ocupação do informante).

Como variável dependente, Amaral (2003) analisou três variantes: i) a concordância padrão para o pretérito perfeito do indicativo (-ste) e para os demais tempos (-s); ii) a concordância não-padrão para o pretérito perfeito do indicativo (i.e., -sse); e iii) a não marca de concordância. Contudo, para análise geral, os fatores com concordância padrão (-ste) e com concordância não padrão (-sse) foram amalgamados para cotejar a aplicação da regra com a não aplicação da regra. Dos 2.130 dados, o autor encontrou 157 que continham marcas – um índice bastante baixo de concordância verbal marcada para o *tu*, apenas 7,4%.

Amaral (2003) separou as variáveis linguísticas independentes em três segmentos:

- i) variáveis linguísticas de base morfofonológica: a saliência fônica, o tempo verbal, a forma de apresentação do verbo, a vogal temática do verbo, a tonicidade;
- ii) variáveis linguísticas de base sintática: o tipo de sujeito, o paralelismo formal, a classificação da oração no período, o tipo de sentença e a posição na frase;

iii) as variáveis linguísticas de base estilístico-discursiva: o discurso reportado, a simetria das relações, o assunto, a focalização *foreground* ou *background*.

As variáveis sociais analisadas foram:

- i) as três classes sociais de base;
- ii) o gênero;
- iii) a faixa etária.

Os resultados para o estudo de Amaral (2003) apontaram que a concordância de segunda pessoa do singular, em Pelotas-RS, é variável e o uso de *você* é quase inexistente – apenas dois casos na amostra (o autor analisou 2.130 dados, excluídos os marcadores discursivos). Além disso, percebeu-se que as condições sociais de produção do discurso interferem na variação, principalmente quando há uma melhor situação econômica, ocupacional e educacional, assim como quando o informante pertence a uma família que utiliza uma variedade mais prestigiada, além do tempo de exposição ao padrão normativo da escola. Os resultados também atestaram que mulheres fazem maior uso de concordância de segunda pessoa do singular, quando comparadas aos homens.

As principais hipóteses de Amaral (2003) foram corroboradas em relação aos condicionadores linguísticos: há retenção de marcas em discursos reportados de pessoas não próximas em relações assimétricas, em interlocuções com o entrevistador, nos morfemas com mais material fônico e em casos em que o pronome sujeito está implícito. A partir do alto índice de preenchimento do sujeito com forma pronominal de segunda pessoa – 93%, a concordância de P2 vai na direção de uma regularização do paradigma verbal em curso, na perspectiva de uma redução de desinências número-pessoais. Ademais, o autor aponta para uma possível relação do fenômeno estudado com características formais, tais como: quantidade de material fônico, tonicidade e função de verbo auxiliar. A adequação da tese de Guy (1987), citada acima, pôde ser comprovada.

Um dos resultados mais relevantes, elencados pelo autor, é o de que a concordância verbal canônica de segunda pessoa do singular é vista como representação linguística de prestígio social, ou seja, pessoas com maior escolaridade, com mais de 26 anos, com renda alta, consideram a forma canônica valorizada socialmente, diferenciando pessoas mais ricas das pessoas mais pobres da comunidade. Esse entendimento, o de que há prestígio social quando utilizada a

concordância canônica, também se deve ao fato de a aplicação da regra ser, de certa forma, baixa; além do mais, porque os jovens de todas as classes não estigmatizam a concordância canônica, embora os dados apontem para um decréscimo da aplicação. Amaral (2003) percebe o uso da concordância canônica, pelas classes altas, como tendo um prestígio aberto, com valor de poder social; o contrário, o não uso, o autor atribui a um prestígio encoberto – quando não há estigma e o número de adeptos é grande. Tudo isso poderia estar configurando uma mudança em curso, praticamente consolidada. A tendência geral é de perda de marcas de concordância de segunda pessoa do singular em Pelotas-RS, impulsionada socialmente por classes mais baixas, encontrando resistência nas classes mais altas – por pessoas com idade mais elevada, por classes com maior capital social e pelas mulheres.

Dentre as principais descobertas elencadas por Amaral (2003), destacam-se:

- i) a concordância de P2, em Pelotas, é uma regra variável;
- ii) o processo de apagamento da desinência número-pessoal se dá em decorrência de uma regularização do paradigma verbal;
- iii) quando o pronome está implícito, há mais chances de haver concordância verbal canônica;
- iv) em casos de maior quantidade de material fônico, a manutenção da marca é mais frequente, dependendo da tonicidade e da função auxiliar do verbo;
- v) as marcas são mais mantidas quando o entrevistador é o alvo ou em discursos reportados;
- vi) em orações interrogativas a manutenção da marca ocorre em maior medida;
- vii) os condicionadores sociais influenciam no apagamento da marca de P2;
- viii) a marca canônica tem prestígio, e sua não utilização não sofre estigma;
- ix) as forças de inovação e conservação atuam juntas na comunidade;
- x) dependendo da classe social haverá um índice médio de retenção da marca de P2;
- xi) a gradação da aplicação de concordância em P2 respeita uma hierarquia social, ou seja, quanto mais alta a classe social, maiores os índices de marcas;
- xii) os fatos sócio-históricos das últimas quatro décadas possibilitaram uma reorganização de classes em Pelotas, e a

- ascensão social talvez esteja voltada principalmente para a melhora do padrão aquisitivo;
- xiii) o indicador renda, patrimônio e zona de residência caracterizam-se como a melhor configuração da amostra do VarX;
- xiv) os mais favorecidos socialmente retêm mais marcas de concordância;
- xv) quanto maior é o capital social acumulado, maior é o capital linguístico;
- xvi) a concordância de P2, em Pelotas, configura-se como uma mudança de baixo para cima;
- xvii) os informantes das faixas etária de 16 a 25 anos não distinguem, em valor, a marca de concordância de P2;
- xviii) o mercado de trabalho pressiona a manutenção das formas de prestígio;
- xix) as classes baixas veem os seus conterrâneos de forma positiva, diferentemente da classe média-alta;
- xx) a avaliação da fala dos conterrâneos e da própria é mais negativa nas classes baixas;
- xxi) os indivíduos das classes baixas podem estar impregnados do discurso do falar certo e errado, onde as classes mais altas fariam melhor;
- xxii) a variação na concordância de P2, em Pelotas, possui valor simbólico importante, contribuindo para as distinções sociais.

Mais recentemente, **Messa (2013)** pesquisou, em amostra do VarX, os marcadores discursivos *entendesse?*, *sabe?* e *visse?* na fala de Pelotas/RS. Enquanto o marcador derivado do verbo saber se mostrou categórico na forma *sabe?*, a única ocorrência de marcador derivado de ver foi na forma *visse?* e 53% dos marcadores derivados de entender se mostraram na forma assimilada *entendesse?*.

1.1.2 Estudos sobre identidade em Florianópolis-SC

Um estudo fundamental para se entender a questão da identidade associada à linguagem, em Florianópolis, é o de **Pagotto (2001)**. À luz da teoria variacionista, o autor faz uma análise quantitativa dos dados pertencentes a dois corpúsculos – Varsul e Brescancini –, acerca da realização das consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante de /i/, na cidade de Florianópolis, a qual segundo Pagotto (2001, p. 8), “é panorama de quentes questões sobre identidade”.

Tendo a identidade como questão central, o autor parte para os

conceitos de língua e sujeito, ou seja, de que forma estão construídos na Teoria Laboviana, propondo uma articulação dessa Teoria com a Análise do Discurso, no intuito de entender como se processa a relação entre o linguístico e o social no mecanismo da variação. O autor também procurou compreender os discursos de identidade em Florianópolis, de forma a correlacioná-los com os resultados obtidos no estudo quantitativo que realizou.

O autor faz um resgate histórico sobre Florianópolis, dividindo a capital em três fases: i) modo de vida ilhéu (pré-moderno – que se inicia no século XVI e vai até 1926); ii) desenvolvimentista (ou da Modernização) – entre 1926 a 1981; iii) ilha da magia (também conhecida como fase ‘perversa’) – de 1981 até os dias de hoje. Além dessa divisão histórica, o autor chama a atenção para a cidade de contrastes que é Florianópolis, pois se trata de uma cidade composta por intensas áreas urbanas (trânsito, comércio, movimentação, etc.) e por áreas não urbanas (pescadores, barcos, vida pacata). Outra questão, fortemente abordada pelo autor, é relativa ao processo migratório, iniciado na década de 1970, que culmina com a fase “Ilha da Magia” e que fez suscitar, desde então, discursos identitários. Para exemplificar melhor esse processo de transformação, o autor se apropria de uma parte de texto da Veja:

Florianópolis é a única capital brasileira que não é também o centro econômico e industrial de seu Estado. Não é sequer a mais populosa (...). A mágica de seu crescimento deve-se a um fenômeno migratório único na História recente brasileira. O de gente em busca de qualidade de vida (...). São, em sua grande maioria integrante da classe média, principalmente gaúchos e paulistas. (Veja, ed. 1690, p.79, apud PAGOTTO, 2001, p. 11)

Com base no aparato teórico utilizado, Pagotto (2001) percebe o sujeito falante como um ser heterogêneo, operando com significados sociais, identificando-se com uma dada posição, a qual possui um mecanismo simbólico na estrutura social, estando ligada às formas variantes.

Pagotto (2001) identificou três realizações variantes em Florianópolis: i) [t, d] – as não africadas; ii) [ts, dz] – as africadas; iii) [tʃ, dʒ] – as africadas palatais. Os dados foram extraídos de 63 entrevistas do Banco de dados Varsul e Brescancini, correspondentes a três regiões distintas da cidade de Florianópolis: Região urbana central, Freguesia do

Ribeirão da Ilha, Sertão do Ribeirão (essas duas últimas não urbanas).

Interessam, aqui, os resultados das variáveis extralinguísticas: sexo/gênero, idade, escolaridade e localidade. Com esses grupos de fatores, Pagotto (2001) objetivou observar eixos contrastantes, tais como: “passado vs. futuro”; “moderno vs. tradicional”; “urbano vs. rural” e “nativo vs. de fora”.

Em termos gerais, a variante conservadora [ti, di] é bem mais retida na região não urbana do que na central; por outro lado, é na região central de Florianópolis que se percebe o maior avanço rumo à palatalização; em ambas as regiões, nota-se a realização de uma variante intermediária [tsi, dzi].

Em relação aos fatores extralinguísticos, Pagotto (2001) observou que a variável é condicionada socialmente, funcionando em uma rede intrincada de relações sociais: a localidade, a escolaridade e a idade dos falantes refletem o estágio atual de mudança e o processo de entrada de formas inovadoras. Na região não urbana, os falantes de 15 a 23 anos tendem à africacão.

Para concluir o estudo, Pagotto (2001, p. 425) tece as seguintes considerações sobre as realizações variáveis das oclusivas alveolares, levando em conta o contraste nativo vs. estrangeiro e moderno vs. tradição:

- i) em relação às variantes não africadas [t, d]: no contraste nativo vs. estrangeiro, percebe-se o surgimento de um traço identitário mais forte, da cultura dos pescadores e agricultores; já no contraste moderno vs. tradição, essa forma denota um passado a ser superado, o atraso, a alienação do mundo novo e suas representações;
- ii) em relação às variantes africadas [ts, dz]: no contraste nativo vs. estrangeiro, denotariam aquele outro que se apodera, que ocupa espaço, o que retira, e que não é *manezinho*⁶; já no contraste moderno vs. tradição, denotariam os novos tempos, o desenvolvimento, o que veio de melhor, a compra de bens simbólicos e materiais;
- iii) em relação às variantes africadas palatais [tʃ, dʒ]: a palatal é a que estaria sendo tensionada, de maneira mais forte, pela rede de significações, em especial, por ser claramente reconhecida como a forma de fora, a invasora. Essa última variante, a africada e não palatalizada, é classificada pelo autor como uma espécie de

⁶ Designação comumente atribuída àqueles que nasceram na Ilha de Santa Catarina e que se identificam como nativo ilhéu.

“terceira via”, mais moderna, afastando-se do atraso que a variante não africana denotaria, sem perder ou abrir mão da natividade.

O estudo de Pagotto (2001) demonstrou-nos a importância de pesquisas linguísticas relacionadas às características identitárias, e é isso que pretendemos fazer, mesmo que timidamente, em nosso estudo: relacionar o objeto de estudo, a concordância verbal de segunda pessoa do singular, na capital catarinense, com possíveis traços identitários do ilhéu.

Um estudo complementar ao de Pagotto (2001) no que diz respeito à identidade é o de Severo (2004), que interpreta a identidade como sendo móvel, multidimensional, heterogênea, não sendo estática, nem homogênea; a língua, no processo de constituição da identidade, para a autora, torna-se essencial, pois é nela que se identifica o grupo social ao qual o indivíduo pertence.

Severo (2004), ao analisar 12 entrevistas de informantes nativos da Barra da Lagoa em Florianópolis (região de pescadores, leste da ilha de Santa Catarina), objetivou identificar sinais da relação entre língua e identidade, considerando também que a identidade se caracteriza a partir da relação com o outro: nativos urbanos, imigrantes, principalmente do RS e SP, turistas, etc. Para a autora, é a partir da relação com o outro que a identidade do *manezinho* vai sendo, continuamente, reedificada, estando em constante mutação. Essa relação, muitas vezes, possui características de ambiguidade: por vezes apresenta-se como um traço positivo, motivando um certo orgulho de ser manezinho; outras vezes, sendo vista com um certo descaso. Esses extremos, o orgulho e o descaso, fazem suscitar discursos contraditórios na fala dos informantes.

Uma outra abordagem feita por Severo (2004) é a relação da língua com o passado e o presente. Há, notavelmente, na fala dos informantes pesquisados pela autora, um passado áureo, onde nele teria ficado perdida a autêntica identidade do nativo da ilha de Santa Catarina; no presente, haveria uma certa corrupção e a perda dessa identidade.

A autora salienta que não se pode ignorar o processo de mutação da língua e identidade, nesses contextos de contato, pois crer que uma língua e/ou identidade podem ser protegidas das alterações possíveis não mantém sua pureza, e sim o distanciamento com outras línguas e identidades.

1.2 Delimitação do objeto, objetivos, questões e hipóteses da pesquisa

O foco principal desta dissertação é a variação na concordância verbal com o pronome sujeito *tu*. Mais especificamente, tencionamos investigar em que medida as marcas morfológicas denotadoras de número-pessoa estão presentes nas formas verbais – incluindo os marcadores discursivos derivados – associadas ao pronome *tu*. Para contextualizar esse fenômeno, porém, é importante conhecer a frequência de uso desse pronome na fala dos informantes investigados, em face da forma pronominal concorrente para representar P2 – *você*. Assim, tencionamos num primeiro momento levantar a frequência de uso das formas *tu* e *você*. Num segundo momento pretendemos realizar uma análise multivariada da concordância verbal com *tu*. Serão realizadas rodadas estatísticas distintas, inicialmente para uma variável ternária: presença de concordância canônica (-*ste*, -*es*, -*s*); ii) presença de concordância canônica modificada (-*sse*); iii) sem marca de concordância; posteriormente para duas variáveis binárias: uma contemplando as variantes i) presença de marca de concordância (reunindo canônica e canônica modificada) e ii) sem marca de concordância; 3) uma variável binária outra apenas com as formas que apresentam presença de concordância, com as variantes i) com concordância canônica; e ii) com concordância canônica modificada. Os resultados concernentes à atuação das variáveis independentes testadas serão aqueles das duas rodadas binárias. As rodadas ternárias servirão para nos dar um panorama geral da distribuição das formas em variação. Em etapa posterior de análise, realizamos também rodadas estatísticas separando verbos de marcadores discursivos, para verificar em que medida essas classes se distinguem quanto à marcação morfológica de P2 – tipicamente de concordância verbal, mas que ainda se manifesta em MDs oriundos de verbos.

Os objetivos, questões e hipóteses da dissertação são formulados com base, principalmente, nos trabalhos de Loregian (1996) e Loregian-Penkal (2004), sobre o uso de *tu* e *você* e concordância verbal com *tu*, em amostras de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul (Projeto Varsul); Amaral (2003), sobre a concordância verbal com *tu*, em amostras de Pelotas-RS (Banco de Dados VarX); Ramos (1989), com resultados de testes subjetivos de avaliação sobre o uso dos pronomes de tratamento relacionados à segunda pessoa do singular (P2), em Florianópolis. Nosso interesse maior, além de comparar resultados, é verificar o efeito das variáveis independentes numa amostra de fala recentemente

coletada, e discutir a questão da identidade do florianopolitano associada a marcas linguísticas de P2.

1.2.1 Objetivo geral

Investigar a concordância verbal⁷ de P2 (com o pronome *tu*), em Florianópolis-SC, na amostra sincrônica *Floripa*, considerando-se as marcas morfológicas presentes tanto em verbos como em marcadores discursivos oriundos de verbos.

1.2.2 Objetivos específicos

- (i) Averiguar a frequência de ocorrências dos pronomes *tu* e *você* na referência de P2 como sujeito;
- (ii) Analisar grupos de fatores linguísticos, sociais, estilístico-discursivos e geográficos que possam estar condicionando a variação na concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis;
- (iii) Verificar qual a relação entre as faixas etárias controladas, o nível de escolaridade, o sexo e a variável diazonalidade (zonas urbanas e não urbanas), no uso das variantes da concordância verbal de segunda pessoa;
- (iv) Investigar, na amostra sincrônica atual, evidências de uma possível mudança, quando comparada a estudos anteriores sobre variação pronominal em P2 e concordância verbal de segunda pessoa do singular, realizados com amostras de fala mais antigas de Florianópolis;
- (v) Levantar possíveis traços linguísticos identitários dos florianopolitanos, em relação ao fenômeno estudado.

1.2.3 Principais questões e hipóteses

- (i) Qual é a frequência de uso dos pronomes *tu* e *você*, como referência de P2, na função de sujeito?

Hipóteses:

Sabemos que Florianópolis é uma das cidades, mapeadas por Loregian-Penkal (2004), em que os pronomes *tu* e *você* e suas marcas

⁷ Frequentemente nos referimos ao fenômeno estudado como variação na concordância verbal de P2. Convém salientar, porém, que a relação de concordância é sintática e se estabelece entre o verbo e o respectivo sujeito. No caso dos marcadores discursivos, não existe concordância, mas eventual presença de marca morfológica residual da categoria verbal de origem. Quando mencionarmos concordância de P2, deve-se entender que o termo está recobrando tanto verbos como marcadores, com a ressalva acima.

concorrem significativamente, com uso majoritário da concordância canônica de segunda pessoa, em relação a outras localidades da Região Sul. Menon e Loregian-Penkall (2002) apontam que, em regiões em que o *tu* é majoritário, o *você* estaria sendo usado em contextos de maior formalidade. Acreditamos, assim, que ambas as formas pronominais sejam utilizadas, porém o uso de *tu* deve suplantar, significativamente, o uso de *você* em referência a P2, na função de sujeito.

(ii) Há diferenças, em termos de frequência, entre os pronomes de segunda pessoa do singular – *tu* e *você* – em relação a amostras de fala florianopolitana mais antigas?

Esperamos que os resultados encontrados por Loregian (1996; 2004), no banco Varsul, sigam a mesma direção na amostra Floripa, porém com frequência diferenciada entre as duas amostras. Em termos de frequência geral, acreditamos que na amostra Floripa haja menos *tu* do que na amostra do Varsul; ou seja, o *você* estaria tendo seu uso mais expandido entre os florianopolitanos. Ademais, espera-se que o *tu* seja mais recorrente que o *você* nas localidades não urbanas.

(iii) A concordância verbal com o pronome *tu* é, atualmente, uma regra variável produtiva em Florianópolis?

Hipóteses:

Comparativamente à amostra Varsul, a expectativa é de que sejam encontrados mais casos de concordância, seja na forma canônica (*viste; vês* etc.), seja na forma canônica modificada (*visse*), do que casos de não concordância, em que o pronome *tu* é acompanhado de formas verbais não marcadas (*viu; vê*, etc.). No caso de concordância marcada, a forma canônica modificada deve ser de uso significativamente maior que a canônica na amostra Floripa.

A título de ilustração, observe-se a ocorrência abaixo, extraída da amostra Floripa, em que as formas canônicas estão vigentes:

(1) As minhas tias não trabalhavam fora, então elas faziam cozido, sabes o quê que é, né?... Não sabes temperar?...
...podes fazer uma farofa da ova... (FVSUEli)

(iv) A concordância verbal com o pronome *tu* é sensível a quais condicionadores linguísticos?

Hipóteses:

Nossa expectativa é que estejam atuando em Florianópolis, na

amostra Floripa, as mesmas variáveis independentes que se mostraram relevantes no estudo de Loregian-Penkal (2004), com base no banco Varsul: *explicitação do pronome e determinação do referente*. Nossas hipóteses para esses grupos de fatores são formuladas com base nos resultados desse estudo.

Para a *ausência/presença do pronome*, acreditamos que a ausência do pronome *tu*, ou seja, a sua omissão, propiciará a presença de marcas morfológicas de concordância, pela necessidade de assinalar a referência de P2.

Quanto à *determinação do referente*, a expectativa é de que haja maior presença de marcas de concordância com *tu* de referência determinada e menor presença de marcas quando o referente for indeterminado.

Além desses dois grupos de fatores, nossa expectativa para a variável independente *classe gramatical* é a de que os marcadores discursivos, doravante MDs, i) apresentarão uma frequência menor de marcas de concordância em relação aos verbos (dada a trajetória de mudança categorial desses itens rumo a formas mais enrijecidas); ii) irão favorecer a presença de marca de concordância canônica modificada em relação aos verbos.

(v) A concordância verbal com o pronome *tu* é sensível a quais condicionadores estilístico-discursivos?

Hipóteses:

Em relação à variável *discurso reportado*, esperamos que haja um comportamento distinto no caso de discurso reportado, em relação aos não reportados, podendo haver usos diferenciados de variantes.

Para a variável *pessoa do discurso reportado*, acreditamos que o *discurso de pessoas próximas*, geralmente pessoas da família e do grupo de amigos, ou de *pessoas não próximas* (que não fazem parte da família ou do grupo de amigos), assim como o *discurso do próprio informante* influenciarão, de forma distinta, a concordância verbal de segunda pessoa do singular. Assim como em Amaral (2002), espera-se que haja mais concordância quando, por exemplo, o informante estiver reportando falas de um superior ou de pessoas desconhecidas – relações assimétricas. É o que, provavelmente, ocorreu na fala de um informante da amostra Floripa:

(2) ... eu tinha até uma **professora** que já era viúva ... já era uma mulher, e ela assim: ai, vais casar com operário, e eu ficava quieta... (FVSUEli)

Quanto à *interlocução entre as pessoas do discurso reportado*, esperamos encontrar possíveis variações nessas situações de interlocução, porém sem precisar quais.

(vi) A concordância verbal com o pronome *tu* é sensível a quais condicionadores sociais?

Hipóteses:

Com base nos estudos de Loregian (1996), Loregian-Penkal (2004), Amaral (2003) e Pagotto (2001), formulamos nossas hipóteses para os grupos de fatores sociais; e com base em Monguilhott (2009), para os grupos de fatores geográficos.

Para a variável independente *idade*, a expectativa é que os mais jovens (15 a 37 anos) utilizem mais a variante sem marca de concordância que os mais velhos (acima de 45 anos), evidenciando um comportamento linguístico mais inovador em Florianópolis. Como ilustração, na fala de um informante mais jovem, abaixo, percebemos o uso do *tu* sem concordância:

(3) ... porque pra tu caminhá até o parque de Coqueiros, tu vive ali colado no asfalto, sabe?!... (MNSUTia)

(4)... então assim, é muito louco assim, porque tipo a gente pega muito sol, se tu aparece lá, meu Deus, ela te faz ficar de cueca, porque, meu Deus, isso vai dá zipra... (MNSUTia)

Em relação à *escolaridade*, acreditamos que informantes com curso superior farão maior uso de marcas de concordância em geral – e também de concordância canônica –, devido à imposição, por maior tempo, do padrão normativo escolar.

Quanto à variável *sexo*, esperamos que as mulheres usem mais marcas de concordância em geral – e também de concordância canônica – do que os homens, seguindo a tendência observada nos estudos sociolinguísticos no que diz respeito às formas de prestígio.

Em relação à *avaliação do termo manezinho*, acreditamos que as avaliações positivas favorecerão o uso de marcas de segunda pessoa (plenas ou assimiladas); e, as avaliações negativas do termo desfavorecerão essas marcas.

(vii) A concordância verbal com o pronome *tu* é sensível a quais condicionadores geográficos?

Em relação à variável geográfica *diazonalidade*, a expectativa vai numa direção oposta à de Monguilhott (2009), que esperava que em zonas consideradas urbanas, desenvolvidas e com maior prestígio social – como Ingleses e Trindade – houvesse maior concordância verbal de terceira pessoa do plural, seu objeto de estudo. Esperamos que as formas canônicas e canônicas modificadas sejam mais observadas em comunidades classificadas como não urbanas – como Ribeirão da Ilha e Costa da Lagoa – por serem consideradas, em estudos anteriores (LOREGIAN, 1996; LOREGIAN-PENKAL, 2004), mais conservadoras para o fenômeno em questão, por razões sócio-históricas. Essa hipótese se desdobra em relação à variável *localidade*, esperando-se que o controle de cada localidade separadamente mostre particularidades em relação ao fenômeno investigado.

Quanto ao *localismo*, acreditamos que os informantes que se identificam com o lugar onde moram, os considerados bem integrados, apresentarão maior uso das formas linguísticas da localidade – as formas morfológicamente marcadas; já os informantes considerados mais ou menos integrados, os quais não se identificam com o bairro, tenderão a fazer maior uso de traços linguísticos externos – sem marcas de concordância.

Em relação à *mobilidade*, acreditamos que informantes com maior mobilidade farão uso das ditas formas neutras – as sem marcas de concordância; já os informantes com média ou pouca mobilidade farão maior uso de formas marcadas, possivelmente valorizadas localmente.

(vii) É possível identificar marcas de identidade em relação ao fenômeno investigado na amostra Floripa?

Hipóteses:

Acreditamos que os resultados, especialmente os associados as variáveis extralinguísticas, oferecerão indícios de que a presença de marcas de concordância, seja em verbos seja em MDs, possa ser vista como uma das marcas linguísticas identitárias do ilhéu.

Neste capítulo, procedemos à revisão da literatura acerca do uso de *tu* e *você* e da concordância verbal com *tu* na fala da Região Sul, bem como acerca de questões identitárias em Florianópolis. Sobre o uso pronominal e a concordância de P2, foram resenhados os trabalhos de Ramos (1989), Loregian (1996), Hausen (2000), Loregian-Penkall (2004) e Amaral (2003); sobre identidade, foram comentados os trabalhos de Pagotto (2001) e Severo (2004). Esses trabalhos, além do

de Monguilhott (2009), embasaram a formulação de nossos objetivos, questões e hipóteses, que foram apresentados na sequência. Passamos, no próximo capítulo, a explicar os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, referencial teórico utilizado em nosso trabalho.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente estudo se ancora na Teoria da Variação e Mudança Linguística (de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968])); Labov (2008 [1972]). A seguir, apresentamos alguns pressupostos teórico-metodológicos labovianos básicos, expomos a noção de comunidade de fala e discutimos alguns aspectos concernentes à identidade, especialmente no que diz respeito a Florianópolis.

2.1 Pressupostos básicos da Teoria da Variação e Mudança

Objetivando analisar a língua como um sistema heterogêneo, a Teoria da Variação e Mudança⁸ linguística, cujos postulados foram apresentados inicialmente por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), caracteriza-se por ser um modelo teórico e metodológico empírico de análise linguística. Esse modelo centra-se na estrutura e na evolução da linguagem, a partir de uma comunidade de fala⁹, tomando como ponto de partida que a variação, na fala de indivíduos, é sistematizada e é fruto da atuação de diversos fatores, sendo a mudança linguística resultado dessa variação. Em outras palavras, a língua, para Labov, é heterogênea e esta heterogeneidade é estruturada.

A teoria laboviana surgiu em meados da década de 1960, concomitantemente ao fortalecimento do modelo chomskiano¹⁰, num momento em que os pressupostos saussureanos¹¹ ainda se mantinham. Naquele período, Labov criticou alguns aspectos das duas teorias vigentes.

Em relação a Saussure, Labov critica o ‘paradoxo saussuriano’, segundo o qual todos os falantes possuem conhecimento da *langue* (aspecto social na linguagem), havendo assim a possibilidade de se analisar esse aspecto social a partir de um indivíduo; porém, ao se estudar a *parole* (aspecto individual da linguagem), a observação é feita a partir de um contexto social de língua em uso. Dessa forma, o

⁸ Também conhecida como Sociolinguística Quantitativa (em consequência do uso de cálculos, principalmente os de porcentagem e pesos relativos, computados a partir de análises multivariadas), ou Teoria Variacionista, ou ainda Teoria laboviana (por ter em Labov seu principal representante).

⁹ Discutiremos, mais adiante, o conceito de comunidade de fala.

¹⁰ Em 1957, começam a se desenvolver e difundir as ideias de Noam Chomsky, através da obra *Syntactic Structures*.

¹¹ Charles Bally, Albert Secheyne e A. Riedlinger, discípulos de Saussure, publicaram, em 1916, o livro *Cours de linguistique générale*, obra que aborda os ensinamentos do mestre, apontados por seus alunos/discípulos.

estruturalismo saussuriano, ao tomar a *langue* (sistema de signos) como objeto da Linguística, exclui do âmbito dessa ciência o uso efetivo da língua no contexto social.

Outro princípio não aceito por Labov é o da imanência, defendido na teoria de Saussure. Para Saussure, os fatos linguísticos são interpretados a partir de outros fatos linguísticos; em contraponto, para Labov os fatos linguísticos podem ser interpretados também, ou principalmente, a partir de fatores extralinguísticos.

A teoria saussuriana defendia ainda que a *langue* só pode ser captada em um estado da língua – na sincronia, recorte estático –, e as transformações que existem entre os estados – na diacronia, dimensão evolutiva –, não são consideradas, porque a sincronia constitui a única realidade da língua. Já para Labov a variação e a mudança devem ser observadas levando-se em consideração os fatos sincrônicos e diacrônicos.

Em relação a Chomsky, Labov recusa que o objeto da Linguística seja uma comunidade de fala abstrata, homogênea, tendo como integrantes falantes-ouvintes ideais, como postula o modelo gerativo – como é conhecida a teoria chomskiana. Para Labov, a comunidade de fala é diversificada, heterogênea, composta de falantes-ouvintes reais.

Na teoria de Chomsky, notadamente em seus estágios iniciais, os dados são as intuições do pesquisador ou do falante sobre a língua(gem), que fazem julgamentos acerca de gramaticalidade e de aceitabilidade. Labov acredita que os pesquisadores não devem criar teorias e resultados concomitantemente. Além disso, Labov considera que avaliações intuitivas são um equívoco, pois, em geral, as intuições não são regulares, sendo assim difíceis de serem explicadas em relação à fala. Segundo Labov, para tratar da língua, é necessário observar a fala do cotidiano, levantar dados e analisá-los à luz de teorias gramaticais, de forma criteriosa, fazendo ajustes teóricos necessários de maneira que a teoria explique o objeto de estudo.

Determinados aspectos teórico-metodológicos foram levantados como empecilhos à proposta de Labov de se estudar a língua no cotidiano, porém, segundo o autor (2008 [1972]), todos são passíveis de solução.

O primeiro empecilho apontado seria a agramaticalidade da fala. Labov, no entanto, afirma que é um mito acreditar que existam diversas sentenças mal formadas na fala, e esse mito não se sustenta em fatos reais, conforme atestado em diversos estudos, os quais mostram que cerca de setenta e cinco por cento dos enunciados são perfeitamente formados.

O segundo empecilho apontado é o lugar da variação na linguística, tendo em vista que há, na língua, formas diversas de se dizer a mesma coisa. Para Labov, a variação e a heterogeneidade em comunidades de fala são comprovadas; a heterogeneidade resulta de fatores linguísticos de base.

O terceiro problema abordado no estudo da linguagem é de ordem técnica e diz respeito a obstáculos na gravação e audição de falas em situações espontâneas, o que, segundo Labov, é solucionado com aparelhos de boa qualidade, os quais, a cada dia, tendem a se tornar melhores. Labov salienta, ainda, que não se faz necessário diversas gravações para se fazer análise estatística, porque o básico da estratificação social pode ser feito a partir de, aproximadamente, vinte e cinco informantes, com o mínimo de cinco por célula¹².

O último empecilho apontado é a pouca frequência das formas sintáticas. Existem, para esse caso, segundo Labov, modos de transpor essa barreira, e um exemplo disso é quando o pesquisador consegue estabelecer um diálogo com o entrevistado, fazendo aparecer o dado natural de determinada forma, sem o pesquisador tê-lo utilizado. Nesse sentido, o pesquisador averiguará se o informante possui determinada característica em sua fala e se a mesma é regular.

Para formar as amostras que irão compor determinado banco de dados sociolinguísticos, selecionam-se informantes, conforme suas características sociais e geográficas, de modo que sejam representativos do grupo social onde estão inseridos. O método variacionista caracteriza-se por verificar que fatores linguísticos e extralinguísticos (sociais, estilísticos, geográficos) condicionam a seleção de determinadas formas alternantes da língua, denominadas variantes – formas que proporcionam dizer a mesma coisa de diferentes maneiras, ou seja, as variantes possuem o mesmo valor de verdade, porém opondo-se quanto à significação social ou estilística; a um conjunto de variantes denominamos variáveis linguísticas.

As pesquisas sociolinguísticas desenvolveram-se inicialmente no campo da fonologia, a partir de estudos precursores¹³ produzidos por Labov. A escolha pela área da fonologia deu-se, em princípio, pela frequência alta de dados, assim como por tratar-se de um terreno fértil, perfeito para o estudo da variação. Atualmente, porém, inúmeros estudos se ocupam de variáveis morfossintáticas (variação pronominal,

¹² Célula representa uma unidade de representação da estratificação social

¹³ As primeiras pesquisas de Labov envolviam os ditongos /ay/ e /aw/ na lha de Martha's Vineyard, Massachussets e a realização do /r/ em Nova York.

concordância nominal e verbal, etc.), sintáticas (ordem de constituintes) e mesmo sintático-semântico-discursivas (tempo-modo verbal, conectores, etc.), alargando, assim, o escopo do objeto de investigação sob a ótica variacionista.

Para Labov, não há diferença entre ‘variável sociolinguística’ e ‘variável linguística’. Para o autor, na realização de pesquisas sociolinguísticas, estamos não só interessados em analisar a importância dos fatores sociais, mas também pretendemos saber qual é o estado atual da estrutura gramatical da língua, percebida como fenômeno social.

Com base nesse panorama, podemos considerar que o objeto de estudo desta dissertação – a concordância verbal de segunda pessoa do singular – é uma variável linguística legítima, passível de ser analisada a partir de estudo variacionista, pois, conforme Labov, estamos trabalhando com sentenças que se reportam ao mesmo estado de coisas. Vale ressaltar que estudos variacionistas de fenômenos de níveis mais altos da gramática já vêm sendo recorrentemente desenvolvidos desde a década de 1980. A partir das sentenças, extraídas do banco Floripa, tais como: i) “...*ela assim: ai, vais casar com operário...*” (FVSUEli) / ii) “...*a minha bisavó falava assim: o que tu vai fazer na igreja, mulher?*” (MNSUTia) e iii) “*já vás?*” (FVBRond), notamos que, de fato, os enunciados com ou sem marcação da concordância verbal possuem o mesmo valor referencial, sendo essas formas consideradas variantes de uma mesma variável.

2.2 A noção de comunidade de fala

Os fenômenos em variação, segundo Labov (2008 [1972]), devem ser observados nas comunidades de fala, que se definem pelo envolvimento de indivíduos em certas normas linguísticas estabelecidas, as quais podem ser percebidas em determinadas ações avaliativas.

Para Labov, a comunidade de fala integra um grupo de pessoas que julgam e percebem a língua da mesma forma. Mais do que compartilhar as mesmas formas da língua, o grupo compartilha as mesmas normas a respeito do uso dessa língua. Essas normas compartilhadas podem ser observadas tanto em “comportamentos avaliativos explícitos”, como “pela uniformidade de padrões abstratos de variação” (LABOV, 2008 [1972], p. 150). Assim, embora os usos linguísticos sejam relevantes, o principal critério, para Labov, são as normas avaliativas.

Para definir comunidade de fala, Guy (2001) ressalta algumas questões. Uma delas é a de que as diferenças entre falantes devem ser

extensivas, ou seja, devem alcançar diversas áreas da gramática mental. Para o autor, os falantes dividem especificidades linguísticas que podem ser reconhecidas e distinguidas por outros falantes, os quais não compartilham essas especificidades. Uma outra questão, ressaltada por Guy (2001), é a de que essas distinções, entre falantes, são sistemáticas e não aleatórias, denotam a estruturação social e espelham grupos de falantes que fazem uso das mesmas formas. Essas distinções não se limitam apenas a grupos de falantes, mas também ocorrem na fala de cada indivíduo, que altera o seu uso por diversas razões, as quais podem ser sociais ou comunicativas, além das que incluem questões formais/informais e estilísticas.

Com base nessas considerações, Guy (2001, p. 18) caracteriza comunidade de fala como um grupo de indivíduos que denotam:

- características linguísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela;
- densidade de comunicação interna relativamente alta; isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele;
- normas compartilhadas; isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas.

Para o autor, distintas comunidades exibem diferenças em seus dados, resultando, muitas vezes, em diferentes gramáticas. Os falantes, pertencentes a uma comunidade de fala, compartilham efeitos de contexto¹⁴ iguais nos processos variáveis, em meio às características linguísticas que determinam a comunidade. Ademais, o autor aponta que as características que definem uma comunidade de fala se apresentam ligadas, entrelaçadas; na realidade, os participantes de uma comunidade compartilham traços linguísticos em decorrência da comunicação e das normas estabelecidas.

Guy (2001) concede igual importância para os traços linguísticos, as atitudes e normas compartilhadas pelos indivíduos de uma mesma

¹⁴ Efeitos de contexto são depreendidos a partir do controle de grupos de fatores condicionantes.

comunidade, incluindo também as redes sociais – das quais os indivíduos fazem parte – para caracterizar a comunidade de fala. Nesse sentido, parece sistematizar melhor o conceito inicialmente proposto por Labov. É nessa noção de comunidade de fala que se ancora esta dissertação.

2.3 A questão da identidade

Nesta seção, antes de discutirmos a questão da identidade atrelada à língua, fazemos uma breve descrição do perfil sócio-histórico de Florianópolis, incluindo alguns dados geodemográficos, de modo a caracterizar a comunidade cujos dados linguísticos estamos analisando.

2.3.1 Perfil sócio-histórico de Florianópolis-SC

Conforme a perspectiva teórica escolhida neste trabalho, a Teoria da Variação e Mudança Linguística, a língua espelha aspectos sócio-históricos da comunidade de fala. Desta maneira, caracterizaremos, a partir de agora, sócio-historicamente, o município de Florianópolis: começando pelos primeiros habitantes, focando-nos na colonização açoriana e terminando nos dias atuais; pensamos, com isso, ajudar no entendimento do quadro linguístico das localidades pesquisadas.

A capital do estado de Santa Catarina, Florianópolis, situa-se na Região Sul do Brasil e possui uma população de 421.203 habitantes¹⁵. Florianópolis possui a maior parte de seu território em uma ilha, localizada muito próxima à parte continental, dividida por um estreito canal; a ilha mede 54 km de comprimento e 18 km de largura¹⁶.

Antes da chegada dos europeus, a ilha de Santa Catarina já era habitada, no século XVI, por índios guaranis, denominados Carijós. Com a chegada dos brancos europeus, nesse século, os índios carijós começaram a ser caçados, escravizados e, aos poucos, dizimados, por diversos motivos, entre eles: doenças – trazidas pelos brancos –, tráfico, maus-tratos, etc.

Segundo Corrêa (2005), o povoamento português, na ilha de Santa Catarina, só se efetivou no século XVII, por volta de 1675, quando Francisco Dias Velho fundou Nossa Senhora do Desterro, ao instalar uma igreja em devoção a Nossa Senhora. Com esse fato, começava o povoamento da ilha de Santa Catarina, a partir de 400

¹⁵ Dados do Censo – IBGE, 2010.

¹⁶ Dados de www.wikipedia.org, acessado em 27.07.2012.

habitantes: parentes, agregados e escravos de Francisco Dias Velho.

Anos mais tarde, por volta de 1689, Dias Velho é morto, vítima de vingança, pois tinha aprisionado piratas, em um navio corsário, dois anos antes, os quais voltaram para matá-lo. Grande parte da família de Dias Velho mudou-se para São Paulo, menos um dos filhos que se estabeleceu em Laguna-SC. Após o assassinato de Dias Velho, permaneceram no local poucos moradores. Até o início do século XVIII, o povoado de Desterro não havia crescido, havendo ali poucas casas (menos de trinta) e em torno de cento e trinta habitantes.

No ano de 1726, Desterro passa para a categoria de Vila, desvinculando-se de Laguna-SC. A partir de então, a cidade começa a evoluir, a partir da pesca da baleia e da colonização açoriana. A colonização açoriana deu-se, de fato, segundo Corrêa (2005, p. 79), em seis de janeiro de 1748, quando aqui desembarcaram 88 casais, totalizando 461 pessoas. Mais tarde, entre 1748 a 1756, chegaram, na região litorânea de Santa Catarina mais seis mil e setenta e um açorianos. Esses portugueses chegaram à ilha de Santa Catarina tencionando sanar os problemas sociais que em Açores existiam: miséria, falta de terras e emprego; além de atenderem aos anseios do reino, o qual disputava terras com a Espanha, no sul do Brasil.

Os açorianos contribuíram, efetivamente, na composição da população da capital catarinense, influenciando a cultura da região com: produção artesanal (renda-de-bilro e outros tipos artesanais); cerâmica; danças (pau-de-fita, ratoeira, quadrilha); folguedos (farra do boi, boi-de-mamão, terno de reis, malhação de judas); literatura (pão-por-Deus); religião (festa do Divino Espírito Santo, Senhor dos Passos); gastronomia (pirão, peixe); mitologia (bruxas) e medicina popular (benzeduras).

Segundo Caldas Filho (2003), Desterro passou a ser denominada de Florianópolis em 1º de outubro de 1894, em homenagem a Floriano Peixoto. O novo nome da cidade, até hoje, causa revolta em alguns cidadãos florianopolitanos, pois sabem que a homenagem, feita pela Assembleia Legislativa, ocorreu no ano em que o governador de Santa Catarina, nomeado por Floriano Peixoto, mandou executar, sem julgamento, muitos homens na Ilha de Anhatomirim, apontando os fuzilados como integrantes da Revolução Federalista.

Segundo Corrêa (2005), a partir do século XX, percebem-se transformações em Florianópolis: a eletricidade chega às ruas e casas, os veículos motorizados, pouco a pouco, vão surgindo; juntamente com os meios de comunicação. A ponte Hercílio Luz é inaugurada, no ano de 1926, ligando o continente à ilha, proporcionando o acesso por meio

terrestre. No início da década de 1960, é estabelecida a Universidade Federal de Santa Catarina, empregando diversos professores e trazendo alunos de várias regiões de Santa Catarina e do país. Nessa mesma época, inicia-se, com força total, o mercado turístico na ilha, impulsionado também pela abertura da BR 101, abrindo espaço, também, para novos moradores, vindos de várias regiões do Brasil para a ilha de Santa Catarina. O cenário, aos poucos, vai se alterando, dando lugar a muitos edifícios, duas pontes novas – Colombo Salles e Pedro Ivo Campos – e o aterro da Baía Sul. Um informante da amostra Floripa relembra essa mudança repentina, na década de noventa, século passado, no bairro Coqueiros:

(1) ... o Carvalhal não tinha muro... as crianças jogando bola, sabe?! Ali na rua assim, porque não tinha muro realmente, na década de 90, e se transformou muito rápido né, porque Coqueiros é do lado do Centro... é um bairro muito agressivo hoje né, é acho que é um bairro que cresceu muito rápido e se desenvolveu muito rápido, e tem uma qualidade de vida que não é tão boa hoje em dia assim, que vivem as custas assim do parque de Coqueiros, tipo, tem uma qualidade que... conjunta, mas que não é uma qualidade tão boa assim... (MNSUTia)

Hoje em dia, o que se percebe é a inquietude em resgatar a cultura que veio com os açorianos, a qual foi esquecida devido a certos preconceitos, principalmente os que se iniciaram por descendentes ítalo-germânicos, e que, segundo Farias (2000), citado por Monguilhott (2009), ainda vigoram na sociedade catarinense. Esses preconceitos eram baseados no fato de que percebiam o povo do litoral como preguiçoso, malandro: os açorianos começavam a trabalhar antes de o sol nascer e, por volta das 15h, já estavam liberados, contando “causos” nas vendas; diferentemente dos descendentes ítalo-germânicos, que faziam seus horários do comércio e da indústria, começando, em torno das oito horas e terminando no fim da tarde/início da noite.

Além disso, os descendentes ítalo-germânicos enxergavam os descendentes açorianos como iletrados, atrasados, sem ambição, conformados com os seus bens materiais e imateriais. Os descendentes ítalo-germânicos vieram ao Brasil, por volta do século XIX, e trouxeram a cultura existente na Revolução Industrial, de trabalho intenso, carga horária pesada, influenciados por uma mentalidade de acúmulo de bens;

ao contrário disso, os açorianos possuíam uma cultura de subsistência, ou seja, trabalhavam para adquirir o suficiente para sobreviver, sem ambição alguma.

Segundo Farias (2000), citado por Monguilhott (2009), pressionados por esses padrões culturais, os descendentes açorianos foram, aos poucos, abandonando os seus valores culturais, em detrimento de uma cultura considerada mais qualificada, mais preparada, mais moderna – com novas tecnologias e modos de vida, a qual os *manezinhos*, considerados defasados, iletrados não possuíam.

Ainda segundo Farias (2000), citado por Monguilhott (2009), para modificar esse quadro de desprestígio cultural, em relação aos descendentes açorianos, os quais, em sua maioria, abandonaram os traços definidores de sua cultura, devido aos preconceitos já citados, surgem manifestações para contrapor essa situação. No ano de 1992, a Universidade Federal de Santa Catarina cria o Núcleo de Estudos Açorianos com o objetivo de restituir aos cidadãos litorâneos o entendimento das suas raízes culturais e históricas, proporcionando o surgimento de valores culturais adormecidos. Esse núcleo ofereceu, nos anos seguintes, divulgação das atividades culturais açorianas, construiu um monumento, em homenagem a essa colonização, assim como criou o troféu Açorianidade, bem como a Semana da Cultura Açoriana e o Encontro sul brasileiro de comunidades açorianas.

Outro fator importante para a identidade do *manezinho*, segundo Caldas Filho (2003), nos últimos tempos, foi a criação, pelo jornalista e animador cultural Aldírio Simões, do troféu “Manezinho da Ilha”, em 1988; esse troféu vem sendo dedicado a pessoas importantes de Florianópolis, proporcionando, assim, mais importância a essa identidade, antes vítima de preconceito.

Florianópolis, nas últimas duas décadas, passou a ser considerada, pela mídia, uma das capitais com melhor qualidade de vida, atraindo moradores de outras regiões. Além disso, o tenista Gustavo Kuerten, campeão mundial em 2001, fez ressurgir o espírito prestigiado de ser *manezinho*, pois sempre fez questão de mostrar sua naturalidade, partindo do orgulho de ter nascido e ainda morar na ilha.

2.3.2 Variação linguística e identidade

O processo de variação linguística, segundo Pagotto (2001), abarca essencialmente o movimento de identidade do sujeito na sua relação com a língua. Para o autor, essa relação pode se mostrar de várias formas: uma pensada a partir da nação – tendo aí, a constituição

do sujeito correlacionada ao pensamento de uma língua única; outra pensada a partir do migrante, obtendo a oposição territorialização/desterritorialização.

Com base nesse pano de fundo e ancorado na Análise do Discurso, Pagotto (2001) aponta três aspectos interligados, que envolvem a questão da identidade: i) identidade constitutiva: “o movimento básico de constituição do sujeito pelas formas variantes” (p. 111); ii) discurso de identidade: o lugar do discurso onde se pode localizar a manifestação da identidade como sentido, o seu funcionamento se imbuí no funcionamento das formas variantes; iii) discurso sobre identidade: qualifica-se por apresentar, como sujeito, a posição de compreender que produz memória institucional.

Para Florianópolis, o autor atribui, além das tendências normais de constituição da identidade, que qualificam os laços sociais nas cidades modernas, uma “crise de identidade”, alavancada a partir dos sujeitos que percebem seus modos de vida, efemeramente, ocupando o lugar de um “não identificado” (p. 112), posto pelos discursos que os interpelam. A partir disso, uma inquietação começa a vigorar. Os discursos sobre identidade trabalham fundamentalmente estabelecendo o rompimento com o passado e, concomitantemente, fomentando o regresso a esse passado. Para o autor, o rompimento e o regresso são construções discursivas, colocando o passado e o presente como peça de disputa na significação. Em Florianópolis, há uma unidade a ser construída, pois foi colocada no patamar da inexistência pelos discursos de identidade, que pleiteiam o lugar do imaginário.

Um aspecto interessante explorado por Pagotto (2001) é o das designações – tanto da cidade como de seus habitantes. Florianópolis, como já vimos, possui muitas designações: Desterro (nome de sua fundação), Florianópolis, Ilha da Magia, Floripa – as duas primeiras são designações oficiais da cidade. A troca de nome de Desterro para Florianópolis é, possivelmente, um dos primeiros motivos deflagrados para uma crise de identidade. Segundo Pagotto (2001), os dois nomes oficiais passaram, historicamente, por um processo de rejeição, o qual tentou, ao longo dos anos, apagar traços de identidade que surgiram a partir de seus nomes. É possível que o incômodo gerado pelo primeiro nome, Desterro, que lembra desterrado, seja devido ao modo como se deu o povoamento da cidade pelos açorianos, no século XVIII: o isolamento sofrido, fruto do descaso do império português, fez com que não obtivessem o amparo necessário para progredir, lutando, a sua maneira, para sobreviver em um local desconhecido. Já a designação Florianópolis nos remete a um outro problema histórico, o nome daquele

que nos lembra os assassinatos, que usurpa, humilha e é homenageado. A homenagem feita a Floriano Peixoto, até hoje, é motivo de muita discussão; inclusive, algumas pessoas, nos dias atuais, recusam-se a usar o atual nome da cidade em cartas ou documentos, escolhendo as outras possibilidades existentes.

Em Florianópolis, há uma grande quantidade de nomes para designar o indivíduo perante a cidade. Nomeamos de *manezinhos*, ilhéus, florianopolitanos e nativos os nascidos em Florianópolis. Dessa maneira, aludir a *manezinhos* e nativos aponta para o estado de identidade expresso na ligação com suas origens.

O termo *manezinho* assinala, segundo Caldas Filho (2003), atualmente, uma inversão de sentido. Sobre a imagem do *manezinho* vigorou e, de certa forma, ainda vigora, como já citamos, certos preconceitos: pela descendência açoriana, espelhando a imagem do homem litorâneo, preguiçoso e resignado; pelo preconceito de classe – do morador do interior da ilha, desprovido de posses, iletrado, marginalizado pela sociedade local. Para os florianopolitanos mais antigos, a expressão é carregada de preconceito, a qual faz ressurgir velhos sentimentos. Uma informante do banco Floripa expressa bem esse sentimento, em relação aos *manezinhos*:

(2) ...É, pelo menos eu tive condições e estudei mais, né?! É a parte da cultura, do estudo; e eles, muitos não estudaram, não sei se eles sabem ler. (FVSUEli)

Essa resignificação do termo *manezinho*, segundo Caldas Filho (2003), vem adquirindo valorização: a conotação negativa transformou-se em mérito, valor. Esse processo começou, como já citamos, em 1988 com a criação do troféu “*Manezinho da Ilha*”, por Aldírrio Simões – o troféu é dedicado a pessoas que se destacam no município. Um outro fator determinante, também já citado, é devido ao tenista Gustavo Kuerten, campeão mundial em 2001; nascido e, até hoje, morador da cidade, o tenista sempre fez questão de se intitular “*manezinho da ilha*”. A autoestima, proporcionada pelo desportista, fez surgir discursos orgulhosos nos florianopolitanos mais jovens, como podemos perceber na entrevista abaixo, de um informante da amostra Floripa:

(3) ...na década de 90 ninguém queria ser mané, ...mas é que hoje as pessoas estão buscando querer ser mané, porque antes tinha até um receio

de ser mané, porque mané é de manezão, hoje o mané é de orgulho, ... hoje tem uma questão histórica por trás, um orgulho, antes o mané era mais daquele mané do dicionário, sabe?!, aquele bicho do mato, aquele que não conhecia... (MNSUTia)

Pagotto (2001) aborda a questão da instabilidade da identidade, buscando em certos termos, definições. *Florianopolitano* é a designação oficial, deriva-se de Florianópolis, retomando a identidade não quista de Florianio; *nativo* seria a identidade pensada a partir do outro – o estrangeiro; já *ilhéu* é a identidade construída a partir do território e que, concomitantemente, remete às origens açorianas; *manezinho* é a identidade que se constrói a partir da cultura e do passado. Fantim (2000) sugere que este último termo pode ser pensado como uma oposição ao gaúcho, que, a partir das últimas décadas, migrou para o estado catarinense e, em certos casos, adquiriu e “tomou” terras.

Caldas Filho (2003) também ressalta que a convivência com os gaúchos não é muito harmoniosa, pois, conforme o autor, os riograndenses impõem suas tradições em terras catarinenses, entrando em choque com “nativos”. É o que relata uma informante do banco Floripa:

(4) Eles chegam aqui, minha filha, e eles vêm com aquelas tradições deles né, principalmente a música, ela entrou bem né, as música *country* do Rio Grande, a música aqui pegou muito bem né, porque nós aqui né, o nosso folclore aqui né eu acho pouco, eu acho muito pouca coisa, a gente era professora tinha que falar sobre o folclore era o boi de mamão, a Maricota e a louça de barro, não tinha assim... e as rendeiras, mas não tinha assim, não tinha grandes músicos, compositor, essas coisas, eu não lembro. (FVSUEli)

Para Caldas Filho há, por parte de muitos “ilhéus”, ao defender o seu território, um xenofobismo exacerbado, o qual gerou, segundo o autor (2003, p. 11) até um neologismo: *tchênofobia*, termo criado para designar a aversão dos ilhéus pelos gaúchos, que compõem a maior comunidade de migrantes. Essa aversão ao gaúcho pôde ser percebida em algumas entrevistas da amostra Floripa, conforme podemos notar nas transcrições abaixo:

(5) Não gostamos nem de gaúcho, nem de argentino. Ah não, são muito folgado. Gaúcho é: 'lá em Porto era assim, lá em Porto é isso, lá em Porto é aquilo', pô, volta pra lá, cara. Lá é tudo tão bom né,... os cara são foda e chega aqui e é isso, é aquilo, aqui é assim, é assado... manezinho é mais gente boa, mais sossegado, ... ninguém reclama de quem é de Curitiba, Paraná, pode vim, tá tudo certo, agora gaúcho e argentino é pra matar... (MNSRTia)

(6) Gaúcho! Ah, aquele sotaque! Ui, é esse, meu Deus do céu, esse pra mim não dá! (FNSUNic)

Pagotto (2001) ressalta que os discursos de identidade foram sendo constituídos a partir de fatos históricos, do processo de urbanização e crescimento da cidade, iniciados nas últimas décadas, incluindo-se aí a migração e o turismo; os discursos de identidade, em Florianópolis, se dão, também, a partir da relação com o outro – que é de fora, que vem ocupar um espaço, que invade: Floriano Peixoto, migrantes, etc. É o que podemos verificar na fala de um informante da amostra Floripa:

(7) ... vinham de fora, uma coisa do índio, né?! Vinham de fora pra te salvar, hoje não, daí hoje o de fora já veio, já se instalou, trouxe o que é de bom, mas o de fora veio, porque aqui era o de bom, vamos pensar assim, quem veio de fora pra ficar, porque aqui era o de bom, não tô dizendo que nós não precisávamos do de fora, enfim, também não tô renegando quem veio, enfim... (MNSUTia)

Além disso, os discursos trabalham, segundo Pagotto (2001, p. 145), com muitas tensões que vão se justapondo: “o progresso *vs.* o atraso; o presente *vs.* o passado; o nativo *vs.* o de fora; o morador *vs.* o turista”.

Para o autor, os discursos de identidade, na capital catarinense, acionam uma postura opositora, de guerra com os de fora, representados, inicialmente, por Floriano Peixoto. Da mesma maneira, nos dias atuais, são os de fora que roubam o espaço, com um poder sobre-humano, como se não existisse uma ação local, composta por

indivíduos que cederam terras, que roubaram dos *manezinhos*, que as entregaram. Quando a invasão é intensa, abalando a estrutura de poder local, o discurso de identidade é maior.

O discurso de identidade atual é também consolidado a partir de Franklin Cascaes, artista e estudioso da cultura litorânea catarinense, mais especificamente, a de Florianópolis. O também professor Franklin Cascaes trabalhava desde meados da década de 1940 e objetivava resgatar e restituir a cultura açoriana. Suas produções, nos dias de hoje, são amplamente conhecidas e seu nome é o mesmo de uma Fundação que tem o intuito de favorecer e popular a cultura do Estado.

Cascaes trabalhava com o discurso de identificação da ilha, com princípios fundamentais de significação, tais como: a perda, a saudade e a necessidade de se resgatar a memória. Orlandi (1999), citado por Pagotto (2001), aponta três características de Cascaes presentes na obra “Vida e cultura açoriana em Santa Catarina”: i) a criação do açoriano partindo do mito do bom selvagem, o qual também construiu o brasileiro; junto a isso estão alguns adjetivos para o açoriano, tais como: ingênuo, alegre e místico; ii) a assinalação da abdicação dos instrumentos oficiais do Estado: alegando nunca ter financiamento, ajuda e reconhecimento por parte dele; iii) a marcação da sensação de perda de identidade, levando-o ao trabalho de pesquisa.

Para Caruso (1997), o pesquisador Cascaes coleciona e depois organiza uma cultura que necessita catalogação para poder continuar a subsistir. O estudioso começou a trabalhar com a cultura popular em Santa Catarina em 1946, na tentativa de resgatar a história e as crenças da cidade, pois, nessa época, a cidade já passava por um processo de demolição de alguns prédios antigos, que contavam um pouco do processo histórico do município, dando lugar a “favelas de rico” (CARUSO, 1997), ou seja, novos prédios de apartamentos. Assim como, por ter visitado o arquipélago de Açores e ter constatado lá que se tratava de uma espécie de cópia da ilha de Santa Catarina, porém possuindo a conservação do que aqui já se começava a demolir.

Tendo no mágico uma relação de crença como verdade, Cascaes transfere a expressão antropológica, historiadora, estabelecendo o discurso em que os enunciados começam a trabalhar como segmentos de uma mitologia. Essa mitologia estabelece uma entidade formada a partir de símbolos, na qual os indivíduos da ilha começam a fazer parte. Daí, saem as assustadoras estórias sobre lobisomem, boitatá e vinganças das bruxas. A cidade é caracterizada como a ilha das bruxas, como local de bruxaria e do sobrenatural, que assinala uma antropologia na qual o desconhecimento faz com que se releiam fenômenos da natureza como

manifestações do sobrenatural, conforme Araújo (2008). Uma informante da amostra Floripa relembra estórias de bruxas na sua infância:

(8) ... de bruxa eu escutei muita estória, eu tinha uma vizinha que morava bem na beira da praia, ela era uma solteirona, não tinha filhos, todos os sobrinhos dela eram considerados filhos, a casa dela era do lado de um rancho. A gente acordava, à noite, não sei se era imaginação de criança... a gente via uma canoa saindo, e bruxa dentro da canoa, a gente tinha tanta estória, hoje não sei se a gente tava sonhando... a gente via bruxa andando de canoa no mar... (FNBUtat)

Segundo Pagotto (2001), o discurso de identidade, exposto nas obras de Franklin Cascaes, fundado no resgate das origens açorianas – onde o outro é o moderno e possui perversões –, se dá sobre uma mudança na qual o outro não é mais o moderno, mas o de fora. Segundo o autor, há uma contradição de sujeito que se quer no discurso de Cascaes: num primeiro momento, o sujeito ingênuo, crente em bruxas, que reza – e um outro sujeito que enxerga no atraso do povo um problema para o desenvolvimento; no segundo, se quer um filho da terra, nascido aqui, que sejamos todos moradores do local, sem incoerência, sem campo e cidade.

A identidade, a partir da linguagem popular açoriano-catarinense, é fortemente marcada nas vinte e quatro narrativas da obra de Cascaes (2012). Segundo Furlan (2012), os nativos de Florianópolis, ainda hoje, apresentam traços linguísticos diferenciados, os quais são creditados à colonização açoriana. Furlan (2012) ressalta que foram muitas décadas de observação e registro, por parte de Cascaes, dos traços culturais, nos quais se incluem os linguísticos.

Para Furlan (2012) há um empenho, por parte de Cascaes, em reproduzir os traços típicos do falar açoriano-catarinense - nas vinte e quatro narrativas, escritas entre 1946 a 1975, além disso, Cascaes faz uso da variante padrão, assim como busca reproduzir a fala dos não escolarizados da Ilha de Santa Catarina e arredores. Furlan (2012) elenca uma série de traços linguísticos presentes nas narrativas, um deles é o nosso objeto de estudo. Furlan (2012, p. 14) destaca que:

... no tratamento de igual pra igual, usa-se o pronome tu (tuteamento), com a forma verbal

correspondente, fenômeno predominante hoje, como atesta o *shiboleth*: *Se queres, queres; se não queres, dize*.

A expressão “*Se queres, queres; se não queres, dize*”, produzida com a concordância canônica de segunda pessoa do singular ou, muitas vezes, com a concordância canônica modificada, é bastante conhecida em Florianópolis, e é reproduzida quando alguém imita o falar do nativo da Ilha de Santa Catarina. É o que acontece com um dos informantes do banco Floripa:

(9) ... eles me acham súper *manezinho*, talvez essa fala rapidinha; quando eu tô muito agitado, eu falo bem rapidinho, como palavras, vogais somem, diminutivo, ou então o clássico, né? Tem um amigo que sempre pede pra eu repetir: *se tu qués, qués; se não qués, diz*. (MNSUTia)

Furlan (2012, p. 14), para contemplar na obra de Cascaes (2012), ainda mais, o nosso objeto de estudo, cita um trecho de uma narrativa, onde ocorre o fenômeno em questão:

- E tu, primo Gabriéli, com'é que vági passando?
- Vô indo bem, vô indo bem, ansim como Deus é servido.
- **Andas**¹⁷ passando pel'ai ou **andas** a negoço?
- Primo! Entra pra dentro, home (narrativa 4)

A partir dos exemplos de Furlan (2012), retirados da obra de Cascaes (2012), podemos conferir que o nosso objeto de estudo, a concordância verbal de segunda pessoa do singular, está presente na literatura folclórica catarinense nas formas canônicas e canônicas modificadas, atestando assim, que essas são formas consideradas típicas do *manezinho*.

Partindo do discurso de identidade discutido por Pagotto (2001) e do traço linguístico aqui ressaltado, exposto na obra de Cascaes (2012), gostaríamos de tencionar, neste momento, algumas questões: i) a

¹⁷ Grifos nossos

concordância verbal de segunda pessoa do singular, presente na obra de Cascaes (2012), ainda é plenamente vigente, tendo em vista que a última narrativa foi produzida em 1975? ii) a linguagem da Ilha, pensada a partir do nosso objeto de estudo, não fora também roubada, modificada pelos de fora? Para Severo (2004), são os de fora que constituem a identidade do oposto, a partir de um outro olhar, assim como a mutação da língua e, conseqüentemente, a identidade do manezinho; sendo a língua uma atividade em evolução, a identidade também passaria por esse processo.

Contudo, talvez não consigamos responder a essas questões, pois nos faltariam “ferramentas” de ordem linguística, social, histórica, etc.; por enquanto, ficam, esses questionamentos para motivar possíveis desdobramentos deste trabalho.

Para encerrar esta seção, ressaltamos que objetivávamos mostrar, aqui, o posto que a identidade ocupa em Florianópolis. A partir de Pagotto (2001), vimos como as designações apontam para o que se apreende sobre sujeito. Em determinados instantes, ficou nítida a oposição de nativos *vs.* de fora, como pilar das questões identitárias. As designações reforçam o quanto se torna complicado reconhecer quem é este sujeito: nativo, ilhéu, florianopolitano, manezinho; entretanto, qualquer uma dessas denominações parece carregar, o tempo todo, o lamento de um tempo que já se foi, de uma identidade em si. Além do que, há uma excessiva reivindicação do que, por outros, fora tomado, expropriado, roubado, modificado. O outro, assim, é que determina a identidade: desde a época de Desterro, passando por Florianópolis e chegando aos dias atuais, ao moderno. Nesse sentido, pode-se dizer que a identidade se estabelece por contraste.

3 METODOLOGIA

Os postulados metodológicos indicados por Labov (2008 [1972]) foram considerados neste trabalho, ao serem analisadas entrevistas sociolinguísticas para verificar o *status* da alternância verbal de segunda pessoa em Florianópolis-SC.

As entrevistas em pauta foram gravadas em três períodos distintos, seguindo uma mesma metodologia de coleta: no ano de 2006 – por Isabel Monguilhot, integrando a amostra Monguilhott; no ano de 2009 – por alunos da Pós-Graduação em Linguística, da disciplina de Sociolinguística; e, por último, em 2012 – também por alunos da Pós-Graduação em Linguística, da mesma disciplina de 2009; todas as entrevistas compõem o que estamos identificando, nesta dissertação, como amostra Floripa. A constituição dessa amostra é detalhada na subseção seguinte.

Labov (2008 [1972]) aborda alguns axiomas metodológicos, importantes para todo estudo variacionista. O primeiro axioma se reporta à alternância estilística: segundo Labov, não há falantes de estilo único – há, portanto, alternância de formas linguísticas, conforme o contexto social e o assunto. Outro axioma metodológico é relativo ao grau de atenção: a disposição dos estilos pode se diferenciar, dependendo do grau de atenção que o falante dispensa à própria fala. Para Labov, o informante, quando emocionalmente envolvido, diminui o grau de monitoração referente à fala, podendo apresentar, assim, o vernáculo – fala desprovida de monitoramento/espontânea.

O intuito, nas entrevistas da amostra Floripa, foi o de buscar a fala mais próxima do vernáculo de cada informante; para tanto formulamos¹⁸, juntamente com os colegas e professores das disciplinas de Sociolinguística, um questionário prévio com possíveis perguntas a serem incluídas na conversa com o informante, para que houvesse maior envolvimento.

Outro axioma metodológico, abordado por Labov, é relativo às questões ligadas à formalidade – há, em determinados momentos da entrevista, contextos formais em que o informante dedica maior grau de atenção à fala. Assim, sabemos que, em determinados momentos das entrevistas, e mesmo buscando o vernáculo, haverá monitoramento na fala dos informantes, pelo fato de estarem sendo observados.

¹⁸ Os questionários foram produzidos pelos alunos de Sociolinguística, nos anos de 2009 e 2012, com base no questionário organizado por Monguilhott, em 2006. Ajudei a compor o questionário no ano de 2012, juntamente com os outros alunos que cursavam a disciplina.

O último axioma metodológico trata da qualidade dos dados. Para o autor, a melhor maneira de se coletar dados é através da gravação de entrevistas individuais, principalmente em narrativas de experiências pessoais. Nesse sentido, as entrevistas da amostra Floripa foram gravadas individualmente e buscaram privilegiar experiências pessoais dos informantes.

Embora sejam entrevistas gravadas, sabemos que elas retratam a realidade da fala. Labov ressalta o que a sociolinguística chama de “paradoxo do observador”: o intuito da pesquisa sociolinguística é averiguar como os indivíduos interagem, a partir da fala, no momento em que não estão sendo observados; porém, só se pode observá-los de maneira sistemática. Com isso, Labov propõe que procuremos formas que façam desviar a atenção da fala, fazendo assim com que o vernáculo apareça; uma das formas é propiciar condições para que emergja a fala emocionada dos informantes, a partir de relatos vivenciados no passado. Assim, as entrevistas da amostra Floripa objetivaram obter o vernáculo dos informantes, a partir de perguntas que envolviam questões sobre família, bairro, costumes, identidade florianopolitana, entre outras.

3.1 Caracterização da amostra

Como já pontuado, para compor o *cópus* desta pesquisa, utilizamos amostra sincrônica de língua falada. Fazem parte de amostra entrevistas gravadas em três anos distintos: em 2006, Isabel Monguilhott realizou entrevistas na Costa da Lagoa, Ribeirão da Ilha, Ingleses e Região Central (Trindade e Centro); em 2009 e 2012 os alunos da disciplina de Sociolinguística e Dialetologia fizeram entrevistas em diversas localidades de Florianópolis, tais como: Costa da Lagoa, Ribeirão da Ilha, Ingleses, Trindade, Santo Antônio de Lisboa/Ratones e Coqueiros. A seleção das comunidades, que compõem o banco de dados, levou em conta o propósito de investigar comunidades urbanas e não urbanas.

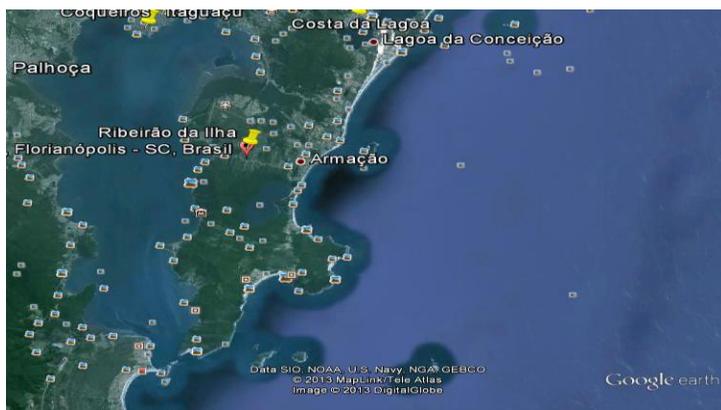
Para esta dissertação, selecionamos as seguintes comunidades: i) urbanas: Ingleses e Região Central, esta última composta por Coqueiros/Centro/Trindade (formando uma só comunidade); ii) não urbanas: Ribeirão da Ilha e Costa da Lagoa. Os mapas¹⁹, a seguir, proporcionam uma melhor visualização dessas comunidades:

¹⁹ Fonte: Google Earth, acessado em 03/04/2013.

Figura 1: Comunidades urbanas da nossa amostra



Figura 2: Comunidades não urbanas da nossa amostra



Os assuntos/perguntas relacionados às entrevistas foram: família, bairro, trabalho, política, lazer, estudo, costumes, crenças, situações de risco, entre outros. Em sua maioria, as entrevistas foram gravadas em aparelho digital e armazenadas em programas de computador.

Os informantes do nosso corpus estão estratificados conforme idade, sexo, escolaridade e diazonalidade. Abaixo, quadro das células sociais, cada uma com dois informantes à exceção de: um informante com perfil acima de 45 anos, curso Superior, pertencente à localidade dos Ingleses, sexo masculino.

Quadro 1: Células sociais dos informantes consideradas na nossa amostra

	Região Central/Coqueiros e Trindade	Inglese	Costa da Lagoa	Ribeirão da Ilha
+velho - escolaridade	= ou > 45 Ed. Básica Masc. e feminino	= ou > 45 Ed. Básica Masc. e feminino	= ou > 45 Ed. Básica Masc. e feminino	= ou > 45 Ed. Básica Masc. e feminino
+ velho + escolaridade	= ou > 45 Superior Masc. e feminino	= ou > 45 Superior Masc. e feminino	= ou > 45 Superior Masc. e feminino	= ou > 45 Superior Masc. e feminino
+ jovem - escolaridade	15 a 37 anos Ed. Básica Masc. e feminino	15 a 37 Ed. Básica Masc. e feminino	15 a 37 Ed. Básica Masc. e feminino	15 a 37 Ed. Básica Masc. e feminino
+ jovem + escolaridade	15 a 37 anos Superior Masc. e feminino	15 a 37 Superior Masc. e feminino	15 a 37 Superior Masc. e feminino	15 a 37 Superior Masc. e feminino

Foram levantadas todas as ocorrências dos pronomes sujeito *tu* e *você*, e analisadas todas as construções que envolviam concordância verbal com o pronome *tu*, explícito ou apagado, incluindo tanto verbos plenos como marcadores discursivos derivados de verbos e associados a P2, ocorrências essas retiradas de cada uma das trinta e uma entrevistas que possuem, em média, quarenta minutos de fala.

A seguir, apresentamos uma breve caracterização de cada uma das quatro localidades que compõem a amostra Floripa cujos informantes foram selecionados para esta pesquisa. As localidades foram agrupadas conforme a diazonalidade: zona urbana – Região Central/Trindade/Coqueiros e Inglese; zona não urbana – Costa da Lagoa e Ribeirão da Ilha.

3.1.2 Zona urbana

3.1.2.1 Região Central/ Trindade

A Região Central possui o maior número de pontos turísticos e patrimônios históricos de Florianópolis, entre eles: a ponte Hercílio Luz, o mercado público municipal, várias praças, museus, teatros e igrejas.

Segundo Caldas Filho (2003), foi nessa localidade que Francisco Dias Velho, bandeirante paulista, aportou e fundou o povoado de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, entre 1673 a 1675 (não há, por parte dos historiadores, uma data exata). A partir de então, casas e ruas foram sendo construídas nessa região. O único acesso para se chegar à ilha, até 1926, era através de barco e a dificuldade de se acessar outras localidades facilitou o crescimento do bairro.

No século XX, a construção de duas novas pontes, Colombo Salles (inaugurada em março de 1975) e Pedro Ivo Campos (construída nos anos de 1987 a 1991), fez com que a paisagem do centro se modificasse. Antes disso, o mar ia até o mercado público de Florianópolis, onde existia um trapiche na praça Fernando Machado. O crescimento da população e do trânsito fez com que fossem criados novos terminais urbanos e elevados. O centro, atualmente, é cenário político da cidade e do Estado. Ali, encontram-se comércios, mantendo as ruas cheias de gente. Além disso, grandes eventos funcionam no local, principalmente no Centro Sul (local de eventos), respaldados pela grande massa de hotéis.

Já o bairro da Trindade, segundo Piazza (1994), foi criado no ano de 1835, sob a denominação de Freguesia da Santíssima Trindade detrás do Morro. Localiza-se na região central da ilha de Santa Catarina, a leste do maciço central, onde se localiza o Morro da Cruz. Possui população de 14.206 habitantes²⁰.

O bairro originou-se de uma freguesia ocupada por imigrantes açorianos, desde o século XVIII. Na época Imperial, em consequência da sua localização, era conhecida como Trás-do-Morro. Há, desde fins do séc. XIX, uma festividade, chamada Festa da Santíssima Trindade, conhecida, atualmente, como festa da Laranja. Tratava-se, na festa, de vender produtos, rezar, dançar, jogar, entre outras atividades. Atualmente, muito pouca gente prestigia a festa, devido à violência. Um informante da amostra Floripa relembra algumas passagens da festa:

²⁰ Dados do IBGE, Censo de 2010.

(1) Nós fomos festeiros da festa da laranja, naquela época era festa da Santíssima Trindade, depois passou a ser festa da laranja, o cortejo... a gente saía daqui e quando nós fomos festeiros, o divino espírito santo ficou aqui em casa, a gente enfeitava tudo de bambu até lá encima da igreja, aí saía o cortejo com o desenho do espírito santo até lá pra rezar a missa, na igreja que hoje é da Universidade. (FVBUTer)

Nas últimas décadas, a localidade desenvolveu-se em torno da Universidade Federal de Santa Catarina; hoje em dia, é considerada uma área urbana e cenário de especulações imobiliárias.

3.1.2.2 Coqueiros

Coqueiros está localizado na área continental de Florianópolis e é, segundo Caldas Filho (2003), formado pela praia da Saudade, praia do Meio, Itaguaçu e Bom Abrigo. Na amostra Floripa, englobamos, para Coqueiros²¹, além das praias acima citadas, o bairro Abraão. Juntos, praias e bairros totalizam 22.293 habitantes.

Em 1943, Coqueiros deixou de pertencer ao município de São José-SC e integrou o território municipal da Capital. Em 1948, a Nova Câmara Municipal de Florianópolis editou uma lei reestruturando e restabelecendo os Distritos Municipais. No ano de 1954, o Clube Doze de Agosto instalou a sua primeira sede balneária, na Praia da Saudade. Coqueiros tornou-se um bairro de elite e seu centro referencial ficou junto à Praia da Saudade, pois era ali que estava a Igreja Matriz da Comunidade.

A praia da Saudade, com 650 metros de extensão, nos anos de 1940, assumiu características balneárias de classe média. A praia do Meio, com 395 metros de extensão, possuiu balneabilidade recente e efêmera. Em 1968, o professor Edmond Duarte Nader batizou a Praia das Palmeiras, por ter como panorama algumas palmeiras que, na verdade, são Coqueiros; ela possui 300 metros de extensão e ali há um conjunto de pedras de diversos tamanhos e formas.

Com aproximadamente 670 metros de extensão, a praia de Itaguaçu é uma das mais belas paisagens marítimas de Florianópolis. A praia do Rizzo ou Saco da Lama, como é chamado, deriva do sobrenome

²¹ Os dados para compor essa comunidade foram retirados dos seguintes sites: www.guiadepraias.com.br, e www.florianopolis.maisperto.com.br, acessados em 01.08.2012.

de um morador, de origem italiana, e empreendedor da região, era o engenheiro conhecido como “o Doutor Rizzo”; essa praia possui a extensão de 350 metros. A praia do Castelinho ou Praia do Canto possui duas pequenas enseadas na Ponta do Itaguaçu; o acesso está aberto por terra somente aos sócios da AABB (Associação Atlética do Banco do Brasil); possui a extensão de, nos dois trechos, 280 metros. A praia do Bom Abrigo é utilizada como área balneária e de recreio, possui a extensão de 300 metros.

A praia do Abraão ou Praia das Furnas foi, historicamente, local de passeio, diversão, pescarias e balneário; possui 1.200 metros de extensão.

No bairro nasceram, viveram e moram artistas e políticos conhecidos da cidade: o professor Franklin Cascaes é um deles, segundo Araújo (2008), Cascaes nasceu em Itaguaçu; o também folclorista foi pesquisador da cultura açoriana, ceramista, gravurista e escritor brasileiro.

3.1.2.3 Ingleses

A imigração de açorianos, a partir do séc. XVIII, e os problemas de acesso às localidades mais afastadas, nesse caso 36 km do centro, fizeram com que o governo da época descentralizasse o poder dividindo a ilha em freguesias. Ingleses pertencia à Freguesia de São João Batista do Rio Vermelho, fundada em 1831. A praia dos Ingleses²² possui quase 5 km de extensão, obteve esse nome devido a um navio inglês que ali encalhou. Embora seja uma das praias preferidas pelos turistas, principalmente os argentinos, Ingleses conserva as tradições dos colonizadores açorianos. Na estação mais fria do ano, a pesca da tainha, as festas religiosas e o folclore são amostras da cultura do *manezinho*.

A praia dos Ingleses localiza-se próxima às praias de Cachoeira do Bom Jesus, Ponta das Canas, Praia Brava e praia do Santinho. Nos dias atuais, possui várias opções de infraestrutura, principalmente na parte hoteleira e setor de serviços. Neste estudo, esta comunidade será considerada urbana, por possuir maior densidade demográfica²³, quando comparada a outras localidades não urbanas da amostra, e também por possuir forte comércio.

²² Os dados dessa comunidade foram retirados do site: www.guiafloripa.com.br, acessado em 01.08.2012.

²³ Segundo o site www.belasantacatarina.com.br, acessado em 23/04/2013, das praias de Florianópolis, Ingleses é a que possui maior população residente, o censo de 2000 já acusava mais de 16.000 habitantes.

3.1.3 Zona não urbana

3.1.3.1 Costa da Lagoa

A Costa da Lagoa possui fortes resquícios da cultura açoriana; na região, há um núcleo de pescadores e rendeiras que, até hoje, vivem como seus antecessores. Segundo Mascarello (2010), a região é palco de muitos mitos, principalmente o de que ali habitavam bruxas até pouco tempo.

A cidade de Florianópolis possui mais de 400 mil habitantes; em sua maioria, vivendo em espaços urbanos da ilha e do continente. Segundo Smaiclová (2010), a Costa da Lagoa possui, em média, 778 habitantes, que vivem em uma paisagem montanhosa e convivem com o verde escuro das matas. Lá, residem pessoas de vários lugares do Brasil e do mundo. O acesso à Costa da Lagoa se dá somente através de barcos que, de hora em hora, e de ponto em ponto, transportam os moradores para as suas casas.

Foi nos séculos XVIII e XIX que se iniciou a colonização açoriana na Costa da Lagoa, impulsionada pela forte troca de mercadorias, ali produzidas, e levadas para a Lagoa da Conceição e determinados lugares de Florianópolis. Hoje, a localidade é tombada, a partir do decreto de nº 247/86, da prefeitura de Florianópolis, como Área de Preservação Cultural e patrimônio Histórico e Natural da cidade.

Atualmente, alguns moradores da Costa trabalham fora do bairro: prestando serviços, trabalhando no comércio ou em funções relativas ao trabalho doméstico. Há, na localidade, também como fonte de renda, atividades voltadas ao turismo: bares e restaurantes foram surgindo, juntamente com a chegada dos turistas à região, a partir das últimas décadas.

Partindo de algumas entrevistas, concedidas em 2009, Spessato (2010) aponta que os moradores demonstram preocupação com a Costa da Lagoa: a construção de uma estrada, dando acesso ao local, por terra, não seria bem-vinda, e o principal motivo é o de assegurar o sossego da região, pois casas permanecem abertas, durante à noite, e crianças brincam sossegadas, sem medo.

3.1.3.2 Ribeirão da Ilha

O Ribeirão da Ilha é considerado um típico reduto da colonização açoriana em Santa Catarina. Segundo Caldas Filho (2003), sua denominação foi dada por Sebastião Caboto que, a serviço da Coroa

Espanhola, em 1526, seguiu até a ponta da Ilha, após aportar na baía Sul, onde percebeu que ali existia um rio e, ao navegar por ele, Caboto encontrou a localidade onde, mais tarde, seria construída a vila, denominando-a de Ribeirão.

Duzentos anos depois, a localidade fora conhecida por navegadores espanhóis e, após 1748, instalaram-se ali casais açorianos; um dos integrantes, chamado Manuel de Vargas Rodrigues, obteve autorização episcopal para instalar a capela de Nossa Senhora da Lapa. Em 1809, a localidade foi elevada a freguesia e, segundo Pereira (1990), deu-se por alvará, em 11 de julho desse ano, sob o nome de Freguesia da Nossa Senhora da Lapa. Para o povo “que aumenta, mas não inventa”, (PEREIRA, 1990, p. 21), por meio de tradição oral, compreende que a freguesia originou-se sob a denominação de Nossa Senhora da Lapa, em 1760, no momento em que Manoel de Vargas Rodrigues veio para a localidade do Simplício, atualmente Barro Vermelho, trazendo uma imagem de Nossa Senhora da Lapa para que fosse venerada pelo povo. Manoel Vargas Rodrigues fez construir uma capela, distante aproximadamente 1.500 metros da atual matriz. Foi reconhecida como vila, em 1840, sob reinado de D. Pedro II, que a visitou em 1845.

O “Distrito do Ribeirão”, segundo Pereira (1990), era formado pela parte meridional da Ilha de Santa Catarina e encontrava-se separado da parte norte de Florianópolis pelos rios Ribeiros Tavares e Caiacanga-Mirim; faziam parte do “Distrito” as localidades de Caiacanga-Açu, Pântano do Sul, Lagoinha, Naufragados e Alto Ribeirão. Em 1943, sofreu alteração toponômica, passando a ser chamado de Caiacanga, a partir de Decreto Lei de nº 941. Os limites da localidade, na época, eram: ao norte com o Distrito da Lagoa; a leste com o Oceano Atlântico; a oeste desde a Ponta dos Naufragados, até encontrar a Barra do Rio Imaruim. Houve, nesse período, reação popular contra o novo nome do Distrito, Caiacanga e, com autonomia municipal, a partir da Constituição Federal de 1946, retomou o nome Ribeirão da Ilha. Em 1962, foi criado o Distrito do Pântano do Sul, que foi desmembrado do território pelo lado leste do Ribeirão da Ilha.

Os dados de Pereira (1990), da década de 80 do século passado, informavam que no Ribeirão da Ilha, existiam, além da igreja Matriz de Nossa Senhora da Lapa, outras capelas: Alto Ribeirão, Carianos, Tapera, Costeira, Barro Vermelho, Tapera da Barra Sul e Caieira da Barra Sul. A sociedade do Ribeirão da Ilha organizava-se em Associação de Bairros e um Conselho Comunitário Central, esse último administrava atividades e Conselhos locais. As localidades pertencentes ao Distrito eram: Freguesia-Sede, Alto Ribeirão, Areias do Morro das Pedras, Areias,

Carianos, Tapera do Sul, Tapera Mirim, Ressacada, Porto do Ribeirão, Pedregal, Caicanga-Açu, Caieira da Barra Sul, Naufragados, Barro Vermelho, Sertão do Peri e Sertão dos Indaiás. Os serviços que funcionavam dentro do Distrito eram: Base Aérea de Florianópolis, Aeroporto Hercílio Luz, Estádio Aderbal Ramos da Silva, popularmente conhecido como Estádio da Ressacada, a Escola de Treinamentos das Centrais Elétricas de Santa Catarina e alguns hotéis. Além desses, o Parque Municipal da Lagoa do Peri possuía 50% de sua área no Ribeirão da Ilha; possuía também escolas, um museu e clubes sociais.

As estradas de acesso eram pavimentadas, porém o caminho de ida e volta possuía contornos difíceis. A base aérea e o aeroporto bloqueavam e ainda bloqueiam o caminho sul, exigindo que a estrada, antes de entrar no Ribeirão da Ilha, cortasse a ilha do oeste para leste, aumentando a distância em mais de dez km. O caminho do Centro de Florianópolis até o Sertão do Peri é pelo Pântano do Sul, cerca de trinta km, seis desses quilômetros possuem forte declinação; do Centro até a Freguesia são vinte e seis km.

O Ribeirão da Ilha situa-se na parte meridional, costa oeste da Ilha, junto à Baía Sul, possuindo, aproximadamente, 131 quilômetros quadrados de superfície territorial. De norte a sul mede vinte e um km, 27° 38' e 27° 50' de latitude sul, com largura que varia entre oito e um e meio km, tem como pontos de longitude oeste GWR 48° 35'. No Ribeirão, situa-se o ponto mais alto da Ilha de Santa Catarina, o Morro do Ribeirão, local onde nasce um rio do mesmo nome, o qual fora batizado por Caboto.

Nos séculos XVIII e XIX o Ribeirão da Ilha foi um importante fornecedor de diversos produtos para Santa Catarina e determinadas cidades da região Sudeste, como Santos e Rio de Janeiro; porém decaiu fortemente no início do século XX. Segundo Pereira (1990), a população da região, das últimas décadas, em sua maioria, é assalariada do setor terciário; o local hoje se transformou em destino turístico e residencial e o que se produz é para o consumo local, com exceção para a farinha de mandioca, a cachaça tradicional e a pesca de camarão.

O Ribeirão da Ilha é considerado, juntamente com a Costa da Lagoa, por excelência, uma localidade tradicional, colonizada por casais açorianos, os quais trouxeram sua cultura (renda de bilro, danças), costumes (folclore), assim como, sua língua: possíveis modos e falares dos dias atuais; tornando-se assim, uma comunidade de extrema importância para os estudos sociolinguísticos.

3.2 Análise quantitativa

Os dados foram codificados manualmente e analisados estatisticamente pelo programa Warbwin (versão do Varbrul para windows), em análises multivariadas ternárias e binárias, as quais fornecem cálculos de frequências e pesos relativos, mostrando a influência dos fatores testados – linguísticos, estilístico-discursivos, sociais, e geográficos – sobre o fenômeno em estudo.

Ao focar, como objeto de estudo, a variação da concordância verbal com o pronome *tu*, compreendemos, a partir de Labov, que essa variação não é aleatória, e sim motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos passíveis de análise e descrição. Os grupos de fatores (as variáveis independentes) são, portanto, fundamentais em estudos baseados no método laboviano, pois é a partir deles que se analisa o fenômeno linguístico e se define os limites da pesquisa. Assim, é na comparação da atuação de fatores linguísticos, estilístico-discursivos, sociais e geográficos que se observará de que maneira se processa o fenômeno da variação que caracteriza o objeto de estudo. Passamos, assim, à descrição das variáveis dependente(s) e independentes que compõem este estudo.

As variáveis controladas neste estudo foram inspiradas basicamente nos trabalhos de Loregian (1996), Loregian-Penkal (2004), Amaral (2003) e Monguilhott (2009).

3.2.1 A variável dependente

Em nosso estudo, como já apontamos na delimitação do objeto, estabelecemos inicialmente uma variável dependente ternária composta pelas variantes: ‘marcação de concordância verbal canônica’ (*viste; vês* etc.) vs. ‘marcação de concordância verbal não canônica’ (*visse* – formas canônicas modificadas) vs. ‘sem marcação de concordância verbal’. No decorrer da análise, essas variantes foram reorganizadas de modo a estabelecermos duas variáveis dependentes binárias: uma em que se alternam as variantes ‘presença de marca de concordância’ (canônica e não canônica) vs. ‘ausência de marca concordância’; e outra em que se alternam as variantes ‘marcação de concordância canônica’ vs. ‘marcação de concordância canônica modificada’. As rodadas estatísticas foram feitas inicialmente com todos os dados reunidos (verbos e marcadores discursivos). Posteriormente, essas duas categorias foram rodadas separadamente para se averiguar em que medida apresentam comportamento distinto em relação à presença de marcas

morfológicas de P2.

Buscando verificar os contextos favorecedores para cada uma das variantes, selecionamos para testagem os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, ou variáveis independentes detalhadas abaixo.

3.2.2 Variáveis independentes linguísticas

Três grupos de fatores de natureza linguística são controlados neste trabalho: explicitação do pronome, classe gramatical e determinação do referente²⁴. Em etapa posterior de análise, o grupo de fatores classe gramatical deixa de ser considerado, uma vez que se efetuam rodadas estatísticas separadas para cada classe gramatical (verbos e marcadores discursivos).

3.2.2.1 Explicitação do pronome

Verificamos se formas *implícitas* ou *explícitas* do pronome favorecem a marcação verbal de segunda pessoa do singular. Loregian-Penkhal (2004) considerou dois fatores: i) *com pronome explícito* – os pronomes aparecem junto ao verbo; ii) *sem pronome explícito* – inclui-se, nesse fator, verbos com marca canônica de segunda pessoa, assim como os casos em que os verbos (ou os marcadores discursivos derivados de verbos) não possuem a marca de segunda pessoa (casos em que havia a possibilidade de se recuperar o pronome pelo contexto imediatamente anterior). Utilizamos, assim como Loregian-Penkhal (2004), os mesmos fatores, assim como os mesmos requisitos de análise. Os exemplos, a seguir, extraídos da amostra Floripa, ilustram melhor essa variável. O primeiro exemplo é de pronome explícito; o segundo é de pronome implícito:

(2) ... nós começamos a fazer estágio de manhã, só que estágio de manhã tu tem que tá 7 horas da manhã lá... (FVSRAld)

(3) ... Eu disse: 'que que tás prometendo aí?' (FNBRAnd)

²⁴ O projeto inicial da dissertação contemplava uma série de outras variáveis linguísticas. Por sugestão da banca de qualificação, restringimos os grupos de fatores a serem controlados àqueles que consideramos mais pertinentes ao nosso objetivo, dando mais relevo, nesta pesquisa, aos grupos de fatores estilístico-discursivos, sociais e geográficos.

3.2.2.2 Classe gramatical

Verificamos se *Verbos* ou *Marcadores discursivos* (MDs) possuem comportamento distinto em relação à morfologia verbal de segunda pessoa do singular.

Para Risso, Silva e Urbano (1996, 2006), citado por Rost Snichelotto (2009), os MDs possuem funções importantes na interação: ligam o texto como estrutura verbal cognitiva, assim como estrutura de interação interpessoal; além do que, estruturam-se como indicadores pragmáticos do controle local do texto falado e das relações entre dois ou mais interlocutores, de forma dinâmica e emergencial. Os MDs derivados de verbos costumam envolver verbos de cognição e percepção: *sabe(s)*, *compreende(s)*, *entendesse*, *visse* etc., apresentando diferentes marcações morfológicas residuais. São itens em processo de mudança via gramaticalização (VALLE, 2001; ROST SNICHELOTTO, 2009), por isso ainda retêm algumas marcas flexionais de origem.

Nos trabalhos de Loregian (1996) e Loregian-Penkal (2004), os marcadores discursivos foram incluídos junto aos verbos na análise. Já Amaral (2003) excluiu os marcadores de sua análise, considerando apenas as formas verbais; e Messa (2013) analisou apenas os marcadores derivados de verbos em P2.

Os exemplos, a seguir, extraídos do banco Floripa, ilustram melhor essa variável. O primeiro exemplo é de um verbo; o segundo é de um marcador discursivo:

(4) Não sabes temperá? (FVSUEli)

(5) ... ele fazia aqueles bonequinhos nas carteiras mesmo, sabe? (FVSUEli)

3.2.2.3 Determinação do Referente

Controlamos se a (in)determinação do referente influencia a escolha do pronome de segunda pessoa e, conseqüentemente, nas formas verbais. No estudo de Loregian-Penkal (2004) essa variável mostrou-se relevante para algumas cidades, entre elas Florianópolis. A variável foi dividida em: i) *determinado*: o referente é recuperado; assim como Loregian-Penkal (2004), esperamos, para esse fator, uma maior concordância canônica ou canônica modificada; ii) *indeterminado*: nesse caso, não há como recuperar o referente; acreditamos, também como Loregian-Penkal (2004) que esse fator desfavoreça a presença da flexão

canônica ou canônica modificada de segunda pessoa do singular. Os exemplos, a seguir, extraídos da amostra Floripa, ilustram melhor essa variável. O primeiro exemplo é de um referente determinado; o segundo é de um referente indeterminado:

(6) tem um **neto** que eu tô criando... aí ele disse, e ele ia uma vez, e eu disse assim: 'querido, tu vai passeá com Deus e volta com Deus, mas tu vai direitinho, querido, não briga com ninguém, não rouba namoradinho de ninguém... (FVBRJoa)

(7) ... fui uma vez pra China, pela distância, eu acho que vale a pena se tu fores ficar mais tempo, fores além... olha, tu anda, tu voa 10 horas pra chegar na África, aí tu chega na África, solta e fica ali ali não sei se é uma hora.... (FVSRDel)

3.2.3 Variáveis independentes estilístico-discursivas

Nesse conjunto de grupos de fatores inserimos: tipo de discurso, pessoa do discurso reportado, relações (as)simétricas entre os interlocutores e interlocução entre as pessoas do discurso reportado.

3.2.3.1 Tipo de discurso

Analisamos como os informantes se comportam quando reportam o discurso alheio e se essa variável possui comportamento diferente das outras situações discursivas. Para Zilles e Faraco (2002, p.15-16), considera-se que “na composição do dizer dos informantes, pode estar explicitamente presente a voz de outros e que isso pode motivar o uso diferenciado de variantes”. Assim, os fatores para essa variável serão: i) *discurso reportado*; ii) *discurso não reportado*. Os exemplos, a seguir, extraídos da amostra Floripa, ilustram melhor essa variável. O primeiro exemplo é de um discurso reportado no qual o informante reporta a fala do filho; o segundo é de um discurso não reportado no qual o informante faz uma pergunta direta ao entrevistador:

(8) 'Ah, não, mãe! Tu não vai botar em mim, pode até botar, mas não desse jeito!' (FVSRDel)

(9) Eu moro ali, conhece a Quitute ali? (MVBUI)

3.2.3.2 Pessoa do discurso reportado

Verificamos se há diferenças de uso na concordância de P2 quando os discursos forem reportados, controlando se os discursos de *peçoas próximas, não próximas* e do *próprio informante* se revelam distintos.

Usamos, assim como Arduim (2005), em seu estudo sobre os pronomes possessivos de segunda pessoa do singular *teu/seu*, três fatores para controle da variável, a saber: *i) discurso de pessoa próxima; ii) discurso de pessoa não próxima e iii) discurso do próprio informante.*

Amaral (2003, p. 101) justifica a inclusão dessa variável a partir da seguinte hipótese:

em discurso reportado direto, o discurso de pessoa próxima (pais, irmãos, avós, tios, etc.), o discurso de pessoa não próxima (cabeleireira, adversários de taekwondo, técnico de futebol, etc.) e o discurso do próprio informante afetam a taxa de concordância de segunda pessoa do singular em escala diferente de situações discursivas em que há referência genérica ou interlocução.

A partir do exposto, Amaral (2003) supõe que as marcas de concordância estão associadas a um estilo mais próximo do formal, ou então, às relações assimétricas. A formalidade pode estar, segundo Amaral (2003, p. 101), associada ao “grau de assimetria das relações do informante com os sujeitos cujas falas foram reportadas e ao grau de consciência do informante com relação às situações discursivas.” Assim, o nível de convivência do informante com a pessoa reportada poderá interferir na aplicação das marcas de concordância de P2. Os exemplos, a seguir, extraídos do banco Floripa, ilustram melhor essa variável. O primeiro exemplo é de um discurso reportado de pessoa próxima no qual o informante reporta a fala de uma irmã; o segundo é de um discurso reportado de pessoa não próxima no qual o informante reporta a fala de um assaltante; o terceiro é um discurso reportado do próprio informante:

(10) ... 'Para, respira (...) tu queres contar uma coisa, já queres contar outra'...(FNBRAnd)

(11) e daí me cercaram e falaram assim: 'ou tu dá o troco do pão ou a gente vai levar o teu relógio' (MNSUTia)

(12) 'Olha, Rodrigo, isso é um pepino. Tu vai (...), mas tem que fazer alguma coisa.' (FVSRDel)

3.2.3.3 Relações assimétricas e simétricas entre os interlocutores

Para dar complemento à variável discurso reportado, faz-se necessário estudar também as situações em que a fala reportada dos informantes está associada a algum grau de simetria. Muitas vezes, percebemos o grau hierárquico posto pelo informante, em relação à pessoa que está sendo reportada. Assim, a fala reportada pode ser representada por uma posição de superioridade, igualdade ou inferioridade. Assim como Arduim (2005), elegemos os seguintes fatores: i) *relação assimétrica de superior para inferior*; ii) *relação simétrica entre iguais* e iii) *relação assimétrica de inferior para superior*. Os exemplos, a seguir, extraídos da amostra Floripa, ilustram melhor essa variável. O primeiro exemplo é de um discurso simétrico no qual o informante reporta a sua própria fala, dirigindo-se a um amigo; o segundo é de um discurso assimétrico no qual a informante reporta a fala de um político, dirigindo-se a informante, assim como, da informante dirigindo-se ao político:

(13) ... 'então era tu, amigo, que era lobisomem essa noite?! que tava entremidando o pessoal que vinha da pescaria, ganhando o seu pão de cada dia. Ué! sabe que tu tás, tás é preparado pra ti morrer, porque tem um colega meu que diz que o dia que encontrar esse lobisomem vai dar um tiro.' (FVBRJoa)

(14) Eu pedi pro político, ele chegou lá em casa, e ele assim: 'ai, tem como botá uma plaquinha? (...) Até pode, desde que tu mude o ponte de ônibus...!' (FNBRAnd)

3.2.3.4 Interlocução entre as pessoas do discurso reportado

A intenção, com essa variável, foi verificar possíveis variações que ocorrem nessas situações de interlocução. Para isso, elencamos,

assim como Arduin (2005), três fatores: i) *de primeira para terceira pessoa*; ii) *de terceira para primeira pessoa* e iii) *de terceira para terceira pessoa*. Os exemplos, a seguir, extraídos da amostra Floripa, ilustram melhor essa variável. O primeiro exemplo é de um discurso reportado de primeira para terceira pessoa; o segundo é de um discurso reportado de terceira para primeira pessoa; o terceiro é um discurso reportado de terceira para terceira pessoa:

(15) Pai, tu fez compra? (MNSUTia)

(16) ela assim: 'ai, vais casar com operário', e eu ficava quieta (FVSUEli)

(17) esses dias ela tava explicando lá pra a minha prima e... que a minha prima tava dizendo: 'ah, tu já bota esse peixe direto', e ela assim: 'não esse é o problema, porque senão solta aquela água, porque senão tu não vai conseguir reverter', segundo a minha vó... (MNSUTia)

3.2.4 Variáveis independentes sociais

Para se entender melhor o mecanismo de concordância verbal de segunda pessoa do singular, aliado às questões identitárias, além dos fatores linguísticos e estilístico-discursivos apontados, faz-se necessário averiguar outros fatores externos à língua, os quais possam estar condicionando a aplicação da regra variável em estudo. Compreendemos, pois, que o fenômeno em variação aqui estudado deverá ser mais bem compreendido quando atrelado a fatores sociais e geográficos. Listamos, a seguir, os grupos de fatores sociais.

3.2.4.1 Sexo/gênero

Verificamos, com essa variável, se o comportamento linguístico de homens e mulheres, na amostra Floripa, é diferente. Diversas investigações na área da sociolinguística apontam que mulheres preferem formas consideradas de prestígio, mais próximas do padrão normativo.

Um dos primeiros estudos a correlacionar variação linguística ao sexo foi o de Fischer (1958), o qual analisou a variação na pronúncia do sufixo inglês-*ing*, (*talking*, *walking*). Nesse estudo, verificou-se que a pronúncia velar era mais recorrente entre as mulheres e sendo a velar a

pronúncia mais valorizada socialmente, o autor pôde constatar que formas prestigiadas predominam na fala feminina.

Paredes da Silva (1996), ao analisar a alternância dos pronomes *tu* e *você* na fala dos cariocas, constatou que o pronome *tu* sem concordância com o verbo (*Tu quer uma cerveja?*) era mais recorrente na fala dos homens, PR de 0,57, contra 0,43 das mulheres.

Amaral (2003) constatou que em Pelotas/RS as formas marcadas são mais aplicadas por mulheres – 112 casos de 1.146 ocorrências, com percentual 10% e P.R de 0,59; para os homens foram encontrados 45 casos de 984 ocorrências, perfazendo um total de 5% – exatamente a metade das mulheres, com P.R para os homens de 0,39.

Loregian-Penkall (2004) encontrou resultados significativos para essa variável apenas na cidade de Porto Alegre – os homens utilizaram mais das formas marcadas, obtendo 0,77 de P.R; as mulheres apresentaram P.R de 0,33. Com esses resultados, a autora cogitou a possibilidade de formas marcadas não serem variantes de prestígio nessa localidade, devido ao menor uso por parte das mulheres da amostra, ou de estar havendo mudança em curso, pois o uso do *tu*, sem formas marcadas, estaria sendo liderado pelas mulheres.

O sexo feminino também é responsável por propagar ou reter variantes no sistema, liderando processos de mudança linguística. No estudo de Labov (1966), em Nova York, pode-se constatar que a forma inovadora - [r] retroflexo pós-vocálico (como, por exemplo, *card*) - era mais recorrente na fala do sexo feminino do que no sexo masculino.

Ao se estudar a variável sexo e sua correlação com a mudança, deve-se levar em conta o valor social de cada variante. Poderão ser instaladas formas prestigiadas ou estigmatizadas socialmente, gerando mudanças e quebrando padrões linguísticos vigentes. Na maioria das investigações linguísticas, e a partir do caso de Nova York, citado acima, pode-se verificar que mulheres são mais propensas a assumir frentes, implementando formas linguísticas valorizadas socialmente; quando o contrário ocorre – a implementação de formas estigmatizadas –, as mulheres tendem a assumir uma postura mais conservadora, deixando para os homens a liderança nesse último processo.

Assim, o que se pode presumir, até o momento, através de vários estudos, é uma maior associação das mulheres às formas linguísticas prestigiadas socialmente pelas comunidades, isso tudo não quer dizer que não se tenha que ter cautela em relação a essa associação, tendo em vista as especificidades de cada organização social, assim como as redefinições dos papéis sociais de homens e mulheres, em várias sociedades.

3.2.4.2 Avaliação do termo *manezinho*²⁵

Com essa variável, analisamos se a avaliação dos informantes, em relação ao termo *manezinho*, influencia na escolha das formas de segunda pessoa do singular, ou seja, para o informante, ser *manezinho* é um termo bom ou pejorativo? Determinamos os seguintes fatores: i) avaliação positiva; ii) avaliação negativa; iii) outros²⁶.

3.2.4.3 Idade

Verificamos, com essa variável, como se dá a escolha da concordância verbal de segunda pessoa do singular nas duas diferentes faixas etárias controladas neste estudo. As faixas etárias, relacionadas a um fenômeno de variação, possibilitam averiguar se esse fenômeno encontra-se estável ou apontando para uma mudança em curso. A variável idade poderá indicar o que Labov (2008 [1972]) intitulou mudança em tempo aparente, ou seja, comparando diferentes faixas etárias, os mais velhos com os mais novos, poderemos admitir, ou não, que determinadas diferenças na fala resultam de uma mudança linguística; contudo, há que se ter cuidado, pois nem sempre as diferenças entre as faixas etárias representam mudança em curso: há as que resultam de fenômenos próprios da idade, qualificando-se apenas como a fala dos mais jovens, ou a fala dos mais velhos.

Loregian (1996, p. 118) encontrou, na amostra do Varsul, para os informantes acima de 50 anos uma maior tendência a marcas de concordância de P2 tanto no Ribeirão da Ilha (0,84) como em Florianópolis (0,69) em oposição aos informantes da faixa etária de 15 a 24 anos, que inibem a aplicação da regra no Ribeirão da Ilha (0,44), mas continuam favorecendo, embora com menor peso, em Florianópolis (0,63). Os informantes da faixa intermediária de 25 a 49 anos ficam também com pesos relativos intermediários em relação à aplicação da regra de concordância. Esses resultados de Loregian (1996) apontam que a regra de concordância de P2 é bem mais sensível à faixa etária do informante no Ribeirão da Ilha do que em Florianópolis, embora em

²⁵ Embora não se trate de uma variável social clássica, optamos por manter a ‘avaliação do termo *manezinho*’ entre as variáveis sociais, uma vez que remete ao valor social das formas variantes.

²⁶ Foram codificados como outros os casos em que não se pôde avaliar a opinião do informante, devido a diversos fatores, entre eles: falta de questionamento por parte do entrevistador em relação à percepção do informante quanto ao termo *manezinho*; falta de uma resposta adequada por parte do informante, que permitisse identificar sua avaliação acerca do termo.

termos percentuais os informantes de Florianópolis também se apresentem diferenciados: a faixa acima de 50 anos apresenta 46% de marcação de concordância enquanto a faixa mais jovem apresenta 30%.

Das três faixas etárias analisadas por Amaral (2003), em Pelotas-RS, o autor encontrou para a mais velha maiores índices de concordância verbal de segunda pessoa do singular, com percentual de 13% e PR de 0,64. No estudo de Amaral (2003), os percentuais e os PR vão decrescendo, à medida que a faixa etária é mais jovem: para os que tinham entre 26 a 49 anos o percentual é de 8% e PR de 0,54; já no caso da faixa etária mais nova, os índices passam a ser de 3% e PR 0,36.

As duas faixas etárias da amostra Floripa são: i) a considerada mais nova, com informantes de 15 a 37; ii) a mais velha, com informantes acima de 45 anos.

3.2.4.4 Escolaridade

Classicamente, é na escola que aprendemos a norma culta, através, geralmente, das gramáticas tradicionais. Considerando isso, os anos de escolaridade poderão influenciar no uso marcado de formas canônicas e a pouca escolaridade poderá influenciar nas formas não marcadas de segunda pessoa do singular.

Loregian-Penkal (2004, p. 173), ao cruzar os grupos de fatores escolaridade e localidade, constatou um aumento progressivo de marcas de concordância verbal de segunda pessoa do singular, conforme a escolaridade do informante. Dos três níveis de escolarização analisados, a autora encontrou, nos dados de Florianópolis e Ribeirão da Ilha reunidos (amostra Varsul) um índice de concordância verbal marcada de 41% para o primário, 47% para o ginásio e 60% para o colegial.

Amaral (2003) encontrou, em Pelotas-RS, um índice bastante baixo de concordância verbal marcada para o *tu* (7%)²⁷ nos dados do VarX, assim distribuídos quanto à escolaridade: superior (10%), média (8%) e fundamental (3%) (p. 89). Mesmo com esse baixo índice de concordância marcada, em sua pesquisa, informantes com mais escolaridade, idade e renda veem a forma canônica como símbolo de prestígio, servindo como fator para diferenciar-se socialmente. Nas palavras do autor, “o uso da marca de segunda pessoa do singular em Pelotas pelas classes mais altas parece ter ‘prestígio aberto’ e, além disso, parece ter valor simbólico de poder social” (p. 165). A marca de

²⁷ Note-se que o percentual encontrado de concordância verbal com *tu* na cidade de Porto Alegre-RS é ainda mais baixo, apenas 4% nos dados do Varsul (LOREGIAN-PENKAL, 2004).

concordância com *tu* é, pois, vista como representação linguística de prestígio social em Pelotas, o que se reflete na produção dessa variante polarizando os informantes com nível superior e os com fundamental.

Consideramos, para o nosso estudo, dois níveis de escolaridade: i) até o Ensino Médio (informantes com Ed. Básica completa ou incompleta); ii) Ensino Superior (completo ou incompleto).

3.2.5 Variáveis independentes geográficas

Nesse conjunto de grupos de fatores, testamos os seguintes: diazonalidade, localidade, localismo e mobilidade.

3.2.5.1 Diazonalidade

Neste estudo, investigamos, além da dimensão diatópica, a dimensão diazonal, por acreditarmos que analisar as diferenças entre zonas urbanas e não urbanas trará evidências importantes para a descrição de nosso objeto de estudo. As localidades classificadas, neste trabalho, como não urbanas são Ribeirão da Ilha e Costa da Lagoa. As localidades classificadas como urbanas são Centro/Coqueiros/Trindade e Ingleses. Em estudos que controlam a variável diazonalidade, consideram-se as regiões não urbanas como aquelas que, comparadas às urbanas, possuem menor mobilidade, caracterizando-se por serem mais isoladas e com menor influência de fatores externos, sendo assim, mais conservadoras (MONGUILHOTT, 2009).

3.2.5.2 Localidade

Este grupo de fatores é um desdobramento da variável diazonalidade. Estamos cientes de que há sobreposição de fatores entre as duas variáveis, mas tencionamos verificar se as localidades, isoladamente, apresentam comportamento linguístico distinto ou se oferecem um melhor resultado quando agrupadas por zona (urbana e não urbana). Controlamos quatro fatores aqui: Região Central (composta por três bairros – Trindade, Centro, Coqueiros), Ingleses, Ribeirão da Ilha e Costa da Lagoa.

3.2.5.3 Localismo

Acreditamos, assim como Monguilhott (2009), que os informantes que se identificam com o lugar em que moram,

apresentarão maior valorização da cultura local, assim como das formas linguísticas da localidade; os que não se identificam com o bairro, tenderão a fazer maior uso de traços linguísticos externos.

Codificamos esse grupo de fatores considerando algumas perguntas formuladas aos informantes, tais como: i) como é o bairro?; ii) o senhor(a) se identifica com o bairro?; iii) o senhor(a) trocaria o bairro por outro?; iv) o senhor(a) participa de algum clube, associação ou igreja do bairro?. A partir das respostas, avaliávamos o grau de envolvimento do informante com a localidade. Não houve casos em que não se pôde obter as impressões do informante em relação a sua localidade, pois o foco das entrevistas era, principalmente, o bairro, os costumes e a cultura local.

Usamos os seguintes grupos de fatores: i) bem integrados – são os informantes que gostam do local onde vivem e participam das atividades da localidade; ii) mais ou menos integrados – informantes que gostariam de morar em outro local, porém participam das atividades locais ou aqueles que gostam de viver na localidade, porém não participam das atividades do local.

3.2.5.4 Mobilidade

Assim como Monguilhott (2009), acreditamos que informantes com maior mobilidade farão uso de formas linguísticas não marcadas, consideradas mais neutras – e que possivelmente possam ser mais aceitas em quaisquer circunstâncias; diferentemente dos que possuem menor mobilidade, os quais, possivelmente, farão uso das formas valorizadas localmente.

Também codificamos esse grupo de fatores considerando algumas perguntas formuladas aos informantes, tais como: i) onde o senhor(a) costuma fazer compras?; ii) o senhor(a) trabalha no bairro?; iii) o senhor(a) estudou/estuda no bairro?; iv) o senhor(a) sempre morou no local?; vi) o senhor viaja com frequência?. A partir das respostas, avaliávamos o nível de mobilidade do informante. Assim como no *localismo*, não houve casos em que não se pôde avaliar a mobilidade do informante, pois as entrevistas propiciavam essas informações relacionadas à mobilidade.

Os fatores também foram os mesmos de Monguilhott (2009): i) pouca mobilidade – informantes que fazem as suas atividades na localidade (compras, estudo, trabalho); ii) média mobilidade – informantes que trabalham e estudam na localidade, porém fazem compras fora dali; iii) muita mobilidade – informantes que trabalham,

estudam e fazem suas compras fora da localidade.

Neste capítulo, apresentamos os postulados metodológicos da Teoria Laboviana; caracterizamos a amostra da pesquisa, identificada como amostra *Floripa* (coletada em 2006, 2009 e 2012); descrevemos as comunidades estudadas (Região Central/Trindade, Ingleses, Costa da Lagoa e Ribeirão da Ilha – bairros de Florianópolis), as variáveis dependentes analisadas e os grupos de fatores testados – linguísticos (explicitação do pronome, classe gramatical e determinação do referente), estilístico-discursivos (tipo de discurso, pessoa do discurso reportado, relações (as)simétricas entre os interlocutores e interlocução entre as pessoas do discurso reportado), sociais (sexo/gênero, avaliação do termo *manezinho*, idade e escolaridade) e geográficos (diazonalidade, localidade, localismo e mobilidade), com ênfase nos grupos de fatores de natureza extralinguística. Passamos, no próximo capítulo, a apresentar e discutir os resultados da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, objetivamos apresentar e discutir os resultados obtidos nas rodadas estatísticas do programa Varbrul – versão Varbwin (AMARAL, 2001), referentes ao estudo sobre a variação na concordância verbal de segunda pessoa do singular (P2), em Florianópolis-SC, amostra Floripa. Os resultados são analisados a partir da ótica teórica já apresentada, confrontados a nossas hipóteses e comparados aos de outros trabalhos a respeito desse fenômeno, notadamente os de Loregian-Penkal (2004) para Florianópolis-SC, banco de dados Varsul e de Amaral (2003) para Pelotas-RS, banco de dados VarX.

Discutiremos os resultados de frequências e pesos relativos de rodadas binárias concernentes a duas variáveis linguísticas: i) presença de marca de concordância *vs.* ausência de marca de concordância (todos os dados); ii) concordância canônica *vs.* concordância canônica modificada (apenas os dados com concordância marcada). Antes, porém, mostraremos alguns resultados gerais: i) distribuição da frequência de uso de pronomes de segunda pessoa do singular em nossa amostra; e ii) distribuição da frequência geral dos dados da amostra considerando a variável ternária (com concordância canônica *vs.* com concordância modificada *vs.* sem concordância). Ao final, inserimos uma seção com considerações sobre os grupos de fatores não significativos e outra seção com as considerações finais do capítulo. Este capítulo está organizado, portanto, em cinco seções.

Para os resultados da primeira rodada binária – presença de marca de concordância *vs.* ausência de marca de concordância – (seção 4.2), as subseções envolverão, primeiramente, as variáveis independentes de base social; logo após, as variáveis estilístico-discursivas; e, para terminar, as variáveis geográficas. Para os resultados da segunda rodada – concordância canônica *vs.* concordância canônica modificada –, só com concordância (seção 4.3), as subseções envolverão, primeiramente, as variáveis independentes de base linguística; logo após, as sociais, e, por último, as geográficas. Para cada variável, serão feitas rodadas com todos os dados da amostra reunidos e depois separando verbos de marcadores discursivos. A forma como estão dispostas as subseções nos pareceu mais interessante para a discussão e o estabelecimento de relações entre os grupos de fatores (variáveis independentes) testados.

4.1 Distribuição geral dos dados de P2 (*tu* e *você*) e de concordância com o pronome *tu*

Embora a alternância dos pronomes *tu* e *você* não seja o foco do nosso estudo, julgamos importante levantar, nesse primeiro momento, a distribuição desses pronomes na amostra Floripa. Uma de nossas hipóteses iniciais era a de que o *tu*, na amostra Floripa, assim como nos dados do banco Varsul, a partir dos resultados de Loregian-Penkall (2004), em Florianópolis-SC, seria bastante produtivo, sendo bem mais frequente que o *você*; além disso, acreditávamos que o *você*, na amostra Floripa, aparecesse em maior número, quando comparado aos dados do Varsul.

Das 31 entrevistas analisadas da amostra Floripa, obtivemos 22 que apresentaram somente o uso do pronome *tu*; seis informantes apresentaram o uso do *tu* em alternância com o pronome *você*; um informante apresentou somente o uso de *você*; mais dois informantes não apresentaram nenhum dos pronomes, ou seja, não apresentaram dados. O Gráfico 1 ilustra o resultado em termos percentuais para os 29 informantes que apresentaram dados.

Gráfico 1: Distribuição do uso dos pronomes de P2 (*tu* e *você*) na amostra Floripa, por informante



Analisando o gráfico acima, percebemos que a nossa primeira expectativa foi atestada: o pronome *tu* é altamente produtivo entre os florianopolitanos. A grande maioria dos informantes da amostra Floripa

(76%) utiliza somente uma forma pronominal – o *tu* (seja na sua forma explícita ou implícita) seguido de suas diferentes formas de concordância verbal (canônica, canônica modificada e sem concordância)²⁸. As duas formas pronominais (*tu* e *você*) são usadas por 21% dos informantes. Apenas um informante (3%) utilizou somente a forma *você*. Note-se que quase a totalidade dos informantes entrevistados faz uso do pronome *tu*.

Explorando os dados, verificamos que o informante que faz uso categórico de *você* tem o seguinte perfil social: é do sexo masculino, faixa etária mais velha, possui ensino fundamental incompleto e é morador do bairro Ingleses. Embora tenha nascido e se criado no bairro, o informante viajou a trabalho, durante 17 anos, para diversas localidades do país: Rio Grande-RS, Vitória-ES, Santos-SP e Macaé-RJ – ficando dias, até meses, embarcado e envolvido com a pesca; essas viagens, a diversos lugares do Brasil, talvez expliquem a escolha do pronome.

Comparemos nossos resultados com os de Loregian-Penkall (2004). Nas 35 entrevistas do Varsul de Florianópolis (24 informantes) e Ribeirão da Ilha (11 informantes)²⁹, a autora também encontrou apenas um caso de informante categórico no uso do pronome *você*; 20 casos de informantes categóricos no uso do *tu*; e 14 informantes que alternavam as duas formas pronominais – *tu/você*. O Gráfico 2 exhibe esses resultados em percentuais.

²⁸ Salientamos aqui que, nos casos em que o informante apresentava a forma implícita, em algum outro momento da entrevista também apresentou a forma explícita; assim, não houve casos de entrevistas em que não se pôde resgatar a forma pronominal utilizada pelo informante, em outras palavras, não houve casos de entrevistas em que somente a forma implícita tenha ocorrido.

²⁹ As entrevistas do Ribeirão da Ilha integram o *corpus* Bescancini (1996), tendo sido, posteriormente, incorporadas ao Banco Varsul. Para facilitar nossa análise comparativa, identificamos as amostras em questão apenas como Varsul e Floripa (esta incluindo também o *corpus* Monguilhott (2009), conforme Metodologia).

Gráfico 2: Distribuição do uso dos pronomes de P2 (*tu* e *você*) na amostra Varsul (Florianópolis e Ribeirão da Ilha), por informante

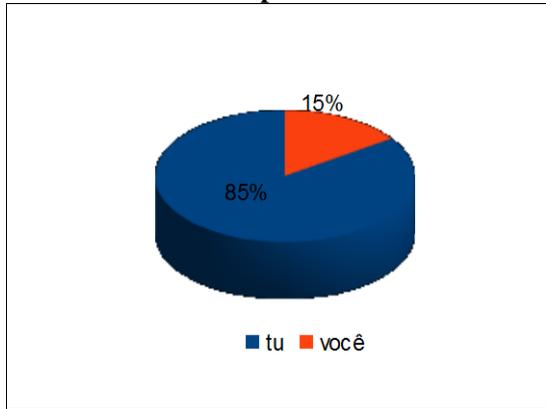


Fonte: Adaptado de Loregian-Penkall (2004, p. 127-128)

Ao compararmos os dados do Banco Varsul com os da amostra Floripa, no que se refere à alternância pronominal *tu/você*, partindo do número de entrevistas, percebemos que a quantidade de informantes que fazem uso categórico do pronome *você* é igual: apenas um informante; quanto ao uso categórico do pronome *tu*, os dados aumentam para a amostra Floripa – 76% contra 57% do Varsul; já os informantes que alternam as duas formas diminuem na amostra Floripa – 21% contra 40% do banco Varsul. Esses resultados – com a ressalva de que as localidades da amostra Floripa (2006-2012) não correspondem totalmente àsquelas do Varsul (década de 1990), embora todas pertençam a Florianópolis – mostram que o *tu* se encontra muito bem estabelecido entre os florianopolitanos no início do século XXI.

Para complementar a apresentação da distribuição geral dos dados, ressaltamos que encontramos 147 ocorrências com o pronome *você* (15%), contra 812 com o pronome *tu* (85%). O Gráfico 3 ilustra o exposto.

Gráfico 3: Ocorrências dos pronomes de P2 (*tu* e *você*) na amostra Floripa



Comparando novamente com os resultados de Loregian-Penkal (2004) para os dados do Varsul, verificamos que a autora encontrou 1.229 ocorrências de pronomes de P2 em Florianópolis e Ribeirão; destas, 1.030 foram produzidas com o *tu*, perfazendo um total de 84%, contra 16% das produzidas com o *você*. Ao comparar o número de ocorrências das duas amostras, podemos perceber que os percentuais são praticamente iguais.

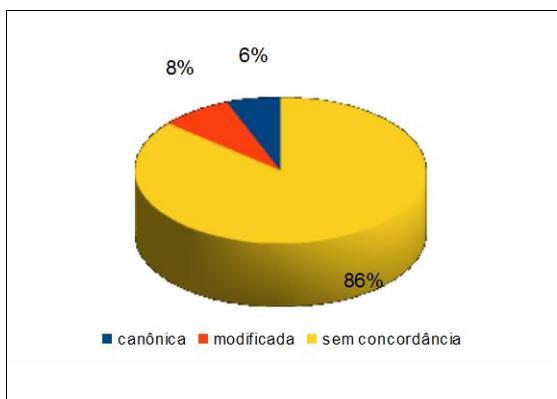
Essa análise comparativa geral corrobora com os resultados encontrados para a amostra Varsul da década de 1990, ao evidenciar que cerca de 20 anos depois, na amostra Floripa, encontramos a mesma frequência de uso dos pronomes *tu* (cerca de 85%) e *você* (cerca de 15%). Contrastivamente, porém, o número de informantes que usam categoricamente o *tu* se mostrou bem maior atualmente (76%) em relação a mais de uma década atrás (57%).

Em tempo, outra comparação importante a ser feita é com os resultados de Rocha (2010), que analisou a alternância entre os pronomes *tu/você* e a variação na concordância verbal com o *tu*. A autora encontrou em Santo Antônio de Lisboa e Ratones (comunidades não urbanas de Florianópolis), a partir dos dados da amostra Floripa do ano de 2009, 134 ocorrências com o pronome *tu* (97%), contra quatro do pronome *você* (3%); esses resultados, embora escassos, também corroboram os do nosso trabalho, no que diz respeito à produtividade de

pronome *tu*, notadamente no interior da ilha de Santa Catarina. Posteriormente, Rocha (2012) encontrou, em Santo Antônio de Lisboa e Ratonés, 573 ocorrências de pronomes de segunda pessoa (entre nulos e preenchidos); destes, 440 eram de *tu* (76%), 99 eram de *você* (17%) e 34 eram de *o senhor* (5%).

Partindo agora para o foco do nosso trabalho, a amostra analisada apresentou 812 dados de concordância verbal de segunda pessoa do singular com o pronome *tu*, distribuídos entre formas canônicas, canônicas modificadas e sem concordância. Nesses dados, obtivemos a presença maciça das formas sem concordância verbal de segunda pessoa em 700 ocorrências, correspondendo a 86% do total. As ocorrências com concordância canônica, 49 casos, correspondem a apenas 6% do total. As formas canônicas modificadas, 63 casos, correspondem a 8% do total, conforme ilustra o gráfico abaixo. Ou seja, em 14% dos dados houve marca explícita de concordância com *tu* no verbo. Esses resultados são mais bem visualizados no gráfico seguinte.

Gráfico 4: Distribuição da concordância verbal com o pronome *tu* na amostra Floripa



Com este resultado, nossa hipótese central não foi atestada, uma vez que, a partir dos resultados de Loregian-Penkál (2004) e de nossas observações empíricas, esperávamos que os informantes florianopolitanos, cujas falas foram analisadas, utilizassem em maior número formas canônicas e canônicas modificadas do que formas não marcadas. No entanto, como vimos, essas últimas formas apresentaram-

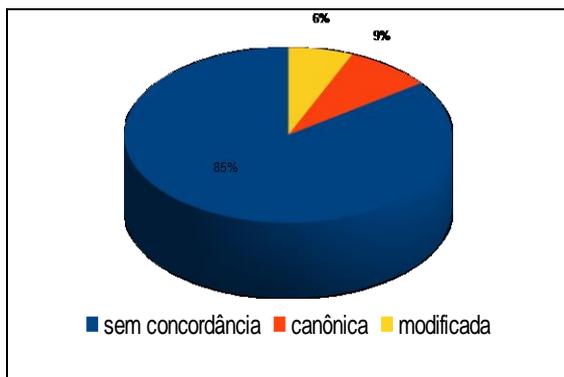
se, na fala dos informantes da amostra Floripa, em número significativamente maior.

A título de comparação, resultados semelhantes aos nossos foram encontrados por Rocha (2010) na amostra Floripa de 2009, nas localidades de Santo Antônio de Lisboa e Rationes – dos 138 dados com o pronome *tu*, 119 foram produzidos sem marca de concordância verbal (89%); os dados com marca de concordância foram 15, perfazendo apenas 11%.

Já Loregian-Penkal (2004, p. 167) encontrou, na amostra do Varsul, 1.030 ocorrências de contextos de concordância verbal com *tu* assim distribuídos em relação à aplicação da regra: em Florianópolis ($251/585 = 43\%$); e em Ribeirão da Ilha ($268/445 = 60\%$). Somando-se os dados dessas duas localidades, encontramos 50% de presença de marca de concordância verbal na amostra da década de 1990. Na amostra Floripa analisada por nós, mais recente, esse percentual cai para 14%. Mais interessante fica a comparação entre as duas amostras, ao observarmos isoladamente os dados da localidade de Ribeirão da Ilha: na amostra Floripa, nessa localidade foram encontradas 11% de marcas de concordância ($42/390$) – resultado que retomaremos adiante ao discutir o grupo de fatores *localidade* – contra 60% na amostra do Varsul, coletada anteriormente. Vale ressaltar que os resultados de nossa análise relativa ao Ribeirão da Ilha coincidem com os encontrados por Rocha (2010) para Santo Antônio de Lisboa e Rationes (11%) – ambas as análises realizadas a partir da amostra Floripa. Vemos, portanto, que embora o uso do pronome *tu vs. você* se mantenha, na cidade de Florianópolis (considerando todas as localidades), no mesmo patamar de frequência nos últimos 20 anos, a taxa de concordância verbal marcada cai significativamente.

É importante salientar que tanto a amostra analisada por Loregian-Penkal (2004) como a nossa reúne verbos e marcadores discursivos. Ao separarmos os verbos na amostra Floripa (549 dados), o resultado para as três variantes ficou o seguinte: 85% de formas sem marca de concordância (467 dados), 9% com concordância canônica (47 dados) e 6% com marca de concordância canônica modificada (35 dados). Em 15% das ocorrências de verbos houve marca explícita de concordância de P2. O gráfico a seguir mostra esses resultados.

Gráfico 5: Distribuição da concordância verbal com o pronome *tu* na amostra Floripa (só com verbos)



Como podemos observar, os resultados somente para verbos (Gráfico 5) se aproximam consideravelmente daqueles concernentes à amostra geral, que reúne verbos mais MDs (Gráfico 4). Em relação à não marcação de concordância, o percentual para a amostra geral é de 86% e só para os verbos é de 85%. A pequena diferença que se verifica está nas formas marcadas morfológicamente: 8% de concordância modificada na amostra geral e 9% de concordância canônica na amostra só com verbos. Isso significa que a inclusão dos MDs faz com que a marcação morfológica modificada aumente e a concordância canônica diminua. Essas particularidades ficarão mais bem evidenciadas ao longo da análise. Vale ressaltar que se agruparmos as duas variantes com marcação de concordância *vs.* a variante sem marcação, o resultado fica o seguinte: marca morfológica de P2 nos verbos: 15%; marca morfológica de P2 nos MDs: 11%.

Ao observarmos isoladamente os MDs (263 ocorrências), o comportamento das três variantes é o seguinte: 89% de formas sem marca de concordância (233 dados), 11% com marca de concordância canônica modificada (28 dados) e apenas 1% de concordância canônica (2 dados). Os marcadores mais recorrentes da amostra, visivelmente, foram o *sabe*, seguido do *entende* e suas variantes – *entendeu/entedesse*. Vejamos alguns exemplos da amostra:

(1) ... pra pegá o serviço 9 horas, sai de lá 5 horas, chega em casa 9 horas, mas tranquilo, sabe? (MVBREdi)

(2) Dá pra ver, tipo, tu olha uma cachoeira, qual é a pessoa que vai querer subir, sabe? (FNBRNat)

(3) Ah, não queremos viver junto só, sabe? (FVSRDeI)

(4) Gostei, adorei, mas não marcou, entende? (FVSRDeI)

(5) ... a gente se relacionava com bastante pessoas diferentes, entendesse? (MVBUIWl)

(6) ... cada vez que passa, eles se interessam menos, entendeu? (FNBUtat)

Com base nos resultados acima descritos, optamos por deixar, num primeiro momento, todos os dados da amostra reunidos (812 dados). Mais adiante, porém, apresentaremos resultados de rodadas separando as duas classes gramaticais para uma análise mais refinada.

Após a apresentação desses resultados gerais, passaremos, a seguir, à análise dos resultados das rodadas binárias.

4.2 Resultados para a variável ‘presença de marca de concordância’ vs. ‘ausência de marca de concordância’ com o pronome *tu*

Na primeira rodada binária com a amostra geral – presença vs. ausência de marca de concordância –, os grupos de fatores selecionados como significativos pelo programa estatístico, por ordem de importância, foram:

- 1º Escolaridade;
- 2º Avaliação do termo *manezinho*;
- 3º Idade;
- 4º Pessoa do discurso reportado;
- 5º Sexo;
- 6º Relações (as)simétricas entre os interlocutores;
- 7º Diazonalidade.

Nessa rodada, nenhum dos grupos de fatores linguísticos testados (*explicitação do pronome, classe gramatical e determinação do referente*) foi selecionado como significativo. Os grupos de fatores selecionados como relevantes são de natureza social (*escolaridade, idade, sexo e avaliação do termo manezinho*), estilístico-discursiva (*pessoa do discurso reportado e relações (as)simétricas*) e geográfica (*diazonalidade*), apontando que, o que está em jogo na variação da concordância verbal de segunda pessoa do singular, em Florianópolis, são fatores socioestilísticos e valores socioculturais do informante e/ou da comunidade.

A seguir, discutiremos os resultados mais relevantes, começando pelos grupos de fatores sociais. Para essa rodada, estipulamos como aplicação da regra a presença de marca de concordância (canônica e canônica modificada) *vs.* a ausência de marca de concordância verbal de segunda pessoa do singular.

4.2.1 Grupos de fatores sociais

Como apontado na Metodologia, foram controlados quatro grupos de fatores sociais. Todos eles foram considerados significativos pelo programa estatístico para a variável dependente ‘presença de marca de concordância’ *vs.* ‘ausência de marca de concordância’, a saber: *escolaridade, avaliação do termo manezinho, idade e sexo* (sendo os três primeiros os mais significativos, nessa ordem de apresentação, e o último, o quinto grupo selecionado). Vale salientar aqui que nossa amostra não ficou com distribuição homogênea pelas células sociais, já que: iniciamos a análise com 31 informantes (em vez de 32), pois uma das células da amostra Floripa está incompleta; dois informantes não apresentaram dados de P2 (*tu e/ou você*) na função de sujeito; um informante fez uso categórico de *você*. Assim, nossa distribuição efetiva de informantes por célula, na análise da concordância verbal com *tu*, ficou conforme mostra o quadro seguinte.

Quadro 2: Células sociais dos informantes que apresentaram dados de P2 (*tu*) em nossa amostra

	Região Central/Coqueiros e Trindade	Inglezes	Costa da Lagoa	Ribeirão da Ilha
+velho - escolaridade	= ou > 45 Ed. Básica Masc. (1) e feminino (1)	= ou > 45 Ed. Básica Masc. (0) e feminino (1)	= ou > 45 Ed. Básica Masc. (1) e feminino (1)	= ou > 45 Ed. Básica Masc. (1) e feminino (1)
+ velho + escolaridade	= ou > 45 Superior Masc. (1) e feminino (1)	= ou > 45 Superior Masc. (0) e feminino (1)	= ou > 45 Superior Masc. (1) e feminino (1)	= ou > 45 Superior Masc. (1) e feminino (1)
+ jovem - escolaridade	15 a 37 anos Ed. Básica Masc. (1) e feminino (1)	15 a 37 Ed. Básica Masc. (0) e feminino (1)	15 a 37 Ed. Básica Masc. (1) e feminino (1)	15 a 37 Ed. Básica Masc. (1) e feminino (1)
+ jovem + escolaridade	15 a 37 anos Superior Masc. (1) e feminino (0)	15 a 37 Superior Masc. (1) e feminino (1)	15 a 37 Superior Masc. (1) e feminino (1)	15 a 37 Superior Masc. (1) e feminino (1)

Não obstante essa distribuição enviesada dos informantes, com incompletude de algumas células, todos os grupos de fatores sociais controlados se mostraram significativos. Passamos a apresentar os resultados obtidos para esses grupos de fatores sociais, seguindo a ordem de relevância estatística indicada pelo programa Varbrul.

4.2.1.1 Escolaridade

Em relação à *escolaridade*, nossa expectativa inicial era a de que informantes com Curso Superior fizessem maior uso de marcas de concordância, devido à imposição, por maior tempo, do padrão

normativo escolar; e também devido aos resultados de Loregian-Penkal (2004, p. 173) que, ao cruzar os grupos de fatores escolaridade e localidade, constatou um aumento progressivo de marcas de concordância verbal de segunda pessoa do singular, conforme a escolaridade do informante. Dos três níveis de escolarização analisados, a autora encontrou, nos dados de Florianópolis e Ribeirão da Ilha reunidos (amostra Varsul) um índice de concordância verbal marcada de 41% para o primário, 47% para o ginásio e 60% para o colegial. Esses resultados nos fizeram crer que quanto maior a escolaridade, maior seriam os índices de concordância verbal de segunda pessoa do singular em nossa amostra, o que não ocorreu, conforme mostram os resultados da Tabela .

Tabela 3: Frequência e probabilidade de uso de marca de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo a Escolaridade do informante

Fatores	Aplicação/total	Percentual	PR
Até o Ens. Médio	82/342	24%	0,64
Curso Superior	30/470	6%	0,39

Os resultados expressos na tabela acima são contrários a nossa hipótese em relação à *escolaridade*, tendo em vista que informantes que cursaram até o Ensino Médio fizeram maior uso de marcas concordância verbal de segunda pessoa do singular (seja ela na forma canônica ou canônica modificada), em relação aos que estavam cursando ou já haviam concluído o curso Superior. Veja-se que a diferença entre os percentuais (numa proporção de 4 para 1) e entre os PR (0,25) é bastante acentuada.

Acreditamos que nossos resultados para a *escolaridade* possam ser interpretados considerando a questão do prestígio social, nos termos de Amaral (2003). O autor encontrou, em Pelotas-RS, um índice bastante baixo de concordância verbal marcada para o *tu* (7%)³⁰ nos dados do VarX, assim distribuídos quanto à escolaridade: superior (10%), média (8%) e fundamental (3%) (p. 89). Mesmo com esse baixo índice de concordância marcada, em sua pesquisa, informantes com mais escolaridade, idade e renda veem a forma canônica como símbolo

³⁰ Note-se que o percentual encontrado de concordância verbal com *tu* na cidade de Porto Alegre-RS é ainda mais baixo, apenas 4% nos dados do Varsul (LOREGIAN-PENKAL, 2004).

de prestígio, servindo como fator para diferenciar-se socialmente. Nas palavras do autor, “o uso da marca de segunda pessoa do singular em Pelotas pelas classes mais altas parece ter ‘prestígio aberto’ e, além disso, parece ter valor simbólico de poder social” (p. 165). A marca de concordância com *tu* é, pois, vista como representação linguística de prestígio social em Pelotas, o que se reflete na produção dessa variante polarizando os informantes com nível superior e os com fundamental.

A amostra Floripa, porém, parece evidenciar que a concordância verbal marcada com *tu* não está carregando, em Florianópolis, o valor social de ‘prestígio aberto’ encontrado por Amaral (2003) em Pelotas³¹. Além disso, comparativamente aos resultados de Loregian-Penkall (2004), para a amostra Varsul, os dados da amostra Floripa parecem revelar que se havia um valor social de prestígio associado a essa marca de concordância entre os ilhéus na década de 1990 (medido indiretamente pela escolaridade), ele está se esmaecendo.

Por outro lado, é interessante a interpretação atribuída por Amaral (2003, p. 165) à ausência de marca de concordância: “o não-uso dessa marca por todas as classes parece ter ‘prestígio encoberto’, uma vez que todos aderem em grau bem alto e não há indícios de estigma associado a sua não-utilização”. Observando nossos resultados podemos dizer que o fato de haver 86% de ausência de marca de concordância com *tu* na amostra Floripa, somado ao fato de haver apenas 6% de concordância entre os informantes com Curso Superior (com peso relativo inibidor de 0,39), indica que a ausência de marca de concordância de P2 não carrega estigma em Florianópolis; ou, melhor dizendo, está sendo vista como tendo ‘prestígio encoberto’. Essa é uma hipótese que precisa ser mais bem explorada em novas pesquisas, uma vez que enfraquece, em certa medida, a hipótese de Menon e Loregian-Penkall (2002) de que há diferentes marcas de identidade atreladas ao uso do pronome *tu* e à concordância verbal: enquanto o uso de *tu* sem flexão verbal de P2 marcaria identidade gaúcha, a presença de desinência verbal de P2 marcaria a identidade do ilhéu. Essa hipótese será retomada e discutida mais adiante.

Contudo, é importante salientar que dos 28 informantes que utilizaram o pronome *tu*, encontramos 18 que alternavam formas marcadas e não marcadas (64%); nove utilizaram o *tu* sempre sem a marca de concordância (32%); e, apenas um informante utilizou o *tu*

³¹ Vale dizer que Amaral (2003) considerou fatores sociais como renda, patrimônio, zona de residência e escolaridade para caracterizar o perfil social dos informantes de Pelotas-RS, critérios esses (à exceção da escolaridade) não utilizados na amostra Floripa nem no banco Varsul.

apenas com marca de concordância (4%). Esse é um dado interessante à medida que atesta que a maioria dos informantes investigados (19/28 = 68%) faz, em alguma proporção, uso de marcas de concordância verbal com *tu*. Esses resultados, interpretados comparativamente aos do Gráfico 4, indicam que, embora a frequência de marcação de concordância esteja diminuindo sensivelmente em Florianópolis (de 50% na amostra Varsul, conforme análise de Loregian-Penkall (2004) para 14% na amostra Floripa, conforme nossa análise), a maioria dos informantes ainda realiza a concordância canônica (plena ou modificada). Ou seja, os florianopolitanos estão marcando menos a concordância, mas não deixaram de marcá-la. Esse comportamento linguístico pode ter alguma implicação com a questão identitária do florianopolitano.

Analisamos o perfil dos nove informantes que em nenhum momento apresentaram concordância. Destes, cinco são mulheres (55%), quatro são homens (45%); cinco são da faixa etária mais nova (55%), quatro são da faixa etária mais velha (45%); cinco possuem o Ensino Básico (55%), quatro possuem Ensino Superior (45%); cinco são moradores da zona urbana (55%) quatro são da zona não urbana (45%). Como podemos perceber, esses últimos índices se mostraram equilibrados, não indicando um perfil mais preciso.

Outro ponto que gostaríamos ainda de trazer à discussão a partir da análise de Amaral (2003) diz respeito à mudança linguística. Segundo o autor, em Pelotas-RS está ocorrendo uma mudança em curso quase consolidada na direção de não marcação morfológica de concordância com *tu*, identificada como uma ‘mudança de baixo para cima’, “impulsionada por pressões das massas (classes sociais mais baixas) que encontra resistência em alguma medida nas classes mais altas” (p. 167). Se observarmos que na amostra Floripa existe uma frequência de não marcação de concordância verbal bem mais alta do que na amostra do Varsul tomada como parâmetro de comparação (86% contra 50% de não marcação, respectivamente), e que são os mais escolarizados que menos estão usando marcas de concordância verbal, podemos levantar a hipótese de que também esteja ocorrendo em Florianópolis uma mudança em curso, só que não identificada como ‘de baixo para cima’. Estaria ocorrendo uma mudança em tempo real na regra de concordância verbal com *tu* e essa seria uma ‘mudança de cima para baixo’? Outra questão que deixamos em aberto para novas pesquisas.

4.2.1.2 Avaliação do termo *manezinho*

A *avaliação do termo manezinho* apresentou-se como o segundo grupo de fatores mais significativo para a variável dependente binária ‘presença vs. ausência de marca de concordância’.

Codificamos esse grupo de fatores considerando algumas perguntas formuladas aos informantes, tais como: i) o que é ser manezinho? ii) o senhor(a) gosta de ser chamado(a) de manezinho(a)? iii) como é que o manezinho se expressa? iv) o Darci e a Bilica (humoristas – representantes da figura do manezinho) representam bem o manezinho? A partir das respostas, avaliávamos se o informante percebia de forma positiva ou negativa a representação associada ao referido termo; em algumas entrevistas, não se pôde resgatar de que forma o informante avaliava, pelo fato de ele não proporcionar uma resposta adequada para a codificação ou por não terem sido contempladas, pelo entrevistador, essas perguntas. Quando não se pôde obter uma resposta sobre a avaliação do informante, os dados foram codificados como 'outros'.

Das 28 entrevistas da nossa amostra que apresentaram dados com pronomes de P2, 11 informantes avaliaram positivamente o termo *manezinho* (38%); sete avaliaram negativamente (24%); as outras 11 entrevistas foram codificadas como outros (38%).

Esperávamos que informantes que fizessem avaliações positivas do termo *manezinho* favoreceria a concordância verbal de segunda pessoa do singular, tida hipoteticamente como marca identitária do falar de Florianópolis; acreditávamos também que avaliações negativas desfavoreceria essa concordância verbal. A Tabela 4 apresenta os resultados estatísticos obtidos para esse grupo de fatores.

Tabela 4: Frequência e probabilidade de uso de marca de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo a Avaliação do termo *manezinho*

Fatores	Aplicação/total	Percentual	PR
Avaliação positiva	77/351	22%	0,66
Avaliação negativa	19/118	16%	0,60
Outros	16/343	5%	0,30

Os resultados expressos na tabela acima atestam, em parte, nossas hipóteses em relação ao grupo de fatores *avaliação do termo manezinho*, pois: i) as avaliações positivas (vale dizer, os informantes que avaliam positivamente o termo) favorecem a marcação de concordância verbal de segunda pessoa do singular, com percentual de 22% e PR de 0,66; ii) em contrapartida, não esperávamos que as avaliações negativas obtivessem índices de concordância verbal de segunda pessoa elevados, quando comparados aos das avaliações positivas; os índices de avaliações negativas foram de 16% e PR de 0,60, um pouco abaixo das avaliações positivas. As entrevistas em que não se pôde precisar a avaliação do informante foram as que desfavoreceram a concordância estudada, com percentual de 5% e PR de 0,30. Enquanto, por um lado, nossa expectativa é confirmada com a alta probabilidade de correlação entre avaliação positiva do termo *manezinho* e uso de marcas de concordância verbal, por outro lado, é surpreendente o resultado associado àqueles que fazem avaliação negativa do termo. Isso pode estar apontando para o fato de que a marca de concordância verbal de P2 pode não estar carregando, nesses casos, a força identitária que estamos atribuindo a essa forma – conforme já aventamos na subseção anterior. Ou pode estar ocorrendo algum tipo de interferência de outro(s) fator(es). Adiante, depois de apresentarmos os resultados para os grupos *idade* e *sexo*, realizaremos cruzamentos entre esses três grupos de fatores para averiguar possíveis interferências.

4.2.1.3 Idade

A *idade* foi o terceiro grupo de fatores dado como significativo pelo programa estatístico para a variável ‘presença vs. ausência de marca de concordância’.

Nossa expectativa era a de que informantes mais jovens (15 a 37 anos) utilizassem, em maior número, a variante sem marca de concordância que os mais velhos (acima de 45 anos), evidenciando um comportamento linguístico mais inovador em Florianópolis. A Tabela 6 apresenta os resultados estatísticos para esse grupo de fatores.

Tabela 5: Frequência e probabilidade de uso de marcas de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo a Idade do informante

Fatores	Aplicação/total	Percentual	PR
De 15 a 37 anos	34/333	10%	0,33
= ou > 45 anos	78/479	16%	0,62

Os resultados expressos na tabela acima sustentam nossa hipótese quanto ao grupo de fatores *idade*, tendo em vista que informantes com idade igual ou superior a 45 anos fizeram maior uso de concordância verbal de segunda pessoa do singular, quando comparados aos mais novos (15 a 37 anos), com percentual de 16% e PR de 0,62. Nesse sentido, os informantes mais novos da nossa amostra utilizaram, predominantemente, as formas não marcadas, com percentual de 90%, mostrando, assim, um comportamento linguístico supostamente inovador. Esse resultado fortalece nossa hipótese de mudança em curso (neste caso, captada em tempo aparente), já sugerida na subseção anterior.

Em Loregian (1996, p. 118), encontramos resultados percentuais e probabilísticos para a *idade* em relação aos dados de Florianópolis e de Ribeirão da Ilha (amostra do Varsul), separadamente, que mostram a mesma direção encontrada no conjunto da amostra Floripa. Na amostra do Varsul, os informantes acima de 50 anos tendem mais a marcar a concordância de P2 tanto no Ribeirão da Ilha (0,84) como em Florianópolis (0,69) em oposição aos informantes na faixa etária de 15 a 24 anos, que inibem a aplicação da regra no Ribeirão da Ilha (0,44) mas continuam favorecendo, embora com menor peso, em Florianópolis (0,63). Os informantes da faixa intermediária de 25 a 49 anos ficam também com pesos relativos intermediários em relação à aplicação da regra de concordância. Esses resultados de Loregian (1996) apontam que a regra de concordância de P2 é bem mais sensível à faixa etária do informante no Ribeirão da Ilha do que em Florianópolis, embora em termos percentuais os informantes de Florianópolis também se apresentem diferenciados: a faixa acima de 50 anos apresenta 46% de marcação de concordância enquanto a faixa mais jovem apresenta 30%. Assim, podemos dizer que os informantes da amostra Floripa, embora tenham diminuído consideravelmente a frequência de aplicação da regra em relação aos informantes da amostra do Varsul, quando aplicam a

regra seguem a mesma direção da faixa etária: os mais velhos tendem a usar mais marcas de concordância que os mais jovens.

Resultados semelhantes aos nossos encontrou Amaral (2003), em Pelotas-RS. Das três faixas etárias analisadas pelo autor, a mais velha foi a que apresentou maiores índices de concordância verbal de segunda pessoa do singular, com percentual de 13% e PR de 0,64. No estudo de Amaral (2003), os percentuais e os PR vão decrescendo, à medida que a faixa etária é mais jovem: para os que tinham entre 26 a 49 anos o percentual é de 8% e PR de 0,54; já no caso da faixa etária mais nova, os índices passam a ser de 3% e PR 0,36. Ao que parece, o movimento de “mudança linguística quase completada” constatado em Pelotas por Amaral (2003, p. 172) está sendo seguido, porém com menor intensidade, em Florianópolis.

4.2.1.4 Sexo/gênero

O *sexo* do informante foi o quinto grupo de fatores dado como significativo pelo programa estatístico para a variável ‘presença vs. ausência de marca de concordância’.

Nossa expectativa inicial para esse grupo era a de que as mulheres utilizariam mais marcas de concordância, seja na forma canônica ou canônica modificada, do que os homens, seguindo a tendência observada nos estudos sociolinguísticos no que diz respeito às formas consideradas de prestígio. A Tabela 6 apresenta os resultados estatísticos para esse grupo de fatores.

Tabela 6: Frequência e probabilidade de uso de marcas de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo o Sexo/gênero do informante

Fatores	Aplicação/total	Percentual	PR
Mulheres	57/438	13%	0,40
Homens	55/374	15%	0,61

Contrariamente a nossa expectativa inicial, apesar de os percentuais serem bastante próximos entre os dois sexos, os pesos relativos mostram uma diferença significativa em termos de tendências: os homens favorecem a marcação de concordância (0,61) ao passo que as mulheres desfavorecem a aplicação da regra (0,40).

Esse resultado inesperado levou-nos a esmiuçar a análise, procurando verificar se havia um comportamento diferenciado em relação a homens e mulheres no que diz respeito às variantes ‘concordância canônica’ e ‘concordância canônica modificada’, que se encontram amalgamadas nas tabelas apresentadas até o momento como ‘presença de marca de concordância’. Uma busca nos resultados da rodada ternária (ver anexo) mostra que homens e mulheres se diferenciam em relação ao uso daquelas variantes. Veja-se o resultado para a variável ternária exposto na Tabela 7.

Tabela 7: Frequência e probabilidade de uso das variantes ‘concordância canônica’ vs. ‘concordância canônica modificada’ vs. ‘sem marca de concordância’ de P2 na amostra Floripa, segundo o Sexo/gênero do informante

	Conc. canônica		Conc. canônica mod.		Sem conc.	
	Apl./total	% PR	Apl./total	% PR	Apl./total	% PR
Mulheres	33/438	8 0,593	24/438	5 0,090	381/438	87 0,317
Homens	16/374	4 0,106	39/374	10 0,697	319/374	85 0,198

Comparando as duas últimas tabelas, podemos verificar que, embora os homens tenham feito mais concordância que as mulheres (na variável binária), quando examinamos o tipo de marcação de concordância (na variável ternária), notamos que o percentual de concordância canônica entre as mulheres foi o dobro dos homens (8% contra 4%) com um PR associado bastante polarizado (0,593 contra 0,106). Por outro lado, essa relação se inverte quando se trata de concordância canônica modificada; nesse caso, os homens assumem a dianteira (10% contra 5%), com PR associado mais distanciado ainda (0,697 contra 0,090).

Assim, a partir dos resultados de ambas as tabelas, podemos interpretar o fato de os homens usarem mais marcas de concordância que as mulheres do seguinte modo: considerando-se a variável binária que opõe ‘presença de marcação’ vs. ‘ausência de marcação’, os homens tendem a favorecer a primeira variante – o que nos leva a sugerir que a ausência de marcação de concordância com *tu* não é, atualmente, uma variante estigmatizada em Florianópolis, já que é mais frequente entre as mulheres. Em contrapartida, considerando-se a variável ternária que distingue em ‘presença de marcação’ as variantes ‘concordância canônica’ e ‘concordância canônica modificada’, os homens tendem a

favorecer a última variante. Então, embora os homens apresentem mais marca de concordância verbal de P2 que as mulheres, elas é que favorecem a marcação de concordância canônica. Esse resultado suscita a seguinte indagação: receberia a forma de concordância canônica modificada alguma valoração negativa em termos de prestígio social? Retomaremos essa questão na seção seguinte, ao discutirmos a variável ‘concordância canônica vs. concordância canônica modificada’.

A partir dos dados relativos a *sexo/gênero* do informante, e conforme Labov (2008 [1972]), observamos que as mulheres tendem a preferir formas consideradas, em geral, como de prestígio, mais próximas do padrão normativo, nesse caso, a canônica. Acreditamos, portanto, que nossa hipótese, em relação a esse grupo de fatores, tenha sido, mesmo que timidamente, constatada: a de que o sexo feminino mostra-se mais conservador, utilizando mais a forma considerada padrão – a canônica.

4.2.1.5 Cruzamento entre os grupos de fatores *avaliação do termo manezinho, idade e sexo/gênero* do informante

Considerando que a *idade* e o *sexo/gênero* do informante foram grupos de fatores estatisticamente significativos, resolvemos averiguar, através de rodadas *crosstab*, o cruzamento entre o grupo *avaliação do termo manezinho* e os grupos *idade* e *sexo/gênero*. Os resultados estão evidenciados nas Tabelas 8 e 9.

Tabela 8: Presença vs. ausência de marca de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo o cruzamento entre Avaliação do termo *manezinho* e Idade do informante

	15 a 37 anos				= ou > 45 anos			
	Com marca		Sem marca		Com marca		Sem marca	
	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.
Aval. pos.	26/133	20%	107/133	80%	51/218	23%	167/218	77%
Aval. neg.	3/41	7%	38/41	93%	16/77	21%	61/77	79%
Outros	5/159	3%	154/159	97%	11/184	6%	173/184	94%

Os resultados do cruzamento entre *avaliação do termo manezinho* e *idade* indicam que em todos os tipos de avaliação são os mais velhos que usam mais marcas de concordância, notadamente

quando a avaliação é negativa, situação em que a taxa de concordância dos mais velhos (21%) é três vezes maior que a dos mais jovens (7%). Comparando as duas variantes em foco, em ambas as faixas etárias o percentual maior de presença de marca de concordância está associado à avaliação positiva (20% e 23%).

Tabela 9: Presença vs. ausência de marca de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo o cruzamento entre Avaliação do termo *manezinho* e Sexo/gênero do informante

	FEMININO				MASCULINO			
	Com marca		Sem marca		Com marca		Sem marca	
	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.
Aval. pos.	32/235	14%	203/235	86%	45/116	39%	71/116	61%
Aval. neg.	19/108	18%	89/108	82%	0/10	0%	10/10	100%
Outros	6/95	6%	89/95	94%	10/248	4%	238/248	96%

Comparando os dados produzidos por mulheres e homens, percebemos que os informantes do sexo masculino se destacam pelo alto percentual de presença de marca de concordância associada à avaliação positiva (39%) e pela ausência categórica de marcação quando a avaliação é negativa. Por outro lado, as mulheres se destacam pelo mais alto percentual de marcação de concordância do sexo feminino associado à avaliação negativa (18%). Ainda quanto a esse fator, chama a atenção a discrepância em relação ao número de dados produzidos pelas mulheres (108 ocorrências) diante dos homens (apenas 10 ocorrências). Vale observar, no entanto, que essa diferença numérica em termos absolutos pode ter se dado em função da condução da entrevista. Como já apontado anteriormente, nem sempre os entrevistadores conduziam o inquérito na direção da obtenção desses dados avaliativos.

Os resultados desses dois cruzamentos de fatores sociais sugerem que é preciso ter cautela na interpretação da correlação direta entre o tipo de avaliação do termo *manezinho* e o uso de marca de concordância verbal com o pronome *tu*. Aquele resultado que aproxima avaliação positiva (0,66) e avaliação negativa (0,60) de presença de marca de concordância (Cf. Tabela 4) deve ser relativizado, levando-se em conta o cruzamento com a idade e o sexo do informante. É possível inferir que há influência do comportamento linguístico dos informantes mais velhos e das mulheres na aproximação verificada entre os pesos relativos, já que os mais velhos fazem mais uso de marca de concordância

independentemente do tipo de avaliação em jogo; e as mulheres fazem mais uso de marca associada à avaliação negativa.

Enfim, os resultados para os grupos de fatores sociais para a variável ‘presença de marca de concordância vs. ausência de marca de concordância’ nem sempre se mostram facilmente interpretáveis na análise da amostra Floripa. Parece evidente que existe um movimento de mudança em relação ao uso da concordância verbal com o pronome *tu*, mas não está muito claro o encaixamento desse movimento na estrutura social da comunidade florianopolitana.

4.2.2 Grupos de fatores estilístico-discursivos

Foram controlados quatro grupos de fatores estilístico-discursivos (*tipo de discurso, pessoa do discurso reportado, interlocução entre as pessoas do discurso reportado e relações (as)simétricas entre os interlocutores*). Dois foram considerados significativas pelo programa estatístico para a variável ‘presença vs. ausência de marca de concordância’, a saber: *pessoa do discurso reportado* (quarto grupo selecionado como significativo) e *relações (as)simétricas entre os interlocutores* (sexto grupo selecionado como significativo). Passamos a apresentar os resultados obtidos para esses grupos de fatores.

4.2.2.1 Pessoa do discurso reportado

Tem-se o discurso reportado quando o informante reporta a fala de outra pessoa, ou dele mesmo, ocorrida em um evento anterior à entrevista. Os exemplos, a seguir, extraídos do banco Floripa, ilustram melhor essa variável. O primeiro exemplo é de um discurso reportado no qual o informante reporta a fala de uma prima; o segundo é de um discurso não reportado no qual o informante faz uma pergunta direta ao entrevistador:

(7)... a minha prima tava dizendo: “ah, *tu já bota* esse peixe direto”... (MNSUTia)

(8) *Tu moras* em Coqueiros? (MVBUVil)

Controlamos apenas os casos de discurso reportado e, assim como Arduim (2005), classificamos os fatores em i) *discurso reportado de pessoas próximas*; ii) *discurso reportado de pessoas não próximas* e iii) *discurso reportado do próprio informante*. A expectativa para esse

grupo de fatores era a de que o *discurso de pessoas próximas*, geralmente pessoas da família e do grupo de amigos, ou de *pessoas não próximas* (que não fazem parte da família ou do grupo de amigos), assim como o *discurso do próprio informante* (casos em que o informante reproduz a sua própria fala, ocorrida em eventos anteriores à entrevista), influenciariam, de forma distinta, a concordância verbal de segunda pessoa do singular. A Tabela 10 apresenta os resultados estatísticos para esse grupo de fatores.

Tabela 10: Frequência e probabilidade de uso de marcas de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo a Pessoa do Discurso Reportado³²

Fatores	Aplicação/total	Percentual	PR
Disc. pessoa próx.	14/49	29%	0,63
Disc. pessoa não próx.	18/65	28%	0,61
Disc. do próprio inf.	2/29	7%	0,13

Os resultados expressos na tabela acima apontam que o *discurso reportado do próprio informante* desfavorece fortemente o uso da marca de concordância verbal de segunda pessoa do singular, com percentual de apenas 7% e PR de 0,13. Os resultados para *discurso de pessoas próximas* e *discurso de pessoas não próximas* foram muito parecidos, com percentuais de 29% e 28% e pesos relativos de 0,63 e 0,61, respectivamente. Isso indica que os discursos reportados de outras pessoas são contextos que propiciam a marcação de concordância verbal pelo informante, diferentemente do discurso reportado dele próprio. É interessante pensar que o resultado associado ao discurso do próprio informante pode estar revelando como ele se posiciona socioculturalmente na comunidade em termos de identidade, contrastivamente a como ele representa as outras pessoas.

Nosso controle desse grupo de fatores foi distinto do procedimento adotado por Amaral (2003) e por Loregian-Penkak (2004), já que esses pesquisadores consideraram um fator a mais – o *discurso dirigido ao entrevistador* –, além de outros fatores distintos: ‘*tu*’ genérico (AMARAL, 2003), *discurso para o interveniente* e *marcador*

³² Observe-se que na Tabela 10, o número de dados cai drasticamente em relação às demais, pois só são computadas as ocorrências de discurso reportado.

discursivo (LOREGIAN-PENKAL, 2004). Como podemos notar nos principais resultados obtidos por eles e apresentados abaixo, o fator *discurso dirigido ao entrevistador* – fator não considerado em nosso trabalho – foi o que se mostrou mais relevante em seus estudos. Não obstante essa diferença metodológica, vamos procurar fazer uma breve comparação entre alguns resultados.

Amaral (2003, p. 126) verificou, em Pelotas-RS, os seguintes resultados para esse grupo de fatores: *a interação entrevistado-intervistador* foi o que mais contribuiu para a concordância verbal de segunda pessoa do singular, com percentual de 23% e PR de 0,81; *os discurso reportado de pessoas não próximas* ficou em segundo lugar, com PR de 0,60; os outros fatores analisados por Amaral nesse grupo (*discurso reportado de pessoas próximas, discurso reportado do próprio informante e 'tu' genérico*) apresentaram pesos relativos próximos do ponto neutro (0,50). Nesses últimos fatores percebemos uma diferença em relação a nossa amostra, pois enquanto tais fatores se mostram irrelevantes em Pelotas, apresentam-se com comportamento significativamente diferenciado em Florianópolis: o discurso reportado de terceira pessoa (próxima ou não próxima) favorece a marcação de concordância, ao passo que o discurso reportado do próprio informante inibe fortemente a aplicação da regra em nossos dados.

A comparação de nossos resultados com os de Loregian-Penkal (2004) fica prejudicada, pois os resultados da autora para Florianópolis e Ribeirão da Ilha aparecem reunidos com os de outras cidades do banco Varsul. No geral, o fator *discurso para o entrevistador* favoreceu significativamente a variante ‘presença de marca de concordância’ na amostra Varsul, assim como foi constatado por Amaral (2003) em Pelotas. A autora sugere, para estudo posterior, uma análise mais detalhada do discurso reportado, observando, entre outros fatores, as relações do entrevistado com a pessoa à qual o discurso está sendo relatado.

Convém salientar que foi controlado por nós também um grupo de fatores, denominado *tipo de discurso*, que abrange *discurso reportado e discurso não reportado*. Pretendíamos verificar qual dos dois grupos seria mais significativo: se esse mais abrangente ou se aquele, mais específico, que detalha as pessoas do discurso reportado, conforme mostrado na tabela anterior. Na rodada estatística para a variável ‘presença vs. ausência de marca de concordância’, foi o grupo que especifica as pessoas do discurso reportado que se mostrou significativo. Mesmo assim, como informação complementar, trazemos os resultados frequenciais para os tipos de discurso: nas passagens de

discurso reportado (143 ocorrências) há 34% de presença de marca de concordância (PR de 0,62), ao passo que nos trechos de *discurso não reportado* (669 ocorrências) há apenas 12% de presença de marca (PR de 0,47)³³. Como vimos anteriormente, é nos discursos reportados de outras pessoas que aparecem mais as marcas de concordância verbal com o pronome *tu* na amostra Floripa.

Reconhecemos que o controle feito por nós do grupo de fatores *discurso reportado* foi relativamente frágil, uma vez que deixamos de considerar um fator que se mostrou relevante em outras pesquisas – o *discurso para o entrevistador*. Mesmo assim, julgamos ter encontrado um resultado significativo para outros fatores, conforme evidenciado na Tabela 10.

4.2.2.2 Relações (as)simétricas entre os interlocutores

As *relações (as)simétricas entre os interlocutores* foram o sexto grupo de fatores dado como significativo pelo programa estatístico para a variável ‘presença vs. ausência de marca de concordância’.

Esse grupo é controlado somente nas ocorrências de discurso reportado que propiciam o resgate do tipo de relacionamento dos indivíduos envolvidos nesse discurso – podendo ser entre pessoas da família, entre amigos, empregadores e empregados, etc. (AMARAL, 2003).

Assim, para esse grupo de fatores, não controlamos a interação entre o entrevistador e o entrevistado, controlamos apenas os casos de discurso reportado, verificando como se comportam os discursos entre pessoas de níveis hierárquicos distintos – superior para inferior ou inferior para superior, além de controlar também os discursos reportados entre pessoas do mesmo nível hierárquico – entre iguais.

Para analisar esse grupo de fatores, na roda binária (‘presença vs. ausência de marca de concordância’) amalgamamos as *relações assimétricas (inferior para superior e superior para inferior)*, pois, na rodada geral, percebemos que havia dados escassos com presença de marca de concordância nesses dois fatores e também obtivemos um nocaute – não houve dados de concordância canônica para as relação assimétricas de inferior para superior.

Nossa expectativa em relação aos fatores desse grupo foi baseada em Amaral (2002) – o autor pressupõe que marcas de concordância

³³ Os pesos relativos de fatores cujos grupos não se mostraram estatisticamente significativos foram extraídos do primeiro nível da etapa *stepdown* da rodada multivariada.

estejam associadas ao estilo formal ou a relações assimétricas. Assim, nossa expectativa era a de que os discursos assimétricos, agora amalgamados, favoreceriam a concordância de P2. A Tabela 11 mostra os resultados para esse grupo.

Tabela 11: Frequência e probabilidade de uso de marcas de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo Relações (as)simétricas entre os interlocutores

Fatores	Aplicação/total	Percentual	PR
Rel. simétricas	29/90	32%	0,62
Rel. assimétricas	5/53	9%	0,30

A leitura desses resultados deve ser bastante cautelosa, pois no fator *relações assimétricas* os cinco dados de aplicação da regra envolvem dois dados de *inferior para superior* (num total de 13 ocorrências para esse fator = 16%) e três dados de *superior para inferior* (num total de 40 ocorrências para esse fator = 7,5%). Com a ressalva da escassez de dados, podemos notar que, em termos percentuais, apesar da diferença entre os fatores amalgamados como *relações assimétricas*, a frequência de construções marcadas quanto à concordância é maior nas *relações simétricas*. Os pesos relativos acompanham a mesma direção dos percentuais. Os resultados, portanto, não atestam nossa hipótese. Antes, sugerem que as marcas de concordância, na capital catarinense, possuem características estilísticas de cunho familiar, íntimo, como já bem previa Ramos (1989) no que compete também ao uso do pronome *tu* em Florianópolis.

4.2.3 Grupo de fatores geográficos

Foram controlados quatro grupos de fatores geográficos (*diazonalidade, localismo, mobilidade e localidade*), sendo que apenas um deles – a *diazonalidade* – foi considerado significativo pelo programa estatístico para a variável ‘presença vs. ausência de marca de concordância’. Passamos a apresentar os resultados obtidos para esse grupo de fatores.

4.2.3.1 Diazonalidade

A *diazonalidade* foi o sétimo e último grupo dado como significativo pelo programa estatístico na rodada binária em foco.

Nossa expectativa inicial era a de que em zonas não urbanas (no caso, Ribeirão da Ilha e Costa da Lagoa) houvesse maior quantidade de marcas de concordância verbal de segunda pessoa do singular, ou seja, esperávamos que as formas canônicas e canônicas modificadas fossem mais observadas nessas comunidades, por serem consideradas, em estudos anteriores (LOREGIAN, 1996; LOREGIAN-PENKAL, 2004), mais conservadoras para o fenômeno em questão, devido a razões sócio-históricas. A tabela 12 mostra os resultados estatísticos obtidos para esse grupo de fatores.

Tabela 12: Frequência e probabilidade de uso de marcas de concordância verbal de P2 na amostra Floripa, segundo a Diazonalidade

Fatores	Aplicação/total	Percentual	PR
Zonas urbanas (Central e Ingleses)	45/277	16%	0,59
Zonas não urbanas (Ribeirão e Costa)	67/535	13%	0,45

A diferença tanto em termos percentuais como em pesos relativos não é muito acentuada entre os dois fatores. Embora os PR tenham se situado próximos ao ponto neutro (0,50), os números apontam que informantes das *zonas urbanas* inclinam-se a usar mais marcas de concordância verbal de segunda pessoa do singular (0,59), enquanto os informantes de *zonas não urbanas* tendem a inibir essas marcas (0,45). Assim, nossa expectativa inicial para esse grupo de fatores não foi empiricamente sustentada, uma vez que constatamos que informantes das *zonas urbanas* de Florianópolis tendem a utilizar um pouco mais as formas marcadas.³⁴

³⁴ Do ponto de vista estatístico, é importante salientar que esse grupo de fatores foi selecionado tanto como significativo (etapa *stepup*) como não significativo (etapa *stepdown*). Quando, numa rodada estatística probabilística, um determinado grupo de fatores é simultaneamente selecionado como significativo e também como não significativo, torna-se pouco confiável o resultado dos pesos relativos.

Esse resultado torna-se, em nossa opinião, mais curioso quando consideramos isoladamente as comunidades. O grupo de fatores *diazonalidade* recobre um grupo mais específico – *localidade* – cujos fatores são Central, Ingleses, Ribeirão da Ilha e Costa da Lagoa. Foi feita uma testagem desses dois grupos para averiguar qual seria mais significativo. Conforme já exposto, a *diazonalidade* é que preponderou. Como análise complementar, trazemos também os resultados frequenciais para as comunidades: na região Central encontramos 23% de marcas de concordância (40/175 ocorrências), com peso relativo de 0,64; na Costa da Lagoa, 17% de marcas (25/145 ocorrências), com peso relativo de 0,55; no Ribeirão da Ilha, 11% de marcas (42/390 ocorrências), com peso relativo de 0,48³⁵; e nos Ingleses, apenas 5% de marcas de concordância (5/102 ocorrências), com peso relativo de 0,30. Como se pode notar, os resultados mais polarizados se encontram justamente nas localidades identificadas como *zonas urbanas*: Central (23%, PR 0,64) e Ingleses (5%, PR 0,30). Já a Costa da Lagoa, localidade cujo acesso é feito basicamente por meio de barcos, mostra um percentual relativamente alto de presença de marcas de concordância (17%, PR 0,55). Tais resultados precisam ser, futuramente, mais bem investigados.

Os percentual e o peso relativo associado à localidade Ingleses talvez possam ser explicados pelo fato desta comunidade ter apresentado o menor número de informantes: dos quatro informantes que não produziram dados, três eram do bairro Ingleses, conforme podemos observar no quadro 2.

4.2.4 Resultados para verbos e MDs separadamente

Uma rodada estatística somente com os verbos (549 dados) selecionou, para a variável ‘presença de marca de concordância’ vs. ‘ausência de marca de concordância’, três grupos de fatores nesta ordem: *avaliação do termo manezinho*, *relações (as)simétricas entre os interlocutores* (discurso reportado) e *determinação do referente*. Os resultados encontram-se agrupados na tabela a seguir.

³⁵ Lembramos, a título de comparação, que Loregian-Penkal (2004) encontrou, na localidade do Ribeirão da Ilha, 60% de marcas (268/445 ocorrências), com peso relativo de 0,91.

Tabela 13: Frequência e probabilidade de uso de marcas de concordância verbal de P2 nos verbos da amostra Floripa, segundo os três grupos de fatores significativos

Fatores	Aplicação/total	Percentual	PR
Aval. positiva	49/235	21%	0,63
Aval. negativa	19/89	21%	0,60
Outros	14/225	6%	0,33
Relações simétricas	29/90	32%	0,63
Relações assimétricas	5/50	10%	0,28
Ref. Determinado	56/268	21%	0,59
Ref. Indeterminado	26/281	9%	0,41

Comparando os resultados só para verbos com aqueles para a amostra geral concernentes à variável ‘presença de marca de concordância’ vs. ‘ausência de marca de concordância’, notamos que na amostra geral foram selecionados como significativos sete grupos de fatores, a saber: *escolaridade*, *avaliação do termo manezinho*, *idade*, *pessoa do discurso reportado*, *sexo/gênero*, *relações (as)simétricas entre os interlocutores* e *diazonalidade*. Quando separamos os verbos, dois desses grupos se mantiveram (*avaliação do termo manezinho* e *relações (as)simétricas*) e um novo grupo de fatores se mostrou relevante: a *determinação do referente*. Com os verbos, o referente determinado favorece a presença de marca de concordância (0,59) e o referente indeterminado desfavorece a marcação morfológica (0,41).

A rodada somente com os marcadores discursivos (263 dados) deu muitos nocautes, com resultados categóricos para oito grupos de fatores. Como já foi visto, houve aplicação da regra, isto é, presença de marca morfológica de P2 em 30 dados (11%). Todas essas ocorrências são de referente determinado, em discurso não reportado e foram produzidas por homens, sendo 29 pelos mais velhos, 28 por informantes com escolaridade mais baixa; 28 apareceram em contexto de avaliação positiva do termo *manezinho*, 29 com pronome implícito, 25 foram produzidas na região urbana (central).

4.3 Resultados para a variável ‘concordância canônica’ vs. ‘concordância canônica modificada’ com o pronome *tu*

Na rodada para a variável binária que contempla apenas as formas verbais marcadas quanto à concordância (‘canônica’ vs. ‘canônica modificada’) –, os grupos de fatores selecionados como significativos pelo programa estatístico, por ordem de importância, foram:

- 1º Classe Gramatical;
- 2º Escolaridade;
- 3º Diazonalidade;
- 4º Determinação do Referente.

Nenhum grupo de fatores de natureza estilístico-discursiva foi selecionado como significativo para essa variável. Tivemos selecionados dois grupos de fatores linguísticos (*classe gramatical* e *determinação do referente*), um grupo social (*escolaridade*) e um geográfico (diazonalidade). Organizamos os resultados em três seções, de acordo com a natureza dos grupos de fatores selecionados. Para essa variável, que envolve apenas as ocorrências com marca de concordância, elegemos como aplicação da regra a variante ‘concordância canônica modificada’ vs. a variante ‘concordância canônica’. Nossa opção por essa variante como aplicação da regra se deve ao fato de essa forma ter se mostrado mais produtiva do que a concordância canônica na amostra analisada: tivemos 63 ocorrências (56%) de ‘concordância canônica modificada’ e 49 ocorrências (44%) de ‘concordância canônica’, totalizando 112 ocorrências de concordância verbal marcada.

Embora não tenhamos controlado o grupo de fatores *tempo verbal*, a título de ilustração levantamos a distribuição dos tempos verbais nessa rodada só com concordância: das 112 ocorrências, 82 foram de verbos e 30 foram de MDs.

Das 82 ocorrências de verbos, 45 (55%) foram produzidas no presente do indicativo, 26 (32%) no pretérito perfeito do indicativo e somente nas formas assimiladas (*ouvisse, falasse*) – caracterizando-se também como uma possível marca identitária dos florianopolitanos –, sete (8%) foram produzidas no futuro do presente do indicativo, três (4%) no pretérito imperfeito do indicativo, e houve uma ocorrência (1%) no futuro do subjuntivo.

Quanto aos MDs, dos 30 casos, 28 (93%) estão no pretérito perfeito do indicativo e somente nas formas assimiladas (a maioria dos

casos são do item *entendesse*), os outros dois casos (7%) estão no presente do indicativo. Passamos agora à discussão dos grupos de fatores selecionados pelo programa estatístico nesta rodada binária.

4.3.1 Grupos de fatores linguísticos

Foram controlados três grupos de fatores linguísticos (*classe gramatical*, *explicitação do pronome* e *determinação do referente*), tendo sido dois deles considerados significativos pelo programa estatístico para a variável binária ‘concordância canônica’ vs. ‘concordância canônica modificada’, a saber: *classe gramatical* (primeiro grupo selecionado como significativo) e *determinação do referente* (quarto e último grupo selecionado como significativo). Passamos a apresentar os resultados obtidos para esses grupos de fatores.

4.3.1.1 Classe gramatical

Os fatores considerados nesse grupo foram *verbo* e *marcador discursivo*, conforme exemplificado a seguir; o primeiro exemplo é de um verbo, o segundo é de um marcador discursivo:

(9) Eu li aquele livro: Como Viver Eternamente, eu me apaixonei por aquele livro, já li duas vezes, tu sabe qual é? (FNBRNat)

(10)... o pessoal daqui, os antigos, são muito isolados, acreditam muito numa coisa e tal, são muito assim, sabe?! (FNBRNat)

Antes de apresentarmos os resultados para esse grupo de fatores, é importante considerar que a marcação de concordância verbal se dá, estritamente, em verbos. Quando ocorre mudança linguística na direção verbo > MD, essa mudança categorial obviamente implica que a relação sintática de concordância entre sujeito e verbo deixa de acontecer. Todavia, os MDs retêm marcas morfológicas de sua origem e se confundem, muitas vezes, com a forma-fonte quando o processo de mudança ainda está em curso. Não é nosso objetivo discutir essa questão aqui³⁶. Nosso critério para distinguir os fatores *verbo* e *marcador*

³⁶ Para uma discussão aprofundada sobre essa questão, remetemos o leitor à dissertação de Mestrado de Valle (2001).

discursivo foi reconhecer quais formas objetivavam apenas interagir com o entrevistador ou estabelecer elos coesivos entre partes do texto – classificando-as como marcadores discursivos e diferenciando-as, assim, dos verbos, que mostram claramente uma relação sintática no nível oracional. Feita essa ressalva, esclarecemos que vamos considerar como ‘concordância canônica/canônica modificada’ a presença do segmento –s ou –ste/–sse nas formas de base verbal, seja nos verbos propriamente ditos, seja nos MDs, apesar das restrições em relação aos termos.

Nossa expectativa inicial em relação à classe gramatical, nessa rodada, era a de que os marcadores discursivos (MDs) favoreceriam a marca morfológica modificada. A Tabela 14 exhibe os resultados estatísticos para esse grupo de fatores.

Tabela 14: Frequência e probabilidade de uso de concordância canônica modificada vs. concordância canônica de P2 na amostra Floripa, segundo a Classe gramatical

Fatores	Aplicação/total	Percentual	PR
Verbo	35/82	43%	0,29
MD	28/30	93%	0,92

Os resultados expressos na tabela acima corroboram fortemente nossa hipótese, tendo em vista que os marcadores discursivos favoreceram, quase categoricamente, a forma morfológica de concordância canônica modificada, quando comparados aos verbos, com percentual de 93% e PR de 0,92. A alta frequência desse tipo de construção presente no banco Floripa, conforme ilustrado abaixo, possivelmente configura uma marca identitária do falar do ilhéu.

(11) ...eu tô muito malandro, não quero pescar mais. Já pensasse? (MVBUVil)

(12) ... tem que fazer o que gosta, entendesse?... (MVBREdi)

Mesmo com percentual baixo, alguns marcadores discursivos apresentaram-se com marca morfológica na forma canônica, como nos exemplos a seguir:

(13) Dizer que eu gosto é complicado, sabes?
(MVSRMan)

(14) Eu tive um tio que faleceu inclusive, acidente de trânsito, na verdade não se soube bem a história assim, porque parece que houve briga dentro do carro, e o carro capotou enfim, e daí tu sabes...
(MNSUTia)

No exemplo (14), *tu sabes* apresenta um comportamento híbrido, aparentemente com mais traços de verbo do que de marcador.

Para elucidar melhor a diferença entre verbos e marcadores discursivos, mostramos, a seguir, exemplos de algumas ocorrências de verbos, expressos na forma canônica modificada:

(15) ... naquela época pra sair da Lagoa era bem difícil, mudou tudo, entendeu? Por que se tu estuda agora, eu já disse: oh, Michael, tudo que tu sabe, tivesse curso de computação, tem computador em casa, internet direto...
(MVBREdi)

(16) O Bitá, o delegado da Lagoa, não ouvisse falá no Bitá? (MNBRFel)

Comparando-se os dados (15) e (16) de um lado, com (13) e (14) de outro, percebe-se que no primeiro par *tivesse* e *ouvisse* estão inseridos em contextos sintáticos inequívocos quanto ao estatuto gramatical dos termos envolvidos (tu tiveste>tivesse curso; tu não ouviste>ouvisse) – trata-se de verbos. No segundo par, *sabes* é um MD típico em (13), aparecendo como item independente em posição final no enunciado e sem relação sintática com eventual sujeito, porém *tu sabes* em (14) tem um estatuto gramatical ambíguo, como já apontado, retendo ainda traços de verbo.

Valle (2001), ao estudar o funcionamento dos MDs *sabe?* e *entende?* na amostra Varsul/ Florianópolis já apontava para a recorrência desses usos com assimilação, interpretando-os como marcas de identidade do ilhéu.

O resultado para esse grupo de fatores suscita novamente uma discussão acerca do valor social atrelado à variável concordância verbal de P2 (com *tu*). Como já vimos na seção que trata da variável ‘presença de marca vs. ausência de marca de concordância’, ao discutirmos a

atuação da variável *sexo*, são as mulheres que favorecem a concordância canônica, o que nos levou ao questionamento, aqui retomado: receberia a forma de concordância canônica modificada alguma valoração negativa em termos de prestígio social? Adiante, ao apresentarmos os resultados para os grupos de fatores sociais, retomamos essa questão, fazendo alguns cruzamentos.

4.3.1.2 Determinação do referente

Nossa expectativa inicial em relação a esse grupo de fatores, nessa rodada, era de que houvesse mais concordância canônica com *tu* de referência determinada e menos concordância canônica quando o referente for indeterminado, conforme ilustram os dados; o primeiro exemplo é de um referente determinado, o segundo é de um referente indeterminado:

(17) ... As pessoas que trabalham comigo lá nos correios daqui são poucos, tu dizes daqui de Florianópolis, da illha, manezinho mesmo? (MVSMan)

(18) ... naquela época, tu tinha muito assim a questão do civismo, do patriotismo né, hoje tu não encontra mais isso no colégio... (MVSMan)

A Tabela 15 evidencia os resultados estatísticos obtidos para esse grupo de fatores.

Tabela 15: Frequência e probabilidade de uso de concordância canônica modificada vs. concordância canônica de P2 na amostra Floripa, segundo a Determinação do Referente

Fatores	Aplicação/total	Percentual	PR
Ref. Det.	56/86	65%	0,57
Ref. Ind.	7/26	27%	0,28

Em relação à (in)determinação do referente, observa-se que a frequência de *tu* indeterminado é bem menor (26 ocorrências = 23%) em comparação com o *tu* determinado, (86 ocorrências = 77%). Na verdade, esperávamos que esse grupo de fatores tivesse sido significativo também

para a variável ‘presença de marca de concordância’ vs. ‘ausência de marca de concordância’, já discutida na seção anterior. No entanto, esse grupo não se mostrou relevante para aquela variável, embora os percentuais tenham corroborado nossa hipótese: 16% de *tu* determinado com alguma marca de concordância e 9% de *tu* indeterminado com alguma marca de concordância.

Considerando-se agora somente os dados que apresentam alguma marca de concordância, constatamos que o *tu* determinado é que favorece a ‘concordância canônica modificada’ (0,57) enquanto o *tu* indeterminado inibe essa variante, constituindo-se, portanto, no contexto favorecedor de ‘concordância canônica’ (0,72). Esses resultados não sustentam nossa hipótese para esse grupo de fatores, uma vez que esperávamos uma correlação maior entre *tu* determinado e concordância canônica; e entre *tu* indeterminado e concordância canônica modificada.

4.3.2 Grupos de fatores sociais

A exemplo do que foi feito em relação à variável ‘presença de marca de concordância’ vs. ‘ausência de marca de concordância’ (Cf. Seção 4.2), foram controlados, para a variável ‘concordância canônica’ vs. ‘concordância canônica modificada’ quatro grupos de fatores sociais (*escolaridade, sexo, idade e avaliação do termo manezinho*). Somente a *escolaridade* foi considerada significativa pelo programa estatístico para a variável binária em foco. Passamos a apresentar os resultados obtidos para esse grupo de fatores.

4.3.2.1 Escolaridade

A escolaridade, como já apontado anteriormente, foi o segundo grupo dado como significativo pelo programa estatístico na rodada binária (só com concordância). Nossa expectativa para esse grupo de fatores, nessa rodada, era de que informantes com curso Superior fizessem maior uso de concordância canônica e informantes com até o Ensino Médio fizessem maior uso de marcas de concordância canônica modificada. A Tabela 16 expõe os resultados estatísticos para esse grupo.

Tabela 16: Frequência e probabilidade de uso de concordância canônica modificada vs. concordância canônica de P2 na amostra Floripa, segundo a Escolaridade

Fatores	Aplicação/total	Percentual	PR
Até o Ens. Médio	57/82	70%	0,62
Curso Superior	6/30	20%	0,22

Os resultados expressos na tabela acima confirmam nossa hipótese em relação à *escolaridade* nessa rodada, tendo em vista que informantes que cursaram até o Ensino Médio fizeram maior uso de concordância canônica modificada – com percentual de 70% e PR de 0,62 – em relação aos que estavam cursando ou já haviam cursado o Curso Superior. Os informantes com curso Superior, por sua vez, privilegiaram o uso da concordância canônica, com percentual de 80% e PR de 0,78. Nesse sentido, podemos inferir que os anos de escolaridade influenciam no uso da concordância canônica, considerada padrão pelos bancos escolares.

4.3.2.2 Cruzamento entre grupos de fatores sociais e *classe gramatical*

Procurando refinar nossa análise em busca de esclarecimentos sobre a atuação das variáveis sociais, procedemos a quatro cruzamentos (rodada *crosstab*), correlacionando *classe gramatical* com *escolaridade*, *sexo/gênero* e *idade* do informante, e ainda com *avaliação do termo manezinho*. Os resultados são apresentados, respectivamente, nas Tabelas 17, 18, 19 e 20.

Tabela 17: Uso de concordância canônica modificada vs. concordância canônica de P2 na amostra Floripa, segundo o cruzamento entre Escolaridade do informante e Classe gramatical

	VERBO				MD			
	Conc. Modificada		Canônica		Modificada		Canônica	
	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.
Ed. Bás.	29/54	54%	25/54	46%	28/28	100%	0/28	0%
Ed. Sup.	6/28	21%	22/28	79%	0/2	0%	2/2	100%

Verificamos que os informantes com nível superior privilegiam a concordância canônica com verbos (79%) e só usaram dois marcadores, ambos com concordância canônica. Dos 30 dados produzidos pelos informantes com nível superior, a grande maioria (24 ocorrências) apresenta concordância canônica. Os informantes com menos escolaridade, por sua vez, praticamente não fazem distinção quanto à forma da concordância nos verbos, mas usam os marcadores categoricamente na forma verbal modificada. Veja-se que dos 30 dados de MDs da amostra, 28 foram produzidos pelos menos escolarizados, categoricamente com concordância modificada.

Tabela 18: Uso de concordância canônica modificada vs. concordância canônica de P2 na amostra Floripa, segundo o cruzamento entre Sexo/gênero do informante e Classe gramatical

	VERBO				MD			
	Conc. Modificada		Canônica		Modificada		Canônica	
	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.
Fem.	24/57	42%	33/57	58%	0/0	100%	0/0	0%
Masc.	11/25	44%	14/25	56%	28/30	93%	2/30	7%

O que se evidencia na Tabela 18 é o uso quase categórico de MDs com marcas de concordância modificada feita pelos homens; nenhuma mulher produziu marcador discursivo associado a P2. Em relação aos verbos, tanto as mulheres como os homens priorizam a forma de concordância canônica.

Tabela 19: Uso de concordância canônica modificada vs. concordância canônica de P2 na amostra Floripa, segundo o cruzamento entre Idade do informante e Classe gramatical

	VERBO				MD			
	Modificada		Canônica		Modificada		Canônica	
	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.
15 a 37	18/33	55%	15/33	45%	0/1	0%	1/1	100%
= ou > 45	17/49	35%	32/49	65%	28/29	97%	1/29	3%

A faixa etária dos informantes é bastante significativa em relação à classe envolvida: os mais jovens praticamente não usaram MDs associados a P2 e privilegiam, nos verbos, a forma de concordância canônica modificada (55%); já os mais velhos fazem uso quase categórico de MDs com morfologia modificada (97%) e privilegiam, nos verbos, a marcação canônica (65%).

Tabela 20: Uso de concordância canônica modificada vs. concordância canônica de P2 na amostra Floripa, segundo o cruzamento entre Avaliação do termo *manezinho* e Classe gramatical

	VERBO				MD			
	Modificada		Canônica		Modificada		Canônica	
	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.	Apl./total	Perc.
Aval. pos.	21/49	43%	28/49	57%	28/28	0%	0/28	0%
Aval. neg.	10/19	53%	9/19	47%	0/0	0%	0/0	0%
Outros	4/14	29%	10/14	71%	0/2	0%	2/2	100%

O dado mais relevante da Tabela 20 diz respeito aos MDs: não há marcador discursivo associado à avaliação negativa da representação do *manezinho* e todos os marcadores que aparecem em contextos de avaliação positiva apresentam morfologia verbal modificada. Em relação aos verbos, a concordância canônica está mais associada à

avaliação positiva (57%), enquanto a concordância modificada está mais atrelada à avaliação negativa (53%).

Os últimos quatro cruzamentos, os quais correlacionam *escolaridade, sexo, idade e avaliação do termo manezinho* com *classe gramatical*, nos sugerem:

i) **em relação aos marcadores discursivos** – presentes majoritariamente e/ou quase categoricamente nas formas canônicas modificadas, estão preferencialmente associados à fala dos menos escolarizados, do sexo masculino, com idade igual ou superior a 45 anos; e seu uso parece não estar atrelado a avaliações negativas;

ii) **em relação aos verbos** – os mais escolarizados preferem as formas canônicas às canônicas modificadas (79%), homens e mulheres priorizam as formas canônicas, assim como os mais velhos da amostra, já os mais jovens privilegiam as formas canônicas modificadas; as formas canônicas estão mais associadas à avaliação positiva e a canônica modificada está mais associada à avaliação negativa.

4.3.3 Grupos de fatores geográficos

Também na análise dessa variável, que envolve apenas os dados com marcas de concordância, foram controlados quatro grupos de fatores geográficos (*diazonalidade, localismo, mobilidade e localidade*). Novamente, a exemplo do que ocorreu com a variável ‘presença de marca de concordância’ vs. ‘ausência de marca de concordância’, somente a diazonalidade foi considerada significativa pelo programa estatístico na rodada binária que opõe ‘concordância canônica modificada’ vs. ‘concordância canônica’. Passamos a apresentar os resultados obtidos para esse grupo de fatores.

4.3.3.1 Diazonalidade

A *diazonalidade* foi o terceiro grupo dado como significativo pelo programa estatístico na rodada binária (só com concordância). Nossa expectativa inicial era de que em zonas não urbanas (no caso, Ribeirão da Ilha e Costa da Lagoa) houvesse maior concordância canônica do que nas zonas urbanas, por serem localidades consideradas, em estudos anteriores (LOREGIAN, 1996; LOREGIAN-PENKAL, 2004), mais conservadoras no que se refere às mudanças linguísticas, o que nos fez acreditar que as formas canônicas estariam prevalecendo em relação às canônicas modificadas. A Tabela 21 mostra os resultados estatísticos para esse grupo de fatores.

Tabela 21: Frequência e probabilidade de uso de concordância canônica modificada vs. concordância canônica de P2 na amostra Floripa, segundo a Diazonalidade

Fatores	Aplicação/total	Percentual	PR
Zonas urbanas (Central e Ingleses)	27/45	60%	0,27
Zonas não urbanas (Costa e Ribeirão)	36/67	54%	0,66

Embora o percentual de concordância canônica modificada seja maior nas zonas urbanas (60%), seu peso relativo inibe essa ocorrência (0,27). Os resultados apontaram que, mesmo com percentual um pouco menor (54%), as zonas não urbanas tendem mais a concretizar a concordância canônica modificada, com peso relativo de 0,66. Como podemos observar na tabela, os pesos relativos não seguem a mesma direção dos percentuais para o grupo de fatores *diazonalidade*. Um exame detalhado da rodada estatística mostra que, no nível 1 da etapa *stepup*, quando os pesos são calculados isoladamente para cada grupo, o fator *zonas urbanas* apresenta um PR associado de 0,54 e o fator *zonas não urbanas* um PR de 0,47 – resultado mais aproximado ao percentual. A inversão na direção dos pesos se dá quando esse grupo de fatores passa a interagir com os demais grupos significativos nessa rodada concernente à variável ‘concordância canônica modificada’ vs. ‘concordância canônica’: classe gramatical, escolaridade e determinação do referente.

A exemplo da análise referente a esse grupo de fatores feita para a variável discutida na seção anterior, também para a variável em foco nesta seção foi testado adicionalmente o grupo de fatores *localidade*. Novamente a *diazonalidade* se mostrou mais relevante que a *localidade*. Vejamos, complementarmente, os resultados obtidos por localidade: na região Central encontramos 65% de concordância canônica modificada (26/40 ocorrências), com peso relativo de 0,41; na Costa da Lagoa, 56% de marca de concordância modificada (14/25 ocorrências), com peso relativo de 0,13; no Ribeirão da Ilha, 52% de marca modificada (22/42 ocorrências), com peso relativo de 0,77; e nos Ingleses, apenas 20% de marca modificada de concordância (1/5 ocorrências), com peso relativo

de 0,93. Novamente, os resultados mais polarizados em termos frequenciais correspondem às localidades identificadas como *zonas urbanas*: Central (65%) e Ingleses (20%). O peso relativo dispar associado a Ingleses provavelmente se deve à escassez de dados nesse fator. Ainda, possivelmente devido à interferência da escassez de dados de P2 na fala dos informantes dos Ingleses é que o fator *zonas urbanas* do grupo *diazonalidade* teve um peso relativo associado bastante baixo (0,27).

4.3.4 Resultados para verbos e MDs separadamente

Para a variável que recobre ‘concordância canônica modificada’ vs. ‘concordância canônica’, a rodada para os verbos (82 ocorrências) selecionou três grupos de fatores significativos, nesta ordem de relevância: *diazonalidade*, *determinação do referente* e *escolaridade*. A taxa de aplicação da regra, ou seja, de presença de marcas de concordância canônica modificada, foi de 43% vs. 57% de concordância canônica. Os resultados encontram-se agrupados da tabela a seguir.

Tabela 22: Frequência e probabilidade de uso de marcas de concordância canônica modificada nos verbos da amostra Floripa, segundo os três grupos de fatores significativos

Fatores	Aplicação/total	Percentual	PR
Zona não urbana	49/235	52%	0,62
Zona urbana	3/20	15%	0,17
Ref. Determinado	28/56	50%	0,60
Ref. Indeterminado	7/26	27%	0,29
Ed. Básica	29/54	54%	0,60
Ens. Superior	6/28	21%	0,32

Comparando esses resultados com aqueles referentes à amostra geral, verificamos que os grupos de fatores significativos se mantêm os mesmos, só invertendo a ordem. Atente-se para o fato de que naquela rodada da amostra geral a *classe gramatical* foi o primeiro grupo selecionado. Obviamente este grupo não foi considerado na rodada somente com os verbos. São os informantes da zona não urbana e com

escolaridade mais baixa que favorecem a concordância canônica modificada nos verbos.

Já a rodada apenas com os MDs (30 ocorrências) apresentou 93% de aplicação da regra, isto é, de presença de morfologia modificada *vs.* 7% de marcas canônicas, correspondentes a apenas dois dados, um deles com pronome explícito e outro isolado – dados (13) e (14).

4.4 Considerações sobre grupos de fatores não significativos

Nesta última seção de análise, abordamos resultados para alguns grupos de fatores não selecionados como significativos em nenhuma das duas rodadas binárias com a amostra geral, mas que julgamos pertinente considerar: *explicitação do pronome*, *localismo* e *mobilidade*. Os pesos relativos comentados a seguir foram extraídos do primeiro nível da etapa *stepdown* da rodada estatística.

Em relação à *explicitação do pronome*, esperávamos, tendo como base estudos anteriores, principalmente os de Loregian (1996) e de Loregian-Penkal (2004), que a ausência do pronome *tu*, ou seja, a sua omissão, levaria a uma maior marcação de concordância, pela necessidade de assinalar a referência de P2. Os resultados percentuais, embora baixos, atestam nossa hipótese, bem como a inclinação dos pesos relativos, embora próximos ao ponto neutro: 16% de presença de marcas de concordância com o pronome *tu* omitido (0,53) contra 11% de presença de marcas com o pronome explícito (0,46). Já em relação à variável que contempla somente os dados com concordância, a omissão do pronome favorece a ‘concordância canônica modificada’ em 68% das ocorrências (0,57), enquanto a presença do pronome favorece a ‘concordância canônica’ em 67% das ocorrências (0,64).

Os demais grupos de fatores que gostaríamos de comentar brevemente são de natureza social e geográfica: *localismo* e *mobilidade*. Acreditávamos, para o *localismo*, assim como Monguilhott (2009), que a identificação dos informantes com o local onde vivem favoreceria o uso de formas linguísticas consideradas identitárias da região – as formas marcadas, com concordância verbal de P2; e os informantes que não se identificassem com o local onde vivem fariam maior uso de formas consideradas estrangeiras/invasoras, ou seja, as formas sem marca de concordância. Para a variável ‘presença *vs.* ausência de marca de concordância’, os resultados percentuais e probabilísticos favorecem levemente a correlação entre o fator *bem integrado* e a marcação de concordância (15%, com peso relativo de 0,52), em relação ao fator *pouco integrado* e aplicação da regra (9%, com peso relativo de 0,42).

Para a variável ‘concordância canônica modificada vs. concordância canônica’, os resultados percentuais mostram uma correlação mais acentuada entre o fator *bem integrado* e a variante ‘concordância canônica modificada’ (58%), e entre o fator *pouco integrado* e a variante ‘concordância canônica’ (56%). Os respectivos pesos relativos, no entanto, não seguem essa mesma direção. Podemos concluir, em relação ao *localismo*, com base na frequência de uso, que os informantes mais integrados e identificados com sua localidade fazem mais uso de marcas de concordância verbal de P2, especialmente da forma canônica modificada, do que os informantes menos integrados e identificados com sua comunidade, que privilegiam, no caso de haver concordância, a forma canônica.

Em relação à *mobilidade*, assim como Monguilhott (2009), tínhamos a expectativa de que os informantes com maior mobilidade utilizariam formas não marcadas – as sem concordância, devido a uma suposta neutralidade dessas formas; e que informantes com menor mobilidade fariam maior uso de formas valorizadas localmente – as formas com concordância canônica ou canônica modificada. Os resultados percentuais corroboram nossa expectativa já que os informantes com *pouca mobilidade* são os que mais fazem uso de marcas de concordância de P2 (25%) e os com *muita mobilidade* são os que menos usam marcas de concordância (6%), enquanto aqueles com *média mobilidade* também fazem pouco uso de marcas (8%). Quanto à variável ‘concordância canônica modificada vs. concordância canônica’, os fatores também se distribuem de forma relativamente polarizada: o fator *pouca mobilidade* está associado a 67% de ocorrências de ‘concordância canônica modificada’ (vs. 33% de ‘concordância canônica’); o fator *muita mobilidade*, por sua vez, está fortemente correlacionado ao uso da ‘concordância canônica’, em 91% de ocorrências (vs. 9% de ‘concordância canônica modificada’); e o fator *média mobilidade* situa-se no entremeio, associado a 54% de ocorrências de ‘concordância canônica’ (vs. 46% de ‘concordância canônica modificada’). Os pesos relativos, no entanto, não seguem a mesma direção dos percentuais em ambas as variáveis. Podemos concluir, em relação à *mobilidade*, com base na frequência de uso, que quanto menor a mobilidade dos informantes, maior será o uso de formas de ‘concordância modificada’; e quanto maior a mobilidade do informante, menor o uso de ‘concordância modificada’ e maior o uso de ‘concordância canônica’.

Os grupos de fatores *localismo* e *mobilidade*, embora não tenham sido selecionados como significativos pelo pacote estatístico de análise

multivariada, mostram resultados frequenciais que dão sustentação a nossas hipóteses. Pode-se dizer que os informantes bem integrados à comunidade e com pouca mobilidade são os que fazem mais uso de concordância verbal de P2, com predomínio da variante ‘concordância canônica modificada’ sobre a variante ‘concordância canônica’.

4.5 Considerações finais do capítulo

Neste capítulo, apresentamos e discutimos resultados gerais bem como de duas rodadas binárias relativas à concordância verbal de segunda pessoa do singular da amostra Floripa. Como análise geral dos resultados, reiteramos que:

(i) nosso estudo corrobora os resultados encontrados para a amostra Varsul da década de 1990, ao evidenciar que cerca de duas décadas depois, na amostra Floripa, encontramos a mesma frequência de uso dos pronomes *tu* (cerca de 85%) e *você* (cerca de 15%). Contrastivamente, porém, o número de informantes que usam categoricamente o *tu* se mostrou bem maior atualmente (76%) em relação à cerca de 20 anos atrás (57%);

(ii) embora o uso do pronome *tu vs. você* se mantenha, na cidade de Florianópolis (considerando todas as localidades), no mesmo patamar de frequência dos últimos 20 anos, a taxa de concordância verbal marcada cai significativamente para 14%; Loremi-Penkál (2004) encontrou nos dados do banco Varsul, no início da década de 90, século passado, índices de 60% para o Ribeirão da Ilha e 43% para Florianópolis.

Como resultados da rodada binária para a variável ‘com concordância vs. sem concordância’, destacamos que:

i) informantes que cursaram até o Ensino Médio fizeram maior uso de marcas de concordância verbal de segunda pessoa do singular (seja ela na forma canônica ou canônica modificada), em relação aos que estavam cursando ou já haviam concluído o Curso Superior;

ii) as avaliações positivas (vale dizer, os informantes que avaliam positivamente o termo) favorecem a marcação de concordância verbal de segunda pessoa do singular, com percentual de 22% e PR de 0,66; em contrapartida, as avaliações negativas obtiveram índices de concordância verbal de segunda pessoa elevados, quando comparados aos das avaliações positivas; os índices de avaliações negativas foram de 16% e PR de 0,60, um pouco abaixo das avaliações positivas. As

entrevistas em que não se pôde perceber a avaliação do termo *manezinho*, as quais consideramos como 'outros', foram as que desfavoreceram a concordância estudada, com percentual de 5% e PR de 0,30;

iii) informantes com idade igual ou superior a 45 anos fizeram maior uso de concordância verbal de segunda pessoa do singular, quando comparados aos mais novos (15 a 37 anos);

iv) os homens tendem a favorecer a concordância de segunda pessoa do singular (quando somadas as concordâncias canônicas com as canônicas modificadas);

v) os resultados do cruzamento entre *avaliação do termo manezinho* e *idade* indicam que em todos os tipos de avaliação são os mais velhos que usam mais marcas de concordância, notadamente quando a avaliação é negativa, situação em que a taxa de concordância dos mais velhos (21%) é três vezes maior que a dos mais jovens (7%);

vi) os resultados do cruzamento entre *avaliação do termo manezinho* e *sexo do informante* mostram que os informantes do sexo masculino se destacam pelo alto percentual de presença de marca de concordância associada à avaliação positiva (39%) e pela ausência categórica de marcação quando a avaliação é negativa. Por outro lado, as mulheres se destacam pelo mais alto percentual de marcação de concordância do sexo feminino associado à avaliação negativa (18%);

vii) o *discurso reportado do próprio informante* desfavorece fortemente o uso da marca de concordância verbal de segunda pessoa do singular, com percentual de apenas 7% e PR de 0,13;

viii) a frequência de construções marcadas quanto à concordância é maior nas *relações simétricas*, sugerindo-nos que as marcas de concordância, na capital catarinense, possuem características estilísticas de cunho familiar, íntimo, como previa Ramos (1989) no que compete também ao uso do pronome *tu* em Florianópolis;

ix) embora os PRs tenham se situado próximos ao ponto neutro (0,50), os números apontam que informantes das *zonas urbanas* inclinam-se a usar mais marcas de concordância verbal de segunda pessoa do singular (0,59), enquanto os informantes de *zonas não urbanas* tendem a inibir essas marcas (0,45).

Como resultados da rodada binária só com concordância (canônica vs. canônica modificada), destacamos que:

i) os homens tendem a favorecer mais a concordância canônica modificada e as mulheres tendem a favorecer mais a marcação de concordância canônica;

ii) os marcadores discursivos favoreceram, quase categoricamente, a forma de concordância canônica modificada, quando comparados aos verbos, com percentual de 93% e PR de 0,92;

iii) o *tu* determinado é que favorece a ‘concordância canônica modificada’ (0,57) enquanto o *tu* indeterminado inibe essa variante, constituindo-se, portanto, no contexto favorecedor de ‘concordância canônica’ (0,72);

iv) informantes que cursaram até o Ensino Médio fizeram maior uso de concordância canônica modificada – com percentual de 70% e PR de 0,62 – em relação aos que estavam cursando ou já haviam cursado o Curso Superior. Os informantes com Curso Superior, por sua vez, privilegiaram o uso da concordância canônica, com percentual de 80% e PR de 0,78;

v) os informantes com nível superior privilegiam a concordância canônica com verbos (79%) e só usaram dois marcadores, ambos com concordância canônica;

vi) informantes com menos escolaridade, por sua vez, praticamente não fazem distinção quanto à forma da concordância nos verbos, mas usam os marcadores categoricamente na forma verbal modificada;

vii) evidencia-se o uso quase categórico de MDs com marca de concordância modificada pelos homens; nenhuma mulher produziu marcador discursivo associado a P2. Em relação aos verbos, tanto as mulheres como os homens priorizam a forma de concordância canônica;

viii) a faixa etária dos informantes é bastante significativa em relação à classe gramatical envolvida: os mais jovens praticamente não usaram MDs associados a marcas morfológicas de P2 e privilegiam, nos verbos, a forma de concordância canônica modificada (55%); já os mais velhos fazem uso quase categórico de MDs com morfologia modificada (97%) e privilegiam, nos verbos, a marcação canônica (65%);

ix) não há marcador discursivo associado à avaliação negativa da representação do *manezinho* e todos os marcadores que aparecem em contextos de avaliação positiva apresentam morfologia verbal modificada;

x) em relação aos verbos, a concordância canônica está mais associada à avaliação positiva (57%), enquanto a concordância modificada está mais atrelada à avaliação negativa (53%).

CONCLUSÃO

Fechando o trabalho (mas sem colocar um ponto final na pesquisa), fazemos um breve balanço acerca do que foi desenvolvido nesta dissertação, salientando os principais resultados, apontando algumas limitações e propondo desdobramentos. A análise realizada fornece algumas evidências acerca do uso dos pronomes *tu* e *você* na função de sujeito e da concordância verbal de segunda pessoa do singular com o pronome *tu* (*foste/fosse/foi; vais/vás/vai*) na cidade de Florianópolis (amostra Floripa), baseadas nos resultados percentuais e pesos relativos apontados pelo Programa VARBRUL. Oito questões nortearam esta pesquisa, as quais serão retomadas aqui para avaliarmos em que medida foram respondidas e em que medida os resultados encontrados corroboram as respectivas hipóteses.

Em relação à primeira questão – *Qual é a frequência de uso dos pronomes tu e você, como referência de P2, na função de sujeito?* – nossa expectativa era de que o uso de *tu* suplantaria, significativamente, o uso de *você* em referência a P2, na função de sujeito. Os resultados atestam a hipótese, evidenciando que i) o *tu* suplanta significativamente (85%) o *você* (15%) na amostra analisada; ii) a grande maioria dos informantes (76%) faz uso exclusivo de *tu* e somente um informante utiliza apenas o *você*.

Intimamente relacionada à primeira, queríamos responder também à questão: *Há diferenças, em termos de frequência, entre o os pronomes de segunda pessoa do singular – tu e você – em relação a amostras de fala florianopolitana mais antigas?* Tínhamos por hipótese que o uso de *você* estaria mais expandido em relação há quase duas décadas atrás, especialmente na zona urbana. Nossa expectativa não foi corroborada, pois a taxa de 84% de *tu* encontrada na amostra Varsul na década de 1990 não só se manteve como subiu para 85% na amostra Floripa. No entanto, em relação aos informantes o número dos entrevistados que fazem uso categórico de *tu* aumentou sensivelmente nos últimos 20 anos de 57% para 76%. Vemos, portanto, que, embora um número maior de informantes esteja usando somente o *tu*, a frequência de utilização das duas formas pronominais concorrentes se manteve a mesma. Outro dado importante a se ressaltar é que todos os informantes da zona não urbana usaram, em algum momento da entrevista, o pronome *tu* (100%). Na zona urbana, dos 13 informantes que apresentaram dados, 12 utilizaram (92%), em algum momento da entrevista, o pronome *tu*; e, como já vimos, apenas um informante fez uso exclusivo do pronome *você* (8%). Embora com percentual um pouco

maior, as zonas não urbanas mostraram-se mais inclinadas ao uso do *tu*.

A terceira questão que norteou nosso estudo foi: *A concordância verbal com o pronome tu é, atualmente, uma regra variável produtiva em Florianópolis?* Nossa expectativa era de que a regra seria bastante produtiva e que houvesse mais marcas morfológicas de P2 (*viste/visse/vês*) do que ausência de marcas (*viu/vê*). Contrariando fortemente nossa hipótese, os resultados apontaram que a produtividade da regra variável é relativamente baixa – 14% de presença de marcas de concordância (entre verbos e MDs). Comparando com o comportamento da regra variável na amostra Varsul do início da década de 1990, notamos que houve uma queda considerável na aplicação da regra de concordância: de 50% (Florianópolis + Ribeirão da Ilha) para 14% (várias localidades de Florianópolis). Ao separarmos os verbos na amostra Floripa, obtivemos um percentual levemente maior – 15% das ocorrências com marcas explícitas de concordância de P2 (canônicas e canônicas modificadas); ao observarmos também, isoladamente, os MDs, obtivemos um percentual de 12% de marcas (canônicas e canônicas modificadas). Constatamos, assim, que, embora o uso do pronome *tu* se mantenha, na cidade de Florianópolis, no mesmo patamar de frequência nos últimos 20 anos, a taxa de concordância verbal marcada cai significativamente.

As demais questões da pesquisa diziam respeito, basicamente, aos condicionadores da aplicação da regra. Os resultados obtidos corroboram algumas das hipóteses que nortearam este estudo. Com base nos dados da amostra Floripa, podemos dizer que a variação na concordância de P2 é motivada por fatores linguísticos, estilístico-discursivos, sociais e geográficos.

A quarta questão formulada foi a seguinte: *A concordância verbal com o pronome tu é sensível a quais condicionadores linguísticos?* Nossa expectativa era de que estariam atuando, na amostra Floripa, os mesmos condicionadores linguísticos que se mostraram relevantes em outros estudos a respeito do fenômeno aqui investigado. Foram controladas variáveis independentes relacionadas à (não) explicitação do pronome, (in)determinação do referente e classe gramatical. Quanto à ‘presença vs. ausência de marcas de concordância’, nossa expectativa era de que marcas de concordância estariam mais associadas à não explicitação de *tu*, à referência determinada e a verbos. Quanto à ‘concordância canônica vs. canônica modificada’, esperávamos que as últimas fossem mais frequentes em marcadores discursivos do que em verbos. Nossas hipóteses foram apenas parcialmente corroboradas: para a variável ‘presença vs. ausência de marcas de concordância’ (com todos

os dados – verbos e MDs), nenhum grupo de fatores linguísticos foi selecionado como significativo; já para a variável ‘concordância canônica vs. canônica modificada’ (também com todos os dados – verbos e MDs), a *determinação do referente* e os *marcadores discursivos* são os fatores que mais fortemente favorecem a morfologia assimilada. Quanto à *explicitação do pronome*, os resultados percentuais mostram uma frequência maior para as seguintes correlações nas duas variáveis analisadas: pronome omitido → presença de marcas; pronome apagado → concordância canônica modificada. Na rodada só com verbos, a indeterminação do referente mostrou-se significativa: o referente determinado favorece a presença de marcas de concordância (nas formas canônicas modificadas) e o referente indeterminado desfavorece a marcação morfológica.

A quinta questão norteadora da pesquisa foi: *A concordância verbal com o pronome tu é sensível a quais condicionadores estilístico-discursivos?* Foram controlados grupos de fatores concernentes a tipo de discurso, pessoa do discurso reportado e relações (as)simétricas entre os interlocutores. Não tínhamos hipóteses claramente definidas acerca desses fatores, mas acreditávamos que estariam atuando, de alguma forma, sobre o fenômeno variável em estudo, especialmente os fatores relacionados ao grau de envolvimento entre os interlocutores do discurso reportado. Para a variável ‘presença vs. ausência de marcas de concordância’, dois grupos de fatores se mostraram significativos (na rodada contendo todos os dados – verbos e MDs): enquanto o *discurso reportado do próprio informante* inibe fortemente a presença de marcas de concordância e o *discurso reportado de terceiros* favorece as marcas, as *relações simétricas* (significativa na rodada com todos os dados – verbos e MDs, e também na rodada separada somente com os verbos) mostraram-se o contexto mais propício à presença de marcas, sugerindo-nos que as marcas de concordância, na capital catarinense, retêm características estilísticas de cunho familiar, íntimo, como previa Ramos (1989) no que compete também ao uso do pronome *tu* em Florianópolis. Já para a variável ‘concordância canônica vs. canônica modificada’, nenhum grupo de fatores estilístico-discursivos se mostrou significativo.

A sexta questão focalizava fatores sociais: *A concordância verbal com o pronome tu é sensível a quais condicionadores sociais?* Esperávamos que: i) os mais velhos, os informantes com curso superior e as mulheres fizessem mais uso das formas morfológicamente marcadas do que os mais jovens, os menos escolarizados e os homens; ii) os informantes que avaliassem positivamente o termo *manezinho* fizessem mais uso de formas morfológicamente marcadas. Para a

variável ‘presença vs. ausência de marcas de concordância’ (com todos os dados – verbos e MDs) todos os grupos de fatores sociais controlados foram estatisticamente significativos. Já para a variável ‘concordância canônica vs. canônica modificada’, apenas a escolaridade se mostrou relevante (tanto na rodada contendo verbos e MDs, assim como na rodada separada só com verbos). Em relação à primeira variável, contrariando nossa expectativa, a presença de marcas de concordância tende a aparecer na fala dos mais velhos, dos menos escolarizados (Ensino Médio) e dos homens; por outro lado, confirmando nossa hipótese, a presença de marcas morfológicas é favorecida na fala dos informantes que avaliam positivamente o termo *manezinho*. Quanto à segunda variável, os menos escolarizados produzem mais a forma canônica modificada/assimilada e os mais escolarizados (Ensino Superior) favorecem a forma canônica de concordância. Na rodada somente com verbos o grupo de fatores *avaliação do termo manezinho* mostrou-se o único significativo para a variável ‘presença de marcas’ vs. ‘ausência de marcas’.

Esse resultado inesperado para os grupos de fatores sociais nos levou a fazer uma série de cruzamentos. Percebemos que há uma interferência significativa da classe de palavras (verbo e marcador discursivo): o uso de MDs com marcação assimilada aparece na fala dos mais velhos, dos menos escolarizados, dos homens (nenhum dos informantes mais jovens, com nível superior e do sexo feminino produziu MD com morfologia de P2 assimilada) e dos que fazem avaliação positiva do *manezinho*. Devemos, portanto, interpretar com certa cautela os resultados probabilísticos associados a cada grupo de fatores sociais.

A questão seguinte contemplava fatores geográficos: *A concordância verbal com o pronome tu é sensível a quais condicionadores geográficos?* Foram controlados grupos de fatores relacionados à diazonalidade/localidade, localismo e mobilidade. Nossa expectativa era que as marcas morfológicas de P2 (canônicas e assimiladas) estivessem mais presentes i) entre os informantes da zona não urbana – em razão de as localidades (Ribeirão da Ilha e Costa da Lagoa) serem mais conservadoras que as localidades da região Central; ii) entre os informantes mais identificados e integrados ao lugar de origem; e iii) entre os informantes com menor mobilidade social. Para as duas variáveis analisadas, foi apenas o grupo diazonalidade que se mostrou significativo: são os informantes da *zona urbana* que favorecem tanto a presença de marcas de concordância (vs. ausência de marcas), como as formas de concordância canônica (vs. formas

assimiladas) – resultado contrário à nossa hipótese inicial. Em contrapartida, são os informantes da *zona não urbana* que tendem a produzir formas de concordância canônica modificada.

Por fim, pretendíamos verificar: *É possível identificar marcas de identidade em relação ao fenômeno investigado na amostra Floripa?* Nossa crença era de que seria possível interpretar alguns dos resultados como indícios de marcas identitárias do florianopolitano. Prevíamos, inicialmente, com base principalmente nos trabalhos de Menon e Loregian-Penkal (2002) e de Loregian-Penkal (2004), que encontraríamos uma frequência significativa de presença de marcas de P2, corroborando a hipótese dessas autoras acerca da correlação entre a identidade do ilhéu e a marcação de concordância de P2 (diferentemente do que ocorre no Rio Grande do Sul, onde a aplicação da regra de concordância é baixíssima). Os resultados indicaram que, embora a maioria dos informantes (68%) utilize, em algum momento da fala, formas marcadas de P2, a taxa de marcação de concordância caiu de 50% (início da década de 1990 – amostra Varsul) para 14% (final da década de 2000 – amostra Floripa). Esse resultado mostra que a hipótese acima descrita, válida para a amostra Varsul de Florianópolis, já não se sustenta atualmente, ou pelo menos deve ser enfraquecida. Teríamos, então, uma resposta negativa para a questão formulada acima?

Acreditamos que há sim indícios de marcas de identidade em nossos resultados, que devem ser buscados em contextos específicos. Um desses indícios é a forte associação entre o fator *avaliação positiva do termo manezinho* e a presença de marcas de concordância (*vs.* ausência de marcas). Outros indícios dizem respeito à classe gramatical do item morfológicamente marcado em correlação com os fatores sociais clássicos, conforme vimos anteriormente: o fato de os MDs com marcação assimilada (*entendesse?*, por exemplo) ser praticamente categórico na fala dos mais velhos, dos menos escolarizados e dos homens parece revelar a presença de uma marca identitária nesse uso linguístico por informantes com esse perfil social. Essa interpretação é reforçada pelo resultado relativo à diazonalidade, uma vez que são os informantes da zona não urbana que tendem (embora levemente) a produzir a forma canônica modificada. Além disso, se considerarmos os resultados frequenciais para os grupos de fatores localismo e mobilidade, verificamos que são os informantes mais integrados e identificados com sua localidade e os informantes com pouca mobilidade que fazem mais uso de marcas de concordância verbal de P2, especialmente da forma canônica modificada. Assim, nossa hipótese interpretativa é de que há indícios de marcas identitárias relacionadas à

morfologia de P2, notadamente à forma assimilada presente particularmente em MDs; e que essas marcas são mais evidentes em indivíduos que apresentam determinadas características sociais que, de certa forma, estão associadas à valoração da representação do *manezinho*.

Por fim, julgamos que nossa pesquisa alcançou os objetivos a que se propôs e que os resultados acima descritos e interpretados são relevantes, especialmente por registrarem o estágio atual de variação entre *tu* e *você*, e na concordância com *tu*, interessante de ser observado comparativamente a outros estudos; e por ter evidenciado alguns indícios que podem ser interpretados como marcas identitárias.

No entanto, o trabalho apresenta limitações. Uma limitação que gostaríamos de registrar diz respeito ao controle das variáveis independentes, uma vez que deixamos de controlar: i) o grupo de fatores ‘tempo verbal’ – importante por conta do uso da forma assimilada –sse alternando com –ste no pretérito perfeito (fenômeno característico do falar do florianopolitano); ii) no grupo de fatores ‘pessoa do discurso reportado’, o fator ‘discurso do informante para o entrevistador’ – fator que apresentou resultados significativos tanto na pesquisa de Amaral (2003) como na de Loregian-Penkall (2004); iii) um grupo de fatores que levasse em conta (além da pessoa do discurso e das relações (as)simétricas) também as características sociais do entrevistador-entrevistado, já que a amostra Floripa tem a característica de ter sido organizada a partir de gravações realizados por diferentes entrevistadores. Outra limitação que gostaríamos de pontuar diz respeito às rodadas estatísticas: não controlamos o indivíduo, assim como fez Loregian-Penkall (2004), realizando uma análise na comunidade e análise no indivíduo. Por fim, de caráter mais geral, uma discussão mais aprofundada acerca de identidade e do tratamento do gênero no âmbito da sociolinguística variacionista são aspectos teóricos que ainda carecem de aprofundamento. No entanto, essas limitações poderão ser desdobradas em futuras pesquisas. Eis o desafio!

REFERÊNCIAS

AMARAL, Luís I. C. *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

AMARAL, Luís I. C. *A importância de variáveis estilístico-discursivas para as análises de fenômenos linguísticos variáveis*. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: EDUCAT, p. 47-68, 2002.

AMARAL, Luís I. C. *Varbwin: Varbrul através do windows*. Pelotas: UFPel, 2001.

ARAUJO, Adalice Maria de. *Franklin Cascaes, o mito vivo da Ilha (mito e magia na arte catarinense)*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

ARDUIN, Joana. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2005

BROWN, Roger; GILMAN, Albert. *The pronouns of Power and Solidarity*. In: SEBEOK, Thomas A. (Ed.) *Style in Language*. Cambridge: Massachusetts, The MIT Press, p. 253-449, 1960.

CALDAS FILHO, Raul. *ABC do Manezinho*. Florianópolis : Insular, 2003

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987 [1970].

CARUSO, Raimundo. *Vida e cultura açoriana em Santa Catarina – 10 entrevistas com Franklin Cascaes*. Florianópolis : Edições da Cultura Catarinense, 1997.

CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis : Ed. da UFSC, 2012.

CORRÊA, Carlos Humberto P. *História de Florianópolis – Ilustrada*. Florianópolis : Insular, 2005.

FANTIM, Márcia. *Cidade dividida – Dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis*. Florianópolis, Cidade Futura, 2000.

FISCHER, John L. *Social influences on the choice of a linguistic variant*. Word, 1958.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *O texto, sua linguagem e o glossário*. In: CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

GUY, Gregory. *As comunidades de fala: fronteiras internas e externas*. Abralim, 2001.

HAUSEN, Telma Acácia P. *Concordância verbal variável do pronome “tu” no interior do Estado de Santa Catarina*. Curitiba: UFPR, 2000, 121 p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2000.

LABOV, Willian. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

_____. *The intersection of sex and social class in the course of linguistic change*. Language Variation and Change, Cambridge, 1991.

_____. *The social stratification of English in New York*. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LOREGIAN, Loremi. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1996.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul*. Tese de Doutorado. Curitiba: UFPR, 2004.

MASCARELLO, Lidiomar José. *Varição na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos nativos na Costa da Lagoa*. Working Papers em linguística, nº esp.: 57-68, Florianópolis, 2010.

MENON, Odete P. S. & LOREGIAN-PENKAL, Loremi. *Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no Sul do Brasil*. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação e mudança no português falado na região Sul*. Pelotas: EDUCAT, p. 147-188, 2002.

MESSA, Gedeon Eloeno Rodrigues. *Entendesse?, sabe? e visse? como marcadores discursivos na Fala de Pelotas/RS*. Dissertação de Mestrado: Pelotas-RS, UFPEL, 2013.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2006.

PAGOTTO, Emílio Gozze. *Variação e(é) identidade*. Tese de Doutorado. Campinas, SP: Unicamp, 2001.

PAREDES DA SILVA, Vera Lúcia. *A variação você/tu na fala carioca*. Comunicação apresentada no 1º encontro de variação linguístico do Cone Sul, UFRGS, 1996.

PEREIRA, Nereu do Vale, *Ribeirão da Ilha – Vida e Retratos: Um distrito em destaque*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1990.

PIAZZA, Walter. *A colonização de Santa Catarina*. Florianópolis-SC. Lunardelli, 1994.

RAMOS, Myriam Pereira Botelho. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.

ROCHA, Patrícia Graciela. *A variação dos pronomes de segunda pessoa na língua falada nas comunidades de Ratonos e de Santo Antônio de Lisboa – Uma abordagem sociolinguística variacionista*. *Working Papers em linguística*, nº esp.: 69-81, Florianópolis, 2010.

ROCHA, Patrícia Graciela. *O sistema de tratamento do português de Florianópolis: um estudo sincrônico*. Tese de Doutorado. Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ROST SNOCHELOTTO, Cláudia Andrea. *Olha e vê: caminhos que se entrecruzam*. Tese de Doutorado. Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, UFRJ, 1998.

SEVERO, Cristine Görski. *Manezês e manezinho: Mutações da fala e da identidade*. Estudos Linguísticos. São Paulo, Campinas / Unicamp, v. 33, 2004.

SMAICLOVA, Gabriela. *Palatalização do /s/ em coda silábica o português falado na Costa da Lagoa em Florianópolis*. Working Papers em linguística, n° esp.: 33-44, Florianópolis, 2010.

SPESSATTO, Marizete Bortolanza. *Formas linguísticas inovadoras não conhecem fronteiras: nós/a gente na fala da população da Costa da Lagoa*. Working Papers em linguística, n° esp.: 82-93, Florianópolis, 2010.

VALLE, Carla Regina Martins. *Sabe? Não tem? Entende?: Itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ZILLES, Ana Maria Stahl; FARACO, Carlos Alberto. *Considerações sobre o discurso reportado em corpus de língua oral*. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: EDUCAT, p. 15-46, 2002.

ANEXO I

Rodada ternária (com concordância canônica, canônica modificada e sem concordância):

Grupo de fatores	Ocorrências %	Conc. canônica	Canônica modificada	Sem concordância	Total
Exp. do pronome					
implícito	Ocorrências %/P.R	23 5%/0,324	50 11%/0,386	374 84%/0,290	447
explícito	Ocorrências %/P.R	26 7%/0,339	13 4%/0,284	326 89%/0,378	365
Total	Ocorrências %	49 6	63 8	700 86	812
Classe gramatical					
Verbo	Ocorrências %/P.R	47 9%/0,697	35 6%/0,151	467 85%/0,152	549
Marcadores discursivos	Ocorrências %/P.R	2 1%/0,098	28 11%/0,452	233 89%/0,450	263
Total	Ocorrências %	49 6	63 8	700 86	812
Det. do referente					
Determinado	Ocorrências %/P.R	30 60%/0,331	56 11%/0,383	445 84%/0,286	531
Indeterminado	Ocorrências %/P.R	19 7%/0,331	7 2%/0,286	255 91%/0,383	281
Total	Ocorrências %	49 6	63 8	700 86	812
Tipo de discurso					
Discurso não reportado	Ocorrências %/P.R	35 5%/0,513	43 6%/0,175	591 88%/0,312	669
	Ocorrências %/P.R	14 10%/0,179	20 14%/0,525	109 76%/0,295	143

Discurso reportado	Ocorrências	49	63	700	812
	%	6	8	86	
Total					
Pessoa do discurso reportado					
Pessoa próxima	Ocorrências	6	8	35	49
	%/P.R	12%/0,243	16%/0,582	71%/0,175	
Pessoa não próxima	Ocorrências	7	11	47	65
	%/P.R	11%/0,224	17%/0,583	72%/0,194	
Próprio informante	Ocorrências	1	1	27	29
	%/P.R	3%/0,361	3%/0,058	93%/0,581	
Próprio informante	Ocorrências	14	20	109	143
	%/P.R	10	14	76	
Total					
Relações (as)simétricas					
Entre iguais	Ocorrências	13	16	61	90
	%/P.R	14%/0,629	18%/0,202	68%/0,169	
Superior para inferior	Ocorrências	1	2	37	40
	%/P.R	2	5	92	
		0,128	0,397	0,475	
Inferior para superior	Ocorrências	0	2	11	13
	%/P.R	0	15	85	
Total	Ocorrências	14	20	109	143
	%	10	14	76	
Interlocução entre as pessoas do D. Rep.					
De 3ª para 1ª pessoa	Ocorrências	11	13	58	82
	%/P.R	13%/0,582	16%/0,158	71%/0,260	

De 3ª para 3ª pessoa	Ocorrências %/P.R	1 8%/0,205	3 25%/0,582	8 67%/0,213	12
De 1ª para 3ª pessoa	Ocorrências %/P.R	2 4%/0,225	4 8%/0,291	43 88%/0,484	49
Total	Ocorrências %	14 10	20 14	109 76	143
Sexo					
Feminino	Ocorrências %/P.R	33 8%/0,593	24 5%/0,090	381 87%/0,317	438
Masculino	Ocorrências %/P.R	16 4%/0,106	39 10%/0,697	319 85%/0,198	374
Total	Ocorrências %	49 6	63 8	700 86	812
Idade					
+ velho	Ocorrências %/P.R	33 7%/0,377	45 9%/0,421	401 84%/0,202	479
+ novo	Ocorrências %/P.R	16 5%/0,266	18 5%/0,238	299 90%/0,497	333
Total	Ocorrências %/P.R	49 6%	63 8%	700 86%	812
Escolaridade					
Superior	Ocorrências %/P.R	24 5%/0,266	6 1%/0,271	440 94%/0,464	470
Básica	Ocorrências %/P.R	25 7%/0,392	57 17%/0,384	260 76%/0,224	342
Total	Ocorrências %/P.R	49 6%/0,34	63 8%/0,31	700 86%/0,34	812
Diazonalidade					
Urbana	Ocorrências %/P.R	18 6%/0,326	27 10%/0,357	232 84%/0,317	277

Não urbana	Ocorrências %/P.R	31 6%/0,340	36 7%/0,311	468 87%/0,349	535
Total	Ocorrências %	49 6	63 8	700 86	812
Localismo					
Bem integrado	Ocorrências %/P.R	40 6%/0,457	56 9%/0,233	538 85%/0,310	634
+ ou - integrado	Ocorrências %/P.R	9 5%/0,226	7 4%/0,442	162 91%/0,332	178
Total	Ocorrências %	49 6	63 8	700 86	812
Mobilidade					
Pouca mobilidade	Ocorrências %/P.R	24 8%/0,100	49 17%/0,617	222 75%/0,283	295
Muita mobilidade	Ocorrências %/P.R	10 5%/0,524	1 1%/0,132	172 94%/0,344	183
Média mobilidade	Ocorrências %/P.R	15 4%/0,458	13 4%/0,296	306 92%/0,247	334
Total	Ocorrências %	49 6	63 8	700 86	812
Avaliação do termo manezinho					
Negativa	Ocorrências %/P.R	9 8%/0,254	10 8%/0,437	99 84%/0,310	118
Neutra	Ocorrências %/P.R	12 3%/0,401	4 1%/0,107	327 95%/0,492	343
Positiva	Ocorrências %/P.R	28 8%/0,261	49 14%/0,566	274 78%/0,174	351
Total	Ocorrências %	49 6	63 8	700 86	812
Localidade					

Região Central	Ocorrências	14	26	135	175
	%/PR	8%/0,761	15%/0,91	77%/0,148	
Inglezes	Ocorrências	4	1	97	102
	%/PR	4%/0,100	1%/0,516	95%/0,384	
Costa da Lagoa	Ocorrências	11	14	120	145
	%/PR	8%/0,430	10%/0,240	83%/0,329	
Ribeirão da Ilha	Ocorrências	20	22	348	390
	%/PR	5%/0,176	6%/0,515	89%/0,309	
Total	Ocorrências	49	63	700	812
	%	6	8	86	

ANEXO II

Rodada binária – presença vs. ausência de marca de concordância

Grupo de fatores	Ocorrências %	Com concordância	Sem concordância	Total	P.R
Explicitação do pronome					
implícito	Ocorrências %	73 16%	374 84%	447	(0,53)
explícito	Ocorrências %	39 11%	326 89%	365	(0,46)
Total	Ocorrências %	112 14	700 86	812	
Classe gramatical					
Verbo	Ocorrências %	82 15	467 85	549	(0,58)
Marcadores discursivos	Ocorrências %	30 11	233 89	263	(0,33)
Total	Ocorrências %	112 14	700 86	812	
Det. do referente					
Determinado	Ocorrências %	86 16	445 84	531	(0,53)
Indeterminado	Ocorrências %	26 9	255 91	281	(0,44)
Total	Ocorrências %	112 14	700 86	812	
Tipo de discurso					
Discurso não	Ocorrências %	78 12	591 88	669	(0,47)

reportado					
	Ocorrências	34	109	143	
	%	24	76		(0,62)
Discurso reportado	Ocorrências	112	700	812	
	%	14	86		
Total					
Pessoa do discurso reportado					
Pessoa próxima	Ocorrências	14	35	49	
	%	29	71		0,59
Pessoa não próxima	Ocorrências	18	47	65	
	%	28	72		0,62
Próprio informante	Ocorrências	2	27	29	
	%	7	93		0,15
	Ocorrências	34	109	143	
	%	24	76		
Total					
Relações (as)simétricas					
Simétricas	Ocorrências	29	61	90	
	%	32	68		0,61
Assimétricas	Ocorrências	5	48	53	
	%	9	91		0,32
Total	Ocorrências	34	109	143	
	%	24	76		
Interlocução entre as pessoas do D. Rep.					
De 3ª para 1ª pessoa	Ocorrências	24	58	82	(0,56)
	%	29	71		
De 3ª para 3ª pessoa	Ocorrências	4	8	12	(0,54)
	%	33	67		

De 1ª para 3ª pessoa	Ocorrências	6	43	49	(0,39)
	%	12	88		
Total	Ocorrências	34	109	143	
	%	24	76		
Sexo					
Feminino	Ocorrências	57	381	438	0,46
	%	13	87		
Masculino	Ocorrências	55	319	374	0,55
	%	15	85		
Total	Ocorrências	112	700	812	
	%	14	86		
Idade					
+ velho	Ocorrências	78	401	479	0,63
	%	16	84		
+ novo	Ocorrências	34	299	333	0,32
	%	10	90		
Total	Ocorrências	112	700	812	
	%	14	86		
Escolaridade					
Superior	Ocorrências	30	440	470	0,37
	%	6	94		
Básica	Ocorrências	82	260	342	0,67
	%	24	76		
Total	Ocorrências	112	700	812	
	%	14	86		
Diazonalidade					
Urbana	Ocorrências	45	232	277	0,58
	%	16	84		
Não urbana	Ocorrências	67	468	535	0,46
	%	13	87		
Total	Ocorrências	112	700	812	
	%	14	86		

	%	14	86		
Localismo					
Bem integrado	Ocorrências	96	538	634	
	%	15	85		(0,52)
+ ou - integrado	Ocorrências	16	162	178	
	%	9	91		(0,42)
Total	Ocorrências	112	700	812	
	%	14	86		
Mobilidade					
Pouca mobilidade	Ocorrências	73	222	295	
	%	25	75		(0,43)
Muita mobilidade	Ocorrências	11	172	183	
	%	6	94		(0,53)
Média mobilidade	Ocorrências	28	306	334	
	%	8	92		(0,55)
Total	Ocorrências	112	700	812	
	%	14	86		
Avaliação do termo manezinho					
Negativa	Ocorrências	19	99	118	
	%	16	84		0,53
Neutra	Ocorrências	16	327	343	
	%	5	95		0,34
Positiva	Ocorrências	77	274	351	
	%	22	78		0,65
Total	Ocorrências	112	700	812	
	%	14	86		
Localidade					
Região Central	Ocorrências	40	135	175	
	%	23	77		(0,64)
Ingleses	Ocorrências	5	97	102	

	%	5	95	(0,30)
Costa da Lagoa	Ocorrências	25	120	145
	%	17	83	(0,55)
Ribeirão da Ilha	Ocorrências	42	348	390
	%	11	89	(0,48)
Total	Ocorrências	112	700	812
	%	14	86	

ANEXO III

Rodada binária - 'concordância canônica' vs. 'concordância canônica modificada'.

Grupo de fatores	Ocorrências %	Canônica modificada	Canônica	TOTAL	P.R
Explicitação do pronome					
implícito	Ocorrências	50	23	73	(0,57)
	%	68	32		
explícito	Ocorrências	13	26	39	(0,36)
	%	33	67		
Total	Ocorrências	63	49	112	
	%	56	44		
Classe gramatical					
Verbo	Ocorrências	35	47	82	0,34
	%	43	57		
Marcadores discursivos	Ocorrências	28	2	30	0,85
	%	93	7		
Total	Ocorrências	63	49	112	
	%	56	44		
Det. do referente					
Determinado	Ocorrências	56	30	86	0,55
	%	65	35		
Indeterminado	Ocorrências	7	19	26	0,34
	%	27	73		
Total	Ocorrências	63	49	112	
	%	56	44		
Tipo de discurso					
Discurso não reportado	Ocorrências	43	35	78	(0,44)
	%	55	45		
Discurso reportado	Ocorrências	20	14	34	(0,63)
	%	59	41		

Total	Ocorrências	63	49	112	
	%	56	44		
Pessoa do discurso reportado					
Pessoa próxima	Ocorrências	8	6	14	
	%	57	43		(0,46)
Pessoa não próxima	Ocorrências	11	7	18	
	%	61	39		(0,63)
Próprio informante	Ocorrências	1	1	2	
	%	50	50		(0,02)
Total	Ocorrências	20	14	34	
	%	59	41		
Relações (as)simétricas					
Simétricas	Ocorrências	16	13	29	
	%	55	45		(0,43)
Assimétricas	Ocorrências	4	1	5	
	%	80	20		(0,84)
Total	Ocorrências	20	14	34	
	%	59	41		
Interlocução entre as pessoas do D. Rep.					
De 3ª para 1ª pessoa	Ocorrências	13	11	24	
	%	54	46		(0,36)
De 3ª para 3ª pessoa	Ocorrências	4	2	6	
	%	67	33		(0,78)
De 1ª para 3ª pessoa	Ocorrências	3	1	4	
	%	75	25		(0,83)
Total	Ocorrências	20	14	34	
	%	59	41		
Sexo					
Feminino	Ocorrências	24	33	57	
	%	42	58		(0,16)

Masculino	Ocorrências	39	16	55	0,85
	%	71	29		
Total	Ocorrências	63	49	112	
	%	56	44		
Idade					
+ velho	Ocorrências	45	33	78	(0,48)
	%	58	42		
+ novo	Ocorrências	18	16	34	(0,55)
	%	53	47		
Total	Ocorrências	63	49	112	
	%	56	44		
Escolaridade					
Superior	Ocorrências	6	24	30	0,16
	%	20	80		
Básica	Ocorrências	57	25	82	0,65
	%	70	30		
Total	Ocorrências	63	49	112	
	%	56	44		
Diazonalidade					
Urbana	Ocorrências	27	18	45	0,26
	%	60	40		
Não urbana	Ocorrências	36	31	67	0,67
	%	54	46		
Total	Ocorrências	63	49	112	
	%	56	44		
Localismo					
Bem integrado	Ocorrências	56	40	96	(0,48)
	%	58	42		
+ ou - integrado	Ocorrências	7	9	16	(0,63)
	%	44	56		
Total	Ocorrências	63	49	112	
	%	56	44		

Mobilidade					
Pouca mobilidade	Ocorrências	49	24	73	(0,47)
	%	67	33		
Muita mobilidade	Ocorrências	1	10	11	(0,49)
	%	9	91		
Média mobilidade	Ocorrências	13	15	28	(0,57)
	%	46	54		
Total	Ocorrências	63	49	112	
	%	56	44		
Avaliação do termo manezinho					
Negativa	Ocorrências	10	9	19	(0,76)
	%	53	47		
Neutra	Ocorrências	4	12	16	(0,16)
	%	25	75		
Positiva	Ocorrências	49	28	77	(0,52)
	%	64	36		
Total	Ocorrências	63	49	112	
	%	56	44		
Localidade					
Região Central	Ocorrências	26	14	40	(0,41)
	%	65	35		
Inglezes	Ocorrências	1	4	5	(0,93)
	%	20	80		
Costa da Lagoa	Ocorrências	14	11	25	(0,13)
	%	56	44		
Ribeirão da Ilha	Ocorrências	22	20	42	(0,77)
	%	52	48		
Total	Ocorrências	63	49	112	
	%	56	44		